MARIA HELENA FURTADO SANTIAGO

A SUCESSÃO EM UNIDADES PRODUTORAS DE LEITE DE BASE FAMILIAR NA ZONA DA MATA MINEIRA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae.*

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2010

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

T
S235s
2010

Santiago, Maria Helena Furtado, 1964-
A sucessão em unidades produtoras de leite de base familiar na Zona da Mata Mineira / Maria Helena Furtado Santiago. – Viçosa, MG, 2010.
xiii, 109f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndice.
Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 88-94.

1. Leite - Produção - Aspectos sociais - Zona da Mata (MG : mesorregião). 2. Leite - Produção - Aspectos econômicos - Zona da Mata (MG : mesorregião). 3. Agricultura familiar. 4. Zona da Mata (MG : mesorregião). I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 637.1

MARIA HELENA FURTADO SANTIAGO

A SUCESSÃO EM UNIDADES PRODUTORAS DE LEITE DE BASE FAMILIAR NA ZONA DA MATA MINEIRA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 08 de julho de 2010.

Pesq. Márcia Cristina Teixeira da Silveira

Prof. Sebastião Teixeira Gomes

Profª Neide Maria de Almeida Pinto
(Coorientadora)

Profª Sheila Maria Doula
(Coorientadora)

Profª Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Orientadora)

Dedico ao meu marido Alberto, a concretização de mais um sonho que partilhamos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, pela paz e a certeza que esse caminho era necessário para meu crescimento espiritual. Foi em seu nome que essa pesquisa foi realizada.

A Universidade Federal de Viçosa e ao Programa de Pós – Graduação em Extensão Rural aos quais reverencio e agradeço por possibilitarem minha formação.

Uma dissertação não se faz sozinha, pessoas muito queridas estão ao nosso lado, nos mais alegres e dolorosos momentos, e nos possibilitaram alcançar o sucesso. Esse trabalho não seria possível sem o carinho e o apoio dessas pessoas, as quais eu agradeço especialmente:

À minha família que é a razão de meu viver e da minha luta. Meu marido e companheiro Alberto que possibilitou minha vinda para Viçosa, se fez presente desde a escolha do tema me incentivando e apoiando durante toda pesquisa. Essa dissertação é um 'projeto de vida nosso'! Iara, Ivo e Iran filhos muito amados, é por vocês, que dia após dia, procuro ser uma pessoa melhor.

À minha orientadora e para sempre amiga, Ana Louise, que com um sorriso sincero apoiou, confiou, incentivou e se fez presente efetivamente em todas as etapas do trabalho. Obrigada pela paciência, pelos incentivos, pelas contribuições e sugestões e, sobretudo, pelas lições de vida que me transmitiu durante todo o tempo de convivência.

Às co-orientadoras, Sheila e Neide pelo, profissionalismo e sabedoria.

Ao sempre presente, amigo André Soares de Oliveira, professor da UFMT Campus de Sinop, pelas contribuições desde a construção do projeto, leitura de capítulos. Seu incentivo e confiança me fortaleceram nessa empreitada

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós – Graduação em Extensão Rural que estenderam sua participação além do âmbito acadêmico, tornando-se meus amigos e companheiros.

Às minhas amigas de mestrado Adrianinha, Laene, Rose e os companheiros Tiago e Wandinho com os quais eu estabeleci uma sincera relação de amizade, ajuda mútua e confiança. Aos meus queridinhos de 2007, Ícaro, Simone, William e Ranah, companheiros no inicio dessa caminhada.

Aos colegas do grupo de pesquisa GERAR, que se tornaram companheiros.

Ao queridíssimo Riudo Paiva, que com seus e-mails me fazia respirar aliviada e

acreditar no sucesso dessa pesquisa.
Aos velhos amigos Valtinho e Mário da Motta sempre presentes na minha vida pessoal, se fizeram presentes ‘abrindo porteiras’ para realização da pesquisa.
Aos novos amigos da Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, instituição que orgulhosamente faço parte, me incentivaram e apoiaram nos momentos finais da redação da dissertação.
Aos produtores de leite familiares de Leopoldina, pela disposição em participar do trabalho e, principalmente, pela disponibilidade em me receber em suas propriedades e pela confiança depositadas nos resultados dessa pesquisa.
Á Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina, Lac, pelo apoio fundamental à realização deste trabalho. Em especial, Sr. José Nilton, César e os responsáveis pelas linhas de leite pela presteza e disponibilidade dispensada para coleta dos dados.
As pessoas especiais que descobri em Leopoldina, José Luiz do escritório local da EMATER; Cleverson do escritório local do IBGE; Sra. Nilza Cantoni, Plinio E. Fajardo Alvim, Luiz Otavio Meneghite do jornal Leopoldinense e José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa, presidente da ONG Felizcidade que propiciaram informações e apoio para essa pesquisa.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS ..... **vi**
LISTA DE QUADROS ..... **viii**
LISTA DE TABELAS ..... **ix**
RESUMO ..... **x**
ABSTRACT ..... **xii**
INTRODUÇÃO **1**
1.1 O Cenário da pesquisa **5**
1.2 Método de Coleta de Dados **8**
1.3 Procedimentos para análise dos dados **13**
1.4 Estruturação do trabalho **14**
CAPÍTULO I **15**
A INTERFACE DA AGRICULTURA FAMILIAR COM A ATIVIDADE LEITEIRA **15**
1.1 Atividade Leiteira: uma estratégia para a agricultura familiar **20**
1.2 O início da pecuária leiteira de base familiar na Zona da Mata mineira **22**
CAPÍTULO 2 ..... **32**
A SUCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR: FATORES INTERVENIENTES **32**
CAPÍTULO 3 ..... **40**
A ATIVIDADE LEITEIRA E O PROCESSO SUCESSÓRIO NAS UNIDADES PRODUTIVAS FAMILIARES EM LEOPOLDINA **40**
3.1 A atividade leiteira em Minas Gerais e na Zona da Mata Mineira **40**
3.1.1 Perfil das famílias produtoras de leite em Leopoldina 42
3.2 Estrutura do Patrimônio Fundiário nas unidades familiares produtoras de leite em Leopoldina **47**
3.3 A atividade leiteira, o nível e gestão da propriedade como fatores intervenientes no processo sucessório na atividade leiteira. **50**
3.4 Opinião sobre a atividade leiteira e perspectiva futura da atividade **63**
CAPÍTULO 4 ..... **66**
A GERAÇÃO DOS SUCESSORES: ESCOLHAS E EXCLUSÕES VELADAS **66**
4.1 Percepção dos filhos de produtores acerca da atividade leiteira **71**
4.2 Fatores intervenientes no processo sucessório **76**
4.2.1 Tecnologia, gestão, assistência técnica e renda 76
4.3 A influência das ações coletivas sobre o processo sucessório **77**
4.4 Fatores intergeracionais na definição do processo sucessório. **78**
4.5 Atratividade da vida urbana como um fator interveniente no processo sucessório **84**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **86**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **88**
APÊNDICES **95**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Minas Gerais, apresenta as mesorregiões 6
Figura 2: Responsável pela linha de leite e produtor de leite familiar do distrito de Piacatuba. 10
Figura 3: Presidente da Associação de 10
Figura 4: Responsável pela linha de leite e produtor de leite familiar do distrito de Providência. 10
Figura 5: Responsável pela linha de leite, acompanhante da pesquisadora e produtor de leite familiar do distrito de Piacatuba. 10
Figura 6: Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Famílias da Comunidade de Ribeiro Junqueira. Leite sendo entregue na plataforma, após coleta nas propriedades associadas. 11
Figura 7: Membros e funcionário da Associação de Produtores de Leite do Distrito de Tebas 11
Figura 8: Sucessor de produtor de leite familiar entregando leite no Tanque Comunitário do Distrito de Abaíba 11
Figura 9: Produtor de leite familiar entregando leite no 11
Figura 10: Pai, mãe e filho produtores de leite familiar no Distrito de Abaíba. 12
Figura 11: Possível sucessor, 3ª. geração de produtor de leite familiar no Distrito de Abaíba. 12
Figura 12: Jovens participantes do Projeto Transformar 13
Figura 13: Jovens participantes do Projeto Transformar 13
Figura 14: Diploma de um filho de produtor entrevistado. 13
Figura 15: Jovens participantes do Projeto Transformar e filhos de produtor de leite familiar entrevistados na pesquisa. 13
Figura 16 - Composição complementar da renda dos produtores. 46
Figura 17 - Forma de obtenção das terras por parte dos produtores divididos em categorias de acordo com a produção leiteira diária. 48
Figura 18 - Área da propriedade total e área destinada a atividade leiteira de cada categoria de produtor 49
Figura 19 – Animais nos diversos estratos de produção 52
Figura 20 – Reprodutor de unidade pesquisada 52
Figura 21 - Campineira numa unidade pesquisada (esquerda) e Gestor alimentando o gado no momento em que a pesquisadora chega à propriedade. 53
Figura 22 - Sucessor e os bezerros após a ordenha. 53
Figura 23 – Percentual dos produtores de leite que utilizam tipos diferentes de ordenha. 54
Figura 24 – Sucessores ordenhando. 54
Figura 27 – Situação dos locais de ordenha 55
Figura 25 - Local de ordenha no distrito de Piacatuba. 55
Figura 26- Funcionário ordenhando no distrito de Tebas 55
Figura 28 – Sucessor ordenhando em piso de pedra 56
Figura 29 - Chegada de novas vacas na propriedade, ... 56
Figura 30 – Justificativa dos gestores das unidades para a qualidade do leite comercializado 57
Figura 31 – Alternativas dos gestores das unidades para atender as exigências da IN 51. 58
Figura 32 - Tanque próprio 58
Figura 33 - Tanque próprio 58

Figura 34– Tipos de tanques de resfriamento de leite no município de Leopoldina .. 59
Figura 35 - Tanque da Associação dos Produtores de Leite de Tebas. 60
Figura 36 - Tanque comunitário de São Lourenço, distrito de Abaíba e seu responsável..... 60
Figura 37 - Local onde fica o tanque comunitário dos Valverde, comunidade de Tebas..... 60
Figura 38 - Tanques da Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Familiares da Comunidade de Ribeiro Junqueira..... 60
Figura 39 – Forma como os produtores percebem a atividade leiteira 63
Figura 40– Justificativas dos produtores de leite para a situação da atividade leiteira 63
Figura 41 - Razões para os gestores das unidades explorarem a atividade leiteira.. 64
Figura 42 – Percepção futura dos gestores das unidades para a atividade leiteira em suas propriedades..... 64
Figura 43– Faixa etária dos possíveis sucessores..... 66
Figura 44 – Escolaridade dos possíveis sucessores..... 67
Figura 45 – Cursos pretendidos pelos possíveis sucessores. 68
Figura 46 – Pretensão dos possíveis sucessores quanto ao seu futuro. 69
Figura 47 – Etapas da vida em que os possíveis sucessores..... 70
Figura 48 – Locais onde trabalham os possíveis sucessores 71
Figura 49 - Opiniões dos possíveis sucessores sobre a atividade 72
Figura 50 – Distribuição percentual dos possíveis sucessores sobre as vantagens . 73
Figura 51 - Desvantagens da atividade leiteira segundo os filhos de produtores. 74
Figura 52– Projetos dos produtores familiares de leite de Leopoldina. 74
Figura 53 – Opiniões dos produtores sobre futuro da propriedade. 75
Figura 54– Pretensão dos possíveis sucessores quanto à atividade a realizar no futuro. 76
Figura 55 – Forma de entrega do leite..... 78
Figura 56 – Motivos apontados pelos possíveis sucessores para deixarem o meio rural..... 79
Figura 57 – Percepção dos jovens quanto a reação dos pais em face de um projeto de 80
Figura 58 – Maneira como os produtores familiares de leite estimulavam os filhos em 81
Figura 59 – Opinião quanto ao momento de transferir a propriedade para 82
Figura 60 – Distribuição percentual do gestor da unidade de produção 82
Figura 61 – Opinião dos gestores sobre a escolha sucessor. 83
Figura 62 – Fator de atração dos possíveis sucessores pela vida na cidade. 85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perspectivas dos entrevistados em relação à atividade leiteira.....72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção dos Municípios da microrregião de Cataguases/MG – 2007 ... 41
Tabela 2 – Dados numéricos e percentual de unidades de produção com sucessores e sem sucessores, segundo estrato de produção diária de leite 42
Tabela 3 - Idade de início na atividade leiteira dos produtores de Leopoldina/MG, divididos em categorias definidas pela produção diária de leite nas propriedades. .. 43
Tabela 4 - Escolaridade dos produtores de Leopoldina, MG, divididos em quatro categorias definidas pela produção diária de leite nas propriedades. 44
Tabela 5 - Local de residência dos filhos da amostragem dos produtores leiteiros de Leopoldina/MG. 46
Tabela 6 - Envolvimento Familiar na produção leiteira da amostragem dos produtores de Leopoldina-MG. 47
Tabela 7 - Percepção futura dos gestores das unidades para a atividade leiteira em suas propriedades..... 65

RESUMO

SANTIAGO, Maria Helena Furtado, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa. julho de 2010. **A sucessão em unidades produtoras de leite de base familiar na Zona da Mata Mineira**. Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Coorientadoras: Neide Maria de Almeida Pinto e Sheila Maria Doula.

O leite é o produto que mais se destaca na agricultura familiar e tem desempenhado um papel fundamental na geração de renda deste segmento. De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, a atividade leiteira reduziu 25,8% no Brasil. Minas Gerais e Rio Grande do Sul possuem o maior número de propriedades leiteiras, no entanto, Minas teve a segunda maior redução. Atualmente, a pecuária leiteira vem sofrendo mudanças de grande importância e estas têm contribuído para o aumento da crise de perspectivas a qual se encontram muitas famílias rurais. Mudanças rápidas e significativas a partir da década de 90 – como o fim do tabelamento do preço do leite pago ao produtor, a abertura comercial para os países do Cone Sul, a estabilização da economia devido à implementação do Plano Real e a ampliação da participação do leite longa vida, o que nacionalizou o mercado de lácteos e elevou a concorrência interna – fizeram reduzir as margens de lucro por unidade de leite produzido. Soma-se aos fatos, a exigência constante da atividade leiteira, dado que as tarefas são realizadas diariamente, fazendo com que a maioria das famílias resida no meio rural. Acrescenta-se a este panorama, também, a diminuição do número de filhos, o aumento do nível de escolaridade e a atratividade do meio urbano. Esse contexto socioeconômico reserva várias mudanças e dificuldades em relação à sucessão hereditária nas unidades produtoras de leite de base familiar. Neste contexto, o referido trabalho tem como objetivo estudar a sucessão em unidades produtoras de leite de base familiar. Para tanto, realizou-se pesquisa teórica e empírica em Leopoldina, uma cidade de porte médio, na Zona da Mata Mineira, tentando compreender como as características socioculturais do grupo familiar, a infra-estrutura e a base tecnológica das unidades produtoras de leite influenciavam nas estratégias sucessórias utilizadas para a transmissão do patrimônio familiar. Como resultados da pesquisa ficou confirmada, na pesquisa, a hipótese apresentada de que os fatores culturais relacionados à cultura camponesa, como a forte hierarquia intergeracional, caracterizada pela centralidade do pai, bem como pela submissão da mulher, especialmente da jovem, podem ser considerados como fatores que incidem sobre o processo sucessório. Quanto a segunda hipótese

apresentada no trabalho que se refere à consideração da tecnificação como um fator favorável à sucessão em unidades produtivas familiares, vimos que o baixo nível não se constituiu em um fator restritivo à reprodução do modo de vida do agricultor familiar. Se a atividade em si apresenta limitações começa-se a procurar novas estratégias produtivas que permitam manter a condição de agricultor familiar. Já no que diz respeito à atividade leiteira, por esta ter uma geração de renda de frequência quinzenal ou mensal, propicia um contexto favorável à sucessão na agricultura, confirmando a terceira hipótese levantada.

ABSTRACT

SANTIAGO, Maria Helena Furtado, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa. July, 2010. **Succession in milk producing units of family based in the Zona da Mata Mineira**. Advisor: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Co-advisors: Neide Maria de Almeida Pinto and Sheila Maria Doula.

Milk is the product that stands out most in the family farm and has played a key role in generating income from this segment. According to the Agricultural Census of 2006, milk production decreased 25.8% in Brazil. Minas Gerais and Rio Grande do Sul have the largest number of dairy farms, however, Minas had the second largest reduction. Currently, the dairy industry has undergone major changes and these have contributed to the increasing stresses of perspectives which are many rural families. Rapid and significant changes from the 90s - as the end of pre milk prices paid to producers, the commercial opening to the Southern Cone countries, the stabilization of the economy due to the implementation of the Real Plan and the expansion of participation of milk long life, which nationalized the dairy market and increased domestic competition - have lower profit margins per unit of milk produced. Sum up the facts, the requirement of dairy farming, given that the tasks are performed daily, causing most of the families residing in rural areas. Added to this scenario, too, the declining number of children, increasing the level of education and the attractiveness of urban areas. This socioeconomic context reserve several changes and difficulties in relation to the hereditary succession in the units producing milk-based family. In this context, this work aims to study the succession into units producing milk-based family. To this end, we carried out theoretical and empirical research in Leopoldina, a medium-sized city, in the Zona da Mata Mineira, trying to understand how the sociocultural characteristics of the family group, the infrastructure and technological base of the units producing milk influenced the strategies succession in the transmission of the family patrimony. As the research results was confirmed in the research, the hypothesis presented in that cultural factors related to rural culture, as the strong intergenerational hierarchy, characterized by the centrality of the father as well as the submission of women, especially the young, can be considered as factors that influence the succession process. Regarding the second hypothesis presented in the work referred to the consideration technicization as a favorable factor for succession in family production

units, we saw that the low level was not a limiting factor in the reproduction of the lifestyle of the family farmer. If the activity itself has limitations begins to search for new production strategies that maintain the condition of the family farmer. In what concerns the dairy business, for having an income generation frequency biweekly or monthly, provides a favorable environment for agriculture in succession, confirming the third hypothesis.

1- INTRODUÇÃO

Essa dissertação se propôs a estudar a sucessão em unidades produtoras de leite de base familiar. Analisamos as características da sucessão nas famílias produtoras de leite em Leopoldina, uma cidade de porte médio, na Zona da Mata Mineira. Procuramos entender como as características socioculturais do grupo familiar, a infra-estrutura e a base tecnológica das unidades produtoras de leite influenciavam nas estratégias sucessórias utilizadas para a transmissão do patrimônio familiar. Buscamos, ainda, analisar a forma como os filhos e filhas percebiam estas estratégias sucessórias e a saída dos jovens para a cidade.

O interesse pelo tema da sucessão nasceu em decorrência deste ser um processo próximo da vivência familiar da pesquisadora. A convivência no meio rural permitiu-lhe observar de forma não sistematizada, ao longo da sua vida pessoal, as mudanças tanto nas estratégias sucessórias, como nas possibilidades que a gestão da propriedade assumiu. Destacamos como fatores que impulsionaram as transformações no meio rural: a proximidade campo-cidade, principalmente, devido à melhoria da malha viária, a maior facilidade de acesso aos meios de transporte e de comunicação e o crescimento do mercado de trabalho no próprio município.

Um outro fator que influenciou a pesquisadora a estudar o tema da sucessão em unidades produtoras de leite de base familiar foi o Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais (2006)[1]. O documento revelava dados referentes ao envelhecimento do produtor rural, mostrando que 74% dos filhos de produtores de leite tinham ido trabalhar na cidade. Neste sentido, Abramovay (2000) afirma que as mudanças demográficas no meio rural podem ser sentidas na diminuição do tamanho das famílias rurais nos últimos anos e, consequentemente, no aparecimento de um problema típico dos países desenvolvidos, em particular das sociedades européias: a crescente quantidade de unidades produtivas cujo destino está comprometido pela falta de sucessores. Tal fato tem começado a chamar a atenção dos pesquisadores. Entretanto, este não é um cenário que se possa afirmar

[11] Pesquisa elaborada pelo Prof. Sebastião Teixeira Gomes em parceria com SEBRAE-MG, FAEMG, SENAR MINAS E OCEMG. Foi realizada por amostragem, utilizando questionário e abrangeu 1.000 produtores de Minas Gerais nos diversos estratos de produção.

como constitutivo de todo o Brasil. Pesquisas no oeste de Santa Catarina, como a de Costa (2010) mostraram que lá este não é um problema grave, em virtude de apenas 12% dos estabelecimentos familiares habitados por casais com mais de 41 anos não registrarem a presença permanente de jovens. Todavia, este não foi o resultado encontrado pelo Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais (2006). Assim, investigar de forma mais restrita e detalhada a situação de um município da Zona da Mata Mineira poderá contribuir para a construção de um cenário mais claro sobre a situação da sucessão em unidades familiares produtoras de leite.

Ainda segundo, Abramovay (2000: 01), "*sob o ângulo econômico, a ausência de sucessores significa que os filhos que deixaram o negócio familiar, encontraram, provavelmente, oportunidades mais promissoras de geração de renda, na esmagadora maioria dos casos fora do meio rural*". Estes imóveis sem sucessores podem acabar por serem vendidos a pessoas que podem incorporar a terra como um dos ativos de suas carteiras de negócios, com a substituição dos agricultores familiares por unidades pertencentes a proprietários que ali não residiriam. O esvaziamento demográfico, econômico, cultural e político das regiões de predomínio da agricultura familiar poderia, assim, afetar os vínculos de proximidade e as relações de confiança construídas pelos agricultores familiares. Para Bianchini (2004) a migração dos jovens acarretaria, também, a perda de capital humano e social no campo, em decorrência de acreditar que seria neste segmento da população que se concentraria um melhor nível de acesso à educação no meio rural. Esta opção do jovem por sair poderia afetar a renovação da força de trabalho e mesmo a inovação e diversificação dos modos de produção e da economia local.

A importância de pesquisar o tema da sucessão em unidades produtivas familiares pode ser melhor avaliada, ainda, utilizando-se os dados do IBGE (2009), que apontaram que o Brasil contava naquela ocasião com 4,8 milhões de estabelecimentos rurais, dos quais, 85% eram representados pela agricultura familiar, que gerava 14 milhões de empregos no meio rural e produzia cerca de 60% dos alimentos consumidos no país. O valor bruto da produção da agricultura familiar correspondia a 38% da produção agropecuária. No que diz respeito, especificamente, à sucessão em unidades produtivas de leite, o Ministério do Desenvolvimento Agrário defende que seria fundamental priorizar estratégias de

fortalecimento na cadeia leiteira. Este segmento representa uma das atividades mais importantes para a geração de emprego e renda no campo, estando presente em 36% dos estabelecimentos da Agricultura Familiar, além de responderem por 52% do valor bruto da produção (ZOCCAL *et al*., 2005).

Apesar de a pecuária leiteira empregar pouco por unidade, seria importante se considerar que existem aproximadamente 500 mil agricultores familiares de leite no mercado formal e outros 500 mil no informal, o que totalizaria aproximadamente 52% da produção brasileira. No entanto, entre 1996 e 2000 em torno de 107 mil estabelecimentos desse segmento já haviam sido excluídos do fornecimento do leite. Segundo Zoccal (2008)[2], "*estes produtores e seus familiares são responsáveis por inúmeros empregos no comércio e nos serviços prestados nas pequenas cidades"(IBID.,p.6).* Quando analisou os dados preliminares do censo agropecuário de 2006, a autora se referiu ao protagonismo de Minas Gerais quanto ao número de propriedades leiteiras, embora acreditasse que tal situação estivesse ameaçada em decorrência da incomoda situação do Estado, com a segunda maior redução no número dessas propriedades.

Assim, compreender as estratégias sucessórias que o grupo familiar utiliza para a sua reprodução social e os fatores que concorrem para a efetivação ou não da sucessão em unidades produtivas familiares de leite se constitui no objeto deste estudo. Pode-se, ainda, destacar a importância deste estudo, pelo fato dele se deter sobre a análise das influências culturais no processo sucessório nas unidades produtivas de leite. Os poucos estudos existentes sobre a temática da sucessão têm tido um caráter muito descritivo do quadro existente, mas pouco explicativo acerca dos fatores causais associados a este fenômeno. Assumi-se, muito precipitadamente: 1) que há uma crise geral de sucessores em todas as regiões do Brasil, o que no caso do oeste de Santa Catarina tem se mostrado como não sendo verdadeiro ou pelo menos não tendo índices expressivos de propriedades sem sucessores como os encontrados pelo *Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais* (2006); 2) assume-se que os jovens vão para a cidade em busca de melhores opções de trabalho e renda, abandonando por completo o meio rural.

[2] Artigo: Leite: sobe a produção e cai o número de produtores, aponta Minas Gerais e Rio Grande do Sul possuem o maior número de propriedades com atividade leiteira: cerca de 210 mil unidades produtivas.

Enfim, o fenômeno sucessório na agricultura familiar é muito mais complexo, rico e diversificado do que parece, merecendo pesquisas mais minuciosas a seu respeito.

Nos interessou, particularmente, neste estudo averiguar a influência que teriam os fatores culturais sobre o processo sucessório em contraposição aqueles relativos à atração exercida pelo modo de vida urbano. A maior parte dos estudos que enfocam os entraves existentes dentro do processo sucessório aponta para o fato de que os jovens rurais estariam vivenciando uma crise de valores, oriunda da sociedade urbano-industrial, que priorizaria os projetos individuais e o salário em detrimento dos valores da sociedade rural calcados nos compromissos com a família. A vida moderna estaria, assim, influenciando na saída do jovem do campo, em virtude da intensificação cada vez maior das relações de troca com o mundo urbano.

Contudo, se considerarmos que é cada vez mais concreto e perceptível a aproximação do modo de vida rural do urbano, seja pelas possibilidades de acesso das pessoas que vivem no meio rural aos meios de transporte, moto, carro, ônibus, estradas melhor pavimentadas, que propiciam, hoje, um rápido deslocamento do campo para a cidade, e se considerarmos, também, que as possibilidades de acesso a bens e serviços já não estão circunscritas ao meio urbano, percebemos que hoje o sucessor na agricultura familiar poderia contar, ao permanecer no campo, com o melhor dos dois mundos, como afirmou Carneiro (1995). Assim, nos interessou investigar mais profundamente a influência dos fatores culturais que estariam envolvidos no processo sucessório na agricultura familiar, contrapondo-os a fatores relacionados a atratividade urbana.

A partir destas considerações levantamos as seguintes hipóteses sobre a sucessão na agricultura familiar: 1) Os fatores culturais relacionados à cultura camponesa, como a forte hierarquia intergeracional, caracterizada pela centralidade do pai, bem como pela submissão da mulher, especialmente da jovem, podem ser considerados como fatores que incidem sobre a decisão de saída do jovem do meio rural, acentuando o número de unidades produtivas familiares sem sucessores; 2) A tecnificação exigida para o exercício da atividade leiteira de caráter comercial é um fator favorável à sucessão em unidades produtivas familiares, em virtude de propiciar o aumento da renda conjugado com uma menor exigência de mão-de-obra; 3) A atividade leiteira por ter uma geração de renda, de frequência quinzenal ou

mensal, propicia um contexto favorável à sucessão na agricultura; 4) O grau de ações coletivas das famílias nas comunidades, associadas com a utilização de tanques de resfriamento de leite comunitários pelas unidades de produção de leite de base familiar, constitui um fator favorável à sucessão nas unidades de produção familiares.

Tivemos, enfim, como objetivo deste estudo compreender os fatores que influenciavam no processo sucessório nas unidades familiares produtoras de leite. Os objetivos específicos propostos nesta pesquisa foram: 1) Caracterizar o grupo familiar e as unidades produtoras leiteiras de base familiar no município de Leopoldina-MG; 2) Contextualizar a produção de leite do município; 3) Analisar o significado da propriedade e da atividade leiteira para os jovens; 4) Identificar as estratégias sucessórias e fundiárias construídas nas unidades familiares produtoras de leite em Leopoldina e analisar a sua influência na reprodução social das famílias.

A contribuição do presente estudo se situa, portanto, na tentativa de aprofundar a compreensão em torno da influência dos fatores culturais, relacionados à rigidez do controle da família sobre o indivíduo, no processo sucessório. Uma segunda contribuição deste estudo estaria, particularmente, na escassez de pesquisas sobre a especificidade da atividade leiteira em termos de perspectiva sucessória na agricultura familiar. O presente estudo se propôs a analisar as especificidades decorrentes desta atividade, analisando se ela traria consequências diferenciadas no quadro sucessório existente na agricultura familiar.

1.1 O Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada em Leopoldina, cidade de porte médio na zona da mata mineira. Esta cidade foi escolhida por apresentar uma forte tradição leiteira. Segundo dados do IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a contagem de 2007 apresentou o Município de Leopoldina com 49.915 habitantes, assim distribuídos: 43.494 na zona urbana e 6.421 na zona rural. Sua localização mostra uma proximidade com centros urbanos de médio porte como: Cataguases, a

22 km; Ubá, a 92 km; Muriaé, a 65 km; e Juiz de Fora, a 115 km. A localização do município pode ser considerada, assim, como um fator favorecedor para o escoamento da produção.

Figura 1 - Mapa de Minas Gerais, apresenta as mesorregiões mineiras e destaca o município de Leopoldina.
Fonte: Disponível no site: http://imagens.google.com.br

Dentre os municípios da região, Leopoldina apresenta uma peculiaridade importante: até a década de 90 ela apresentava-se como uma cidade que tinha *baixa atratividade urbana*, cenário que foi modificado no início dos anos 2000. No estudo sobre os impactos socioeconômicos resultantes do fenômeno de migração rural no estado de Minas Gerais realizado por Santiago et al. (2009)[3], os dados apontaram que o município de Leopoldina apresentava baixa atratividade urbana, alto desenvolvimento socioeconômico, e médio potencial de permanência no campo para o ano de 1991, sendo classificado no grupo de municípios de 'Tendência ao campo' por possuir um conjunto de variáveis mais favorável a vida no campo que na cidade, em termos de: *rendimentos rurais-urbanos*. Já em 2000, o município manteve o seu

[3] Para realização desta pesquisa sobre o êxodo nos municípios foram utilizados dados secundários do censo demográfico de 1991 e 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Foram utilizadas as seguintes variáveis: Rendimentos Rurais, Rendimentos Urbanos, % Expectativa de vida até 60 anos, População Rural, População Urbana, IDH, PEA Rural, PEA Urbano, Área Plantada, Renda per capita, % Alfabetizados de 15 ou mais anos, Domicílios para os anos de 1991 e 2000.

desenvolvimento socioeconômico, mas o potencial de permanência no campo baixou, passando o município a ser classificado como de '*Tendência ao êxodo'*. O município não empobreceu. Assim, a saída de parte de sua população em busca de melhores oportunidades de vida não guarda relação com uma mudança significativa no contexto municipal. Então, por que o município deixou de apresentar-se como de "*tendência ao campo*" e passou a ter "*tendência ao êxodo"*? Será que os fatores culturais, como o desejo dos filhos e, mais especificamente, das filhas, de romperem com a falta de autonomia e de liberdade na família poderiam ter influenciado nesta tendência ao êxodo? Teria tal mudança de configuração, de um município de "*tendência ao campo"* para um de "*tendência ao êxodo*" influenciado no processo sucessório nas unidades familiares produtoras de leite?

Em termos de possibilidades de estudo, a cidade oferece educação superior em três instituições, sendo duas particulares, que juntas perfazem um total de dez cursos superiores voltados para educação, saúde, direito e administração, e uma unidade do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET/MG com cinco cursos direcionados ao desenvolvimento industrial. Devido à proximidade com outras cidades, os jovens costumam se deslocar diariamente em busca de outros cursos nas cidades vizinhas como Cataguases e Muriaé. Ressaltamos que somente no inicio de 2010 iniciou um curso ligado às Ciências Agrárias na cidade de Muriaé oferecido pelo Instituto Federal de Educação Tecnológica IF-Sudeste e está em fase de implantação outro, na mesma área, em Leopoldina por uma Instituição Privada. A população tem acesso à saúde no município em hospitais e clínicas e em Muriaé encontra-se um hospital que é referencia nacional.

Atualmente, Leopoldina tem na agropecuária, destaque para a atividade leiteira, e na indústria, uma dinâmica marcada pela presença de micro e pequenas empresas. Leopoldina se destacou dos demais municípios da região por produzir o correspondente a 30,9% da quantidade total de leite da microrregião de Cataguases, muito acima dos demais municípios da região, os quais ficaram abaixo do patamar de 10%. Esta hegemonia na produção traduz a importância da pecuária de leite como fonte de renda para os produtores do município[4].

[4] A sede municipal tem uma altitude de 210 m e com clima dominante tropical, quente e úmido. As chuvas concentram-se no período de outubro a março. A estação seca dura de quatro a cinco meses

Procuramos, neste sentido, analisar na presente pesquisa, as características socioeconômicas e tecnológicas da sucessão nas famílias produtoras de leite, os fatores que influenciavam a sucessão nas unidades de produção e na atividade leiteira, bem como a percepção dos jovens, filhos e filhas, acerca das unidades familiares e, especificamente, acerca da atividade leiteira. Objetivamos, ainda, identificar as estratégias sucessórias utilizadas para a transmissão do patrimônio familiar, tentando perceber se havia um padrão na definição do filho sucessor entre as famílias da região e em que momento ocorria a passagem da gestão de uma geração para a outra.

1.2 Método de Coleta de Dados

Nossa pesquisa teve uma característica descritiva-explicativa. Fizemos o levantamento das condições socioprodutivas das unidades familiares que trabalhavam com leite e buscamos compreender a relação entre as variáveis que sobre ela incidiam. Iniciamos, utilizando a pesquisa documental em livros e na internet, com vistas a identificar aspectos sociais e econômicos da pecuária leiteira familiar, especificamente, na região da Zona da Mata Mineira. Concomitantemente, buscamos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicadores socioeconômicos relativos ao cenário atual do município de Leopoldina, da agricultura familiar e da atividade leiteira, o que imprimiu um caráter quantitativo a pesquisa.

Através desses dados buscamos caracterizar a população no meio rural e urbano no município e mediante o cruzamento de variáveis econômicas e sociais buscamos perceber a sua interferência na dinâmica das famílias produtoras de leite de base familiar e os indicadores de produção e de sucessão relacionados às mesmas. Em seguida, partimos para o trabalho de campo, quando aplicamos questionários, realizamos entrevistas e fizemos observações em loco, com visitas às propriedades. A pesquisa de campo durou dois meses, de 5 de outubro a 12 de novembro de

---

e coincide com os meses mais frios. A temperatura média anual é de 22,3ºC e a temperatura máxima ultrapassa 35ºC no verão.

2009, período em que se coletaram os dados primários junto aos produtores familiares de leite e seus filhos.

Para determinarmos a amostra da pesquisa, ou seja, selecionarmos as unidades produtoras de leite de base familiares adotou-se critérios relativos ao tipo de mão-de-obra, que deveria ser de base familiar, sendo a utilização de terceiros eventual, e contar ainda com até um empregado fixo. O segundo critério adotado para definir a amostra foi considerar membros da família aqueles indivíduos que independente de morar ou não sob o mesmo teto, estavam ligados por laços de consanguinidade e afinidade.

Utilizamos como técnica de amostragem a estratificação dos produtores segundo critérios geográficos e demográficos. Adotamos a divisão do IBGE, que reconhece seis distritos em Leopoldina e realizamos entrevistas com 57 produtores de leite de base familiar nestes seis distritos. O número de entrevistas levou em consideração os parâmetros de WerKema (1996), que considera que com um número mínimo de 30 elementos já é possível fazer inferências estatísticas. Desta forma, o delineamento da amostra foi não probabilístico, mas observou-se que a partir da 28ª entrevista os relatos começaram a repetir os conteúdos. Entrevistamos na sede do municipio de Leopoldina 2 produtores; em Piacatuba, 12 produtores; em Ribeiro Junqueira, 13 produtores; em Tebas, 13 produtores; em Abaíba, 8 produtores, e Providência, 10 produtores.

Para escolhermos em cada um dos distritos e na sede do município quais os produtores seriam entrevistados, aplicamos a técnica dos informantes privilegiados ou *experts.* Assim, contamos com a indicação dos responsáveis pelas linhas de coleta de leite nas propriedades para identificar unidades produtoras de leite de base familiar. Nesta técnica de formação das amostra, recorremos a Cooperativa de Produtores de Leite de Leopoldina (LAC) que disponibilizou os responsáveis por todas as linhas de leite que cobrem o município de Leopoldina para acompanhar a pesquisadora na visita *in loco.*

Em localidades onde a melhor referência de encontro com os produtores se dava a partir da participação deste no tanque comunitário, a LAC mediava o contato com o presidente da associação que nos acompanhava até o produtor ou indicava outro para esta incumbência. À medida que a pesquisadora se familiarizou com o

município, foram realizadas algumas entrevistas sem o acompanhamento do informante. Ressalta-se, porém, que em todas as visitas a cada uma das unidades produtoras de leite, a pesquisadora contou sempre, com a presença de um acompanhante, que lhe servia de apoio para alguma eventualidade com o carro ou com a estrada. O clima das entrevistas foi de muita cordialidade e interesse dos produtores em relação às questões a serem respondidas. A acolhida possibilitou um clima de descontração o que facilitou a interação.

Figura 2: Responsável pela linha de leite e produtor de leite familiar do distrito de Piacatuba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 3: Presidente da Associação de Produtores e produtor de leite familiar do distrito de Tebas.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 5: Responsável pela linha de leite, acompanhante da pesquisadora e produtor de leite familiar do distrito de Piacatuba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 4: Responsável pela linha de leite e produtor de leite familiar do distrito de Providência.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Salientamos que nenhum produtor de leite abordado se negou a responder a entrevista semi-estruturada. Para deixar o participante da pesquisa à vontade para emitir suas opiniões e também expressar informações de ordem pessoal, asseguramos a eles o anonimato. Em decorrência desse compromisso, esse

trabalho apresenta os participantes codificados. As entrevistas foram realizadas nas propriedades, tendo sido utilizado na maioria dos casos, caderneta para anotações e máquina fotográfica, o que possibilitou a construção de um acervo. Os entrevistados demonstraram interesse no registro fotográfico, tornando esse, um momento de descontração entre os presentes. Algumas entrevistas foram realizadas nas associações, local de convergência dos produtores familiares de leite, como nos distritos de Tebas e Ribeiro Junqueira.

Figura 6: Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Famílias da Comunidade de Ribeiro Junqueira. Leite sendo entregue na plataforma, após coleta nas propriedades associadas.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 7: Membros e funcionário da Associação de Produtores de Leite do Distrito de Tebas.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

No distrito de Abaiba, as entrevistas foram realizadas no tanque comunitário durante a entrega de leite dos produtores.

Figura 8: Sucessor de produtor de leite familiar entregando leite no Tanque Comunitário do Distrito de Abaíba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 9: Produtor de leite familiar entregando leite no Tanque Comunitário do Distrito de Abaíba.
Fonte: Acervo da autora – out de 2009

Ressalta-se, ainda, que a classificação dos produtores por estratos de produção foi feita com base nas informações dos entrevistados, visando alcançar uma representatividade que mesmo que não tenha sido estatística, permitiu caracterizar

diferentes contextos que envolviam a sucessão. Outro procedimento adotado na pesquisa foi entrevistar, de forma separada, os filhos e as filhas dos produtores de leite de base familiar que se dispuseram a participar da pesquisa.

Figura 11: Possível sucessor, 3ª. geração de produtor de leite familiar no Distrito de Abaíba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 10: Pai, mãe e filho produtores de leite familiar no Distrito de Abaíba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A ausência de filhos de produtores de leite no momento das entrevistas prejudicou a coleta, obtivemos somente 19 entrevistas com filhos e filhas dos produtores entrevistados. As razões apresentadas para a dificuldade de se encontrar os jovens nas unidades produtivas de base familiar foram muitas: eles estarem em horário de aula, ou trabalhando em outra propriedade, ou trabalhando na cidade, ou porque não moravam mais com os pais no meio rural. Portanto, apesar da procura por vários deles em outros espaços, nem sempre houve sucesso. Para entendermos o significado que os filhos e filhas de produtores rurais atribuíam à propriedade e a atividade leiteira, assim como o peso da cultura familiar e das experiências por eles vividas nos seus processos de decisão entre o rural e o urbano, buscou-se, outra estratégia de entrevista. A pesquisadora aproveitou o convite do articulador do Projeto Transformar[5], José Luiz Paixão, extensionista do escritório da EMATER em Leopoldina, para participar do evento de encerramento e diplomação dos Jovens Rurais do ano de 2009, na cidade de Muriaé, para ampliar o número de 19 entrevistas para 61, entrevistando mais 42 filhos (as) de produtores de leite.

[5] Projeto Transformar: uma nova Minas com a Juventude rural é um projeto de capacitação de jovens rurais implantado pela EMATER-MG. Somente podem participar jovens filhos de agricultores familiares. No final da capacitação cada jovem desenvolve um projeto dentro da área de seu interesse e com o apoio do técnico da Emater, busca acessar crédito para efetivar o projeto. Acredita-se que esta ação estimula o jovem a permanecer no campo, visto que abre horizontes para se obter lucro numa atividade agropecuária.

Figura 13: Jovens participantes do Projeto Transformar
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 12: Jovens participantes do Projeto Transformar
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 14: Diploma de um filho de produto entrevistado.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 15: Jovens participantes do Projeto Transformar e filhos de produtor de leite familiar entrevistados na pesquisa.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

1.3 Procedimentos para análise dos dados

A tabulação das respostas obtidas nas entrevistas foram relacionadas a: 1) as estratégias familiares de reprodução social ao longo do tempo, 2) as formas de efetivação da sucessão, 3) a relação entre a sucessão e o êxodo rural, 4) a inserção dos membros da família no mercado de trabalho no meio rural e urbano, 5) sucessão e herança, 6) as condições oferecidas ao sucessor antes, durante e depois da efetivação da sucessão, 7) as formas de incentivo à sucessão familiar, 8) a escolarização dos filhos como estratégia sucessória, 9) a socialização no mundo da pecuária leiteira e 10) a sucessão na atividade leiteira. Os dados relativos a estes itens foram analisados de acordo com o marco teórico elaborado na pesquisa. Já os dados secundários foram tabulados e receberam tratamento estatístico por meio do

software SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*, v.15.0, para Windows, que possibilitou a operacionalização das estatísticas descritivas.

Os produtores foram separados em quatro categorias definidas com base na produção diária de leite da propriedade, da seguinte forma “abaixo de 50”, “50 a 100”, “100 a 200” e “acima de 200” litros/dia. Os dados são mostrados com média e desvio padrão. Para as variáveis: Estado civil, Escolaridade e Idade foram construídas tabelas de contingência e aplicado o teste Chi-quadrado ($\chi 2$), foram tomados os nível de 95% significância (valor-p < 0,05). O teste Cochran foi usado para testar o envolvimento dos filhos, e da esposa na ordenha e também para verificar o uso de ordenha contratada entre os amostrados.

Para testar as diferenças entre o número de pessoas envolvidas na ordenha, foi feito o teste de Kruskal-Wallis. Este teste indicou diferenças entre as categorias confirmadas pelo teste de Mann-Whitney que compara as categorias par a par em ralação ao número de pessoas envolvidas na ordenha (variável dependente).

1.4 Estruturação do trabalho

No primeiro capítulo, aborda-se conceitualmente a agricultura familiar salientando a sua relação com a atividade leiteira. No Segundo Capítulo apresenta-se o desenvolvimento da pecuária leiteira na zona da mata mineira e a sua evolução no século XX. No Terceiro Capítulo, a sucessão na agricultura familiar é explorada teoricamente, através do mapeamento de duas perspectivas teóricas: a primeira ressalta a influência dos fatores culturais sobre a sucessão na agricultura familiar. Na segunda, evidenciou-se a influência advinda das condições econômicas e sociais mais amplas sobre os projetos familiares e individuais. No Terceiro Capítulo, salientou-se as especificidades da atividade leiteira para o processo sucessório em unidades produtivas familiares. Utilizou-se para tanto os dados empíricos coletados. No quarto capítulo, os dados coletados foram analisados buscando delinear o quadro sucessório nas unidades familiares de leite.

CAPÍTULO I

A INTERFACE DA AGRICULTURA FAMILIAR COM A ATIVIDADE LEITEIRA

Ao abordar o tema da “agricultura familiar brasileira”, observa-se que nos diversos setores da sociedade, como nas universidades, nos órgãos de pesquisa e de extensão e mesmo nas esferas do governo existem diversas conceituações. Essas diferenças conceituais têm gerado análises conflitantes sobre a agricultura familiar no Brasil. No presente trabalho a perspectiva teórica adotada acerca da agricultura familiar buscou revelar a sua diversidade e dinamicidade, considerando a influência de contextos socioeconômicos plurais.

Wanderley (2003) define agricultura familiar como um conceito genérico, que abarca uma diversidade de formas de produção organizadas em torno do trabalho da família. Segundo a autora, a constituição de tipologias de agricultores familiares já expressa a extraordinária capacidade de adaptação desses sujeitos sociais a contextos socioeconômicos distintos. Mas, independentemente da tipologia e da formação socioeconômica em que se desenvolve, a agricultura familiar corresponde a uma forma de organização da produção em que propriedade e trabalho estão estreitamente ligados à família. Isso significa que ao mesmo tempo em que a família é proprietária dos meios de produção, a terra, é ela também que conduz o trabalho realizado no interior da propriedade rural. Carneiro (1999) corrobora com esta definição, mas alerta para o fato dela abarcar uma grande variedade de agricultores, integrando em um único rótulo, grupos sociais heterogêneos. Para Lamarche (1993), a agricultura familiar não é apenas um elemento da diversidade, mas contém nela mesmo toda diversidade, conforme suas condições objetivas de produção.

> A noção de agricultura familiar repousa sobre a idéia de uma identidade entre família e exploração (...) No esquema da atividade familiar, a exploração fornece um retorno permitindo assegurar a subsistência do grupo e representa um patrimônio cuja transmissão aparece como um objeto essencial das estratégias de reprodução do grupo familiar. (Lamarche, 1993:104)

Martins (2001) define a agricultura familiar como uma unidade de reprodução social regulada por valores da tradição familiar, cujo núcleo está na relação direta com a terra e a produção agrícola. Para Carneiro (2000, p.155) a família camponesa apresenta "uma estrutura flexível, plástica, passível de incorporar valores e criar novas percepções práticas. Neste sentido, aponta inclusive a sua permeabilidade ao processo de individualização da sociedade moderna, o qual pode afetar as tradições camponesas, por flexibilizar a autoridade do pai de família. Segundo Carneiro (2000), "*para entendermos a dinâmica de reprodução da agricultura familiar é fundamental direcionar o olhar para os indivíduos e seus valores e identificar e reconhecer os princípios de coesão e de dispersão que atuam no interior do grupo familiar*" Carneiro (2000, p.156).

Na dinâmica da agricultura familiar, Carneiro (2000) aceita como pressuposto que o núcleo familiar orienta as relações de seus membros no âmbito da unidade de produção e fora dela, respondendo pela orientação técnica e execução das atividades, bem como pelo destino da produção. Neste sentido, a família sustenta uma rede de relações sociais diversificadas que não podem ser reduzidas a relações de trabalho. Esta especificidade estruturante da unidade de produção familiar aponta para a interrelação entre os domínios do parentesco e do trabalho (CARNEIRO, 2000: 155). No mesmo sentido, Martins se refere ao grupo familiar como "uma rede de relacionamentos de várias gerações, em vários lugares, mais do que simplesmente um agrupamento familiar nuclear" (MARTINS 2001: 2). Corroborando com esta perspectiva, Meyer Fortes (1974), nos estudos sobre o ciclo de desenvolvimento dos grupos domésticos, salienta:

> "o importante é que o crescimento e desenvolvimento físico do indivíduo estão incorporados num sistema social, através da educação na cultura de sua sociedade e a sucessão de gerações, através da incorporação na estrutura social. A continuidade e substituição física, ficam, portanto, convertidas em processo de reprodução social" FORTES (1974, p. 1).

Lamarche (1993) considerou que para compreender a agricultura familiar seria preciso salientar seu modo de funcionamento levando em conta o patrimônio sociocultural herdado das gerações precedentes, as suas raízes e o modo como os agricultores expressariam os seus projetos em relação ao futuro e orientariam as

suas estratégias de reprodução. Neste sentido, Carneiro (1998: 65) apontou que a família teria a capacidade de elaborar novas estratégias para se adaptar às condições econômicas e sociais de reprodução, e que esses rearranjos poderiam não ocorrer somente no plano das relações observáveis empiricamente.

Assim, podemos depreender que a inexistência de uma definição rigorosa e consensual sobre o estatuto conceitual da agricultura familiar não impede a generalização em torno da idéia de que o agricultor familiar é todo aquele sujeito que vive no meio rural e trabalha na agricultura juntamente com a sua família e com o seu entorno. Orientando-se por tal definição, concebe-se a agricultura familiar como uma forma social de organização do trabalho e da produção que abarca uma diversidade de formas de fazer agricultura, que se diferencia no espaço e no tempo. (Schneider e Niederle, 2008).

A discussão atual sobre a agricultura familiar mantém a consideração dos laços existentes na tríade terra, trabalho e família, e acrescenta mais um eixo de análise: o papel desempenhado pelos fatores culturais relacionados à sociabilidade camponesa na configuração dos destinos desses agricultores familiares. Wanderley (1999) parte da hipótese de que as transformações ocorridas na agricultura familiar advindas das influências da sociedade moderna, não produziram uma ruptura total e definitiva com as formas anteriores. Mesmo o agricultor familiar capitalizado é portador de uma tradição camponesa e foi, em grande parte, essa característica que lhe permitiu adaptar-se às novas exigências da sociedade.

Na exploração familiar "cada decisão importante é resultante de duas forças, uma representando o peso do passado e da tradição e a outra, a atração por um futuro materializado pelos projetos que ocorrerão no porvir" (LAMARCHE, 1993: 19).Nesta perspectiva, Giddens (1995) salienta que a tradição não deve ser interpretada como um apego irracional a elementos arcaicos e nem "*diz respeito apenas à celebração de um passado inalterável ou à defesa do 'status quo'"*, pois é também uma forma de olhar o futuro (Giddens,1995: 127). Carneiro (1997), corrobora com esta perspectiva, quando se refere as constatações dos pesquisadores europeus destacando que para eles os agricultores familiares têm partido da cultura camponesa tradicional para formular saídas para a crise da economia, provocadas pelas medidas modernizadoras. De maneira análoga, também no Brasil, a maneira

como o agricultor familiar recebeu e adaptou às suas necessidades o padrão de modernização da agropecuária brasileira trazido pela revolução verde mostra esta capacidade de adaptação face às influências externas. Assim, nesses sistemas de produção de base familiar, procura-se em primeira instância satisfazer as necessidades da família utilizando técnicas, tradicionais, que viabilizem a utilização o máximo possível dos insumos e mão de obra que existem na propriedade, mas sem se fechar para as inovações, que se apresentem como compatíveis com as suas necessidades.

Notoriamente o desenvolvimento capitalista ocorreu de modo contraditório e desigual, assim como o processo de modernização do campo brasileiro não foi capaz de integrar todas as terras e todas as regiões na produção para o mercado. Os agricultores familiares foram afetados na competição comercial, em função do tamanho da área que possuem, da escala de produção, da disponibilidade de mão-de-obra e mesmo por seu modo de vida não ser marcado, sobremaneira, pela construção de projetos de caráter competitivo. Contudo, buscando a sua sobrevivência parte dos agricultores familiares adotaram estratégias produtivas que, de modo geral, não se opõem ao mercado, pelo contrário, objetivam o aumento da competitividade, na medida em que visam produzir “o que é possível vender em condições mais vantajosas em termos de preço e lucro” (BRUMER, 1995, p. 225).

Assim, os agricultores familiares têm buscado dentro do circuito da produção agropecuária a sua reprodução. Têm adotado além da tecnificação e da integração à agroindústria, uma estratégica diversificação produtiva, a introdução de inovações no processo de comercialização, a participação em mercados diferenciados ou especializados, e formas de organização como o cooperativismo e associativismo. Lamarche (1993; 1998) desenvolve uma análise da agricultura familiar como uma forma de organização da produção heterogênea. Baseado em critérios que transitam pela relação com a terra, a importância do trabalho familiar, a estrutura familiar, a relação da representação familiar com o estabelecimento, a intensificação do sistema de produção, os aspectos financeiros, a integração ao mercado e a dependência alimentar, Essa diversificação econômica, cultural e ocupacional e as mudanças no âmbito das famílias rurais estariam gerando uma nova forma de divisão do trabalho que se expressa na diversidade de possibilidades de transformações no espaço rural que, segundo Schneider (2003), se operam

mediante mudanças ocupacionais, a ampliação das atividades não agrícolas e as alterações sócio-culturais, que influenciam um novo modelo de família: a pluriativa. A pluriatividade está ligada à diversificação no uso do espaço rural e a inserção dos membros da família rural no mercado de trabalho, muitas vezes em atividades não agrícolas, ampliando-se as possibilidades de atividades econômicas para além do rural.

A pluriatividade é para Carneiro (2006) a combinação de ocupações agrícolas e não-agricolas por membros de uma mesma família diante de um contexto econômico e sociocultural favorável a novos ingressos no mercado de trabalho. É importante frizar que o núcleo familiar não é desfeito, a unidade de produção permanece como elo e ponto central de união dos indivíduos. Carneiro (2006), salienta que a inserção de membros da família no mercado de trabalho não representa a quebra de sua autonomia, uma vez que a família agrícola sempre esteve articulada com o mercado de trabalho, de produção e de consumo. De modo inverso, o aumento da renda possibilitaria o aumento da autonomia familiar podendo esta ampliar o investimento na unidade produtiva familiar. Não se trata de um fenômeno com um único sentido, mas de um processo histórico onde estão inseridas as diversas formas de reprodução social adotadas por esses agricultores.

É esse contexto tão repleto de singularidades que nos impele a conhecer melhor a grande diversidade de processos específicos, em sua especificidade complexa, pois a consistência de qualquer generalidade que o pesquisador "*consegue alcançar surge da delicadeza de suas distinções, não da amplidão das suas abstrações*" (GEERTZ, 1978, p. 35). Em outras palavras, trata-se de ampliar o conhecimento sobre as estratégias específicas dos grupos de agricultores familiares, analisando não só os aspectos mais visíveis das articulações que constrói, mas, também, as particularidades e os aspectos simbólicos e culturais envolvidos nas suas dinâmicas sócio-reprodutivas. Segundo Guanziroli e Caram (2000), cada tipo de agricultor é portador de uma racionalidade especifica e imbricada no processo de modernização tecnológica rural, diante do qual alguns grupos de agricultores familiares são os mais vulneráveis.

Frente a essa realidade, a atividade leiteira compõe uma produção atraente para o agricultor familiar, pois proporciona autonomia relativa para os produtores que contam com a mão-de-obra de cunho familiar no desempenho das práticas produtivas, em função do baixo risco da atividade, da elevada

liquidez do capital imobilizado em animais e da freqüência diária, quinzenal ou mensal do fluxo de receitas da atividade (VILELA, *et al.* 2002). Assim buscaremos analisar se atividade leiteira propicia um contexto favorável à sucessão na agricultura familiar na região da zona da mata mineira.

1.1 Atividade Leiteira: uma estratégia para a agricultura familiar

O leite é o produto que mais se destaca na agricultura familiar, estando presente em 36% dos estabelecimentos da Agricultura Familiar e de responder por 52% do valor bruto da produção (ZOCCAL ET AL., 2005). No cenário de estudos a respeito das estratégias de reprodução das unidades produtivas leiteiras, podem-se destacar alguns autores, como por exemplo, Kageyama (2001), Corona e Possamai (2003) e Campos *et al* (2002), que evidenciam a importância da atividade leiteira para a agricultura familiar.

Estes autores destacam que Minas Gerais e Rio Grande do Sul possuem o maior número de propriedades com atividade leiteira. De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, enquanto a atividade leiteira, em 1996, estava presente em 37,2% do total de estabelecimentos agropecuários brasileiros, em 2006 ela reduziu a sua presença para 25,8%. Minas é o segundo estado com maior redução no número de propriedades leiteiras, passou de 264.823 unidades 220.656 unidades, resultando em 44.167 estabelecimentos a menos durante o período.

O contexto atual da atividade leiteira na Zona da Mata Mineira é, em grande parte, composto por produtores de pequenas escala, não especializados, que se dedicam a outras atividades para complementar a sua renda. Este fato encontra ancoradouro na própria gênese da produção leiteira no Brasil. A pecuária leiteira é praticada em todo território nacional e as condições climáticas do país permitem a adaptação da atividade às peculiaridades regionais. Assim, diversas formas ou modelos de produção de leite se apresentam com diferentes graus de especialização. As áreas de maior concentração de produção de leite estão localizadas nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Santa Catarina (ZOCCAL e GOMES, 2005).

Segundo Rubez (2003) a pecuária leiteira do Brasil nasceu em 1532, quando

a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza trouxe da Europa para a então colônia portuguesa, os primeiros bois e vacas. Como na Europa, este rebanho não tinha uma finalidade especifica. Primeiramente, os animais foram utilizados como força de trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar e, posteriormente, como animais de corte em algumas regiões do país. O consumo de leite, até então, era de caráter secundário com poucas vacas sendo mantidas para esta atividade. A atividade leiteira em moldes artesanais e domésticos passa a ser realizada nas fazendas do interior ou nos sítios do entorno dos centros urbanos, somente no século XVIII. Os criadores ingleses aplicaram métodos de seleção animal e obtiveram as raças pioneiras na produção leiteira como o Jersey, Shorthorn, Ayrshire (MAMIGONIAN e FREITAS, 1976).

Além dos ingleses, os holandeses, assim como os franceses e os suíços também se dedicaram a especialização de raças para a produção leiteira, sendo o gado holandês amplamente utilizado no Brasil. As condições climáticas e pastagens influenciaram o cruzamento do gado europeu com o zebu o que resultou em animais rústicos completamente adaptados no território brasileiro.

Segundo Mamigonian e Freitas (1976), no fim do período colonial o rebanho bovino já estava disseminado nas três principais regiões do Brasil: o sertão nordestino, a região Sudeste com destaque para o Estado de Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Prado Jr. (1987) atribui o desenvolvimento da atividade leiteira a necessidade de ocupação de áreas muito extensas. A primeira especialização do gado leiteiro, a raça turino, de origem portuguesa, foi introduzida no país no século XIX e a raça holandesa, o mais importante de todos os leiteiros, no inicio do século XX, nas vacarias ou invernadas próximas a Salvador e ao Rio de Janeiro (MAMIGONIAN e FREITAS, 1976). A atividade leiteira começou a se firmar com a necessidade de leite fresco para as cidades.

1.2 O início da pecuária leiteira de base familiar na Zona da Mata mineira

A agricultura familiar na região da Zona da Mata de Minas Gerais não foi produto de um processo de colonização como no sul do país. Ela nasceu em conseqüência da demanda por alimentos gerada pela exploração aurífera e apresentou, desde o seu inicio, um forte caráter mercantil, que perdurou mesmo após o fim da mineração, quando se firmou ao lado da expansão da cultura cafeeira. A expansão da atividade agropastoril, na Zona da Mata mineira se intensificou no final dos anos setecentos, tendo como reflexo a fixação de povoados ao longo de rios e a implantação de uma série de capelas.

Figura 16: Capela da Fazenda Floresta, Distrito de Providência, município de Leopoldina
Fonte: Acervo da autora – out de 2009.

Segundo BLASENHEIM, (1982) a partir de 1810 ouve uma entrada expressiva de fazendeiros na zona da mata mineira devido a uma serie de vantagens como privilégios, isenções fiscais e a doação de sesmarias. Assim, houve o desenvolvimento da pecuária e a diversificação da agricultura, como conseqüências mais importantes da crise de superprodução de café na região. Neste processo de colonização prevaleceu a formação de latifúndios monocultores. Valverde (1958)

salienta que a criação do gado leiteiro sempre acompanhou a história da Zona da Mata mineira. No início como atividade secundária. Criava-se gado apenas para os serviços da fazenda e para abastecê-la de carne e leite. No final do século XVIII e no início do século XIX, Prado Jr.(2006) se refere ao fortalecimento da produção de leite na região da Zona da Mata mineira e reconhece sua importância social e econômica, para o abastecimento das regiões mineradoras. Diante da crise do café, no início do Século XX, a possibilidade de uma indústria pecuária despertava ainda mais entusiasmo nos produtores, em virtude do crescimento do capim nas terras esgotadas pelo café e a proximidade do mercado carioca oferecerem condições alternativas para o enfrentamento da crise.

Os fazendeiros da Mata iniciaram a transformação da economia regional por sua própria conta. A pecuária aparecia como a alternativa mais promissora para acabar com um sistema de monocultura que tinha sido desastroso. “Não era coincidência, que Leopoldina e Cataguases liderassem a região na exportação dos produtos de leite, já que os dois municípios tinham sofrido mais com a baixa produção de café do que com seus preços baixos” (BLASENHEIM,1982). Ou seja, o café, embora importante para a economia da região, como mostra a figura abaixo, que traz a exuberância de uma fazenda colonial, não tinha a mesma proeminência que em outras regiões. Leopoldina é considerada por Valverde (1958) como uma zona leiteira velha.

Figura17: Fazenda Paraíso, município de Leopoldina.

A data possível do advento da pecuária leiteira na região de Leopoldina, segundo Valverde (1958), situa-se entre 1910-1912, época em que passou a se sobrepor ao café. Em 1912 fundou-se a primeira usina de laticínios do município de Leopoldina, no distrito de Abaíba e neste período, os produtos derivados do leite começaram a ser comercializados para o Rio de Janeiro. Essa comercialização de leite e derivados se beneficiou, a princípio, da estrada de ferro que chegou em Leopoldina no ano de 1877, como um meio essencial para escoar o café.

Figura 18 : Estação Ferroviária no município de Leopoldina
Fonte: Acervo da autora – out de 2009.

A construção da rodovia Rio - Bahia, na década de 1950, fortaleceu a posição de entroncamento de comunicação o que acarretou uma grande expansão no setor industrial no município. No início do século XX, Leopoldina passou a se dedicar intensivamente à pecuária leiteira. A partir da década de 20, algumas indústrias de beneficiamento e distribuição de leite começaram a surgir, e a maior produção de leite *in natura* desperta o interesse das empresas multinacionais, mais tecnificadas, como por exemplo, a Nestlé. Neste contexto, empresas de âmbito familiar, também, começaram a instalar-se em cidades do interior especialmente no sul de Minas Gerais.

Atrelada com a industrialização e o crescente aumento populacional das cidades entre as décadas de 30 e 40, surgem as bacias leiteiras e novas empresas do setor

de laticínios passam a atuar, especialmente nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. O sul de Minas se transforma na primeira região especializada na produção leiteira no Brasil. Vários laticínios daquela região escoavam a sua produção através das ferrovias. Em contrapartida, o gado que não era especializado na produção de leite foi deslocado para Goiás e Mato Grosso.

As décadas de 30 e 40 marcaram um novo período para a pecuária leiteira com a expansão da criação de bovinos e desenvolvimento de novas bacias leiteiras. Em Minas Gerias, a região sul, sudoeste e do Triangulo Mineiro passaram a se destacar. Em Leopoldina, a partir da década de 30 passa a ser realizada a maior festa da cidade: a Exposição Agropecuária. Esta é a mais antiga do gênero no país, com o famoso concurso leiteiro. Em 1943 foi fundada a Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina (LAC). Em meados da década de 40, o governo federal instituiu o tabelamento do preço do leite, passando a interferir diretamente na política de preços do leite fluido no País. (ALVES, 2000).

A década de 50 marca a pecuária leiteira, pois esta entra na sua fase dita moderna, representando as rodovias um importante avanço para a cadeia produtiva do leite, por dinamizar o tempo de beneficiamento do produto. O setor leiteiro logrou avanço mediante o desenvolvimento das rodovias, ainda que nem todas pavimentadas, se tornaram alternativa para o transporte do leite a granel, passando as mesmas a constituírem na principal via de escoamento da produção. O produtor também se beneficiou, pois o leite que antes era entregue no posto de resfriamento por tração animal, passa a ser recolhido por caminhões de coleta que vão até as propriedades. Teixeira (2001) se refere ao aumento do tamanho das bacias leiteiras como conseqüência da ampliação do sistema rodoviário por possibilitar a redução do tempo entre a saída do leite da fazenda e a chegada à plataforma do posto ou da indústria.

Nos anos 60 o revolucionário leite tipo B ganha expressão nacional (RUBEZ, 2003). Até o final dos anos 60 não existiam as embalagens de plástico e o leite era comercializado nas cidades em embalagens de vidro que deveriam ser devolvidas ou entregues nas portas das casas em latões. As donas de casa costumavam deixar canecas nas janelas à espera do leiteiro. A evolução do complexo leiteiro brasileiro, a partir da década de 60, segundo Wilkinson (1993) apresenta três períodos

distintos. O primeiro período, compreendendo meados dos anos 60 até o início da década de 80 pode ser caracterizado pelo aumento da demanda do leite fluido pela crescente população urbana. Outra mudança foi a adoção de novos padrões de consumo de derivados do leite. Também a chegada das embalagens plásticas de polietileno ao mercado facilitou a produtividade da indústria de laticínios, que passou por um processo de intensa diversificação e expansão dos seus mercados. No entanto, a sazonalidade da produção leiteira, patente nesse período, constituía-se em um grande obstáculo à modernização industrial.

Em decorrência destas mudanças no sistema produtivo, no beneficiamento, nas embalagens e no escoamento, a especialização da atividade produtiva passou a ser incentivada. Introduziu-se um sistema de preços baseado na produção por "cota", obtida a partir da média da produção durante a entressafra. A produção adicional de leite além da "cota" passava a ser desincentivada com preços declinantes, o produtor de leite era estimulado a reduzir as oscilações sazonais da produção.

Segundo Miguel (1996), o segundo período da produção de leite no Brasil teve início nos anos 80, estendendo-se até o governo Collor. A crise econômica resultou em uma redução da demanda e dos recursos para a pecuária. Ocorreu um incentivo às importações e o grande crescimento do mercado de Leite Longa Vida. Assim como para Wilkinson (1993), o segundo período, referente ao impacto da crise econômica da década de 80 reforça as dificuldades do setor leiteiro. O autor salienta a redução da demanda e dos recursos disponíveis para a pecuária, o que inibiu o crescimento da produção e estimulou as importações de leite em pó, assim como o controle dos preços, contribuindo para bloquear a modernização do setor.

Nesse contexto, o mercado que apresentou maior dinamismo foi o de leite longa vida, que apresentou um crescimento de aproximadamente 150% na década de 80, revolucionando por completo o mercado de leite fluido brasileiro. Os baixos preços do leite desestimulavam a venda da matéria-prima dos pequenos produtores para as indústrias e estas, por sua vez, não conseguiam suprir a demanda de leite requerida. Esses fatos, aliados à falta de conscientização da população quanto aos perigos da ingestão do leite cru, revigoram o comércio informal de leite, com sérios prejuízos para o setor de laticínios no País.

O terceiro período na produção de leite no Brasil é compreendido pelo regime de

liberalização de preços a partir de 1991, quando ocorreu a integração regional. Segundo Wilkinson (1993) esta seria a década de transição da economia leiteira brasileira. Também para Miguel (1996) o início do terceiro período foi em 1991, durante o governo de Collor, quando ocorreu a desregulamentação do setor com o fim do tabelamento de preços, tanto para o produtor, como para o consumidor. Ocorreu também a retração na demanda devido às políticas econômicas, saída do Governo Federal dos Programas Sociais de Leite e o aumento das importações de produtos lácteos. Intensificando a posição das multinacionais por meio do processo de fusões ou aquisições.

Segundo Martins(2005) este período que se inicia em 1991 levou a que os investimentos no negócio leiteiro passassem a ser bem mais atraentes aos grandes do setor, o que desencadeou uma reorganização da agroindústria do leite (DÜRR, 2004). Discutindo a competitividade na atividade leiteira, Calegar (1998) se refere a uma grande heterogeneidade de perfis tecnológicos, reduzido volume médio de produção, baixa produtividade, altos custos, baixo padrão de qualidade, tecnologia tradicional, deficiente capacitação técnica e gerencial da mão-de-obra e baixo grau de integração da cadeia produtiva como características encontradas na pecuária leiteira brasileira nesse período.

FELLET (2001) apontou mudanças dos números da pecuária nacional em resposta às medidas tomadas com o Plano Real, mostrando que houve um aumento do consumo de produtos lácteos de aproximadamente 39% na produção em dez anos. Entretanto, esse aumento de produção não foi suficiente para melhorar a renda do produtor devido à tendência de diminuição nos preços pagos ao produtor nessa época: nos Estados de SP, MG, GO, PR e RS, onde se concentrava a maior produção nacional, o preço médio pago ao produtor foi de R$ 0,52/litro, em 1990, R$ 0,40, em 1994, R$ 0,31, em 1999, e R$ 0,33, em 2000. A região Sudeste foi responsável por 47% da produção de leite do país. Assim, estabilização da economia trazida pela implementação do Plano Real favoreceu a produção de leite no Brasil.

Podemos observar, então, que a partir do fim da intervenção do estado no controle do preço do leite em 1991, promovendo uma maior abertura para o mercado e a massificação do uso do leite longa vida (Gomes, 2003), um novo ambiente de forte

concorrência se instalou no setor. Dentre as várias transformações em curso, ocorreu um grande aumento da produção de leite após a abertura do mercado e o crescimento dos ganhos de produtividade (Gomes, 2003). O Brasil passou a condição de quinto maior produtor mundial de leite (considerando a União Européia como um único país) com uma das maiores taxa de crescimento nos últimos dez anos.

Entretanto, o crescimento da produção tem revelado numa estrutura altamente assimétrica, onde muitos produzem pouco e pouco produzem muito, dificultando a análise agregada e evidenciando um alto custo social, uma vez que o país possui aproximadamente 1 milhão de produtores de leite. Este crescimento tem se dado em um ambiente de grande instabilidade de preços do leite, desafiando os sistemas de produção a se ajustarem ao comportamento do mercado. Neste contexto o sistema de produção de leite a pasto ganha importância, pois possibilita melhor ajuste aos custos de produção ao longo do ano, quando comparado ao sistema de produção em confinamento.

O aumento da concentração na produção de leite e da redução das unidades de produção de leite no Brasil foi confirmado por meio de comparação de dados do Censo Agropecuário de 1996 com 2006, que mostrou uma redução de 25% no número de produtores de leite neste período (ZOCCAL, 2008). Portanto, partir da década de 90, os produtores brasileiros foram impulsionados a se tornarem mais eficientes e competitivos. Rubez (2003) se refere exatamente ao dia 13 de julho de 1990, quando a histórica Portaria 43[6], da extinta SUNAB, decretou o fim do tabelamento do leite no Brasil.

Neste período observam-se mudanças na estrutura socioeconômica do país, com a propagação de novos produtos voltados para facilitar a vida, como os fornos de microondas, a comida congelada, as redes de fast food, acompanhadas em seguida pelos vales refeições. No café da manhã surge um tipo de leite que desobriga o usuário a ir todo dia à padaria, o leite longa vida, vendidos pelos supermercados. O longa vida provocou vários fenômenos na agroindústria leiteira, como a expansão das bacias leiteiras para regiões que antes não tinham expressão nacional na atividade, como as do centro-oeste e do norte e extinguiu o caráter regional das

[6] Esta medida foi tomada pelo recém eleito Presidente Fernando Collor, a fim de modernizar a economia e abri-la à concorrência mundial.

marcas de leite (RUBEZ,2003). Os saquinhos plásticos, por questões tecnológicas não resistiram a embalagens cartonadas. A publicidade vende a imagem do leite mais autêntico como sendo o de caixinha. Assim, a ampliação da participação do leite longa vida nacionalizou o mercado de lácteos e elevou a concorrência interna.

Sendo o leite um alimento sujeito a rápida deterioração devido a ação das bactérias, ele exigiu o aprimoramento da logística de transporte. Contudo, ainda assim, a coleta granelizada demorou a vencer os velhos latões, principalmente devido à falta de rede de energia elétrica nas propriedades. Segundo Rubez (2003) a decolagem da coleta a granel só veio a ocorrer na década de 90, quando a economia brasileira e mundial se globalizou. Várias multinacionais fabricantes de tanques de expansão chegaram ao Brasil, concomitantemente, o Brasil cria o Código de Defesa do Consumidor. A sociedade passa a ter uma postura mais crítica em relação aos produtos que compra. Nesta esteira foi implantada a Instrução Normativa nº51/2002, que buscou atender às exigências do Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (PNMQL), estabelecendo normas para o resfriamento do leite nas unidades e de coleta a granel, pelos laticínios.

Martins (2003) e Ferreira & Ortega (2004) salientaram que coube aos produtores fazer adaptações, em nível de propriedade, como: animais controlados, a ordenha mecânica e a refrigeração do leite logo após o término das ordenhas. Os laticínios começam a diferenciar o preço de compra do leite pela qualidade e pelo volume de entrega. As exigências tecnológicas ao mesmo tempo em que excluíram um segmento dentre os produtores e diminuíram o número de unidades produtivas leiteiras, estimularam aqueles que permaneceram, à medida que estes auferiram maiores lucros na atividade e passaram a ter menor esforço físico na realização da mesma. Já os produtores que por deficiência no manejo do rebanho e/ou falta de capital para adquirir os equipamentos necessários não conseguiram ter acesso a esta tecnologia ficaram fora do mercado ou passaram a atuar na clandestinidade (ALVES, 2000).

Neste contexto, as margens de lucro por unidade de leite produzido reduziram o que tornou uma exigência para continuar na atividade, aumentar a produção por unidade produtiva de leite para a manutenção do lucro total (Gomes & Leite, 2002; Gomes, 2001a). Vilela *et al. (* 2002) se refere a atratividade da atividade leiteira para a

agricultura familiar devido a autonomia relativa para os produtores que contam com a mão-de-obra de cunho familiar no desempenho das práticas produtivas. O baixo risco da exploração, a elevada liquidez do capital imobilizado em animais e a freqüência diária, quinzenal ou mensal do fluxo de receitas da atividade, influenciaram a composição da renda dos agricultores familiares que permaneceram na atividade.

Em Minas Gerais, o Diagnóstico da Pecuária Leiteira (2005) constatou uma baixa rentabilidade das unidades de produção de leite mineira. Tal fato pode apresentar-se como importante fator restritivo à sucessão, em contrapartida aos rendimentos mensais e quinzenais que foram apontados pelo documento como a principal razão para o investimento na produção de leite. A exploração da atividade leiteira no Brasil compõe significante fatia da atividade do setor agrícola, podendo ser considerada como uma das atividades mais importantes para a reprodução da agricultura familiar brasileira. Ela se constitui, também, na opção inicial de produção na maioria dos assentamentos de reforma agrária. Está presente em mais de 1,8 milhões de propriedades rurais e representa 52% do valor da produção de leite brasileiro. Toda esta expressividade tem sido justificada pelo fato da atividade leiteira gerar rendas mensais para os agricultores familiares facilitando a gestão do capital da propriedade (PERACI,2007).

Enfim, é importante destacar que apesar do mercado lácteo ter ganhado a possibilidade de abrangência em nível nacional com as novas tecnologias e embalagens, o mercado regional ainda continua sendo extremamente importante (ZOCCAL e GOMES, 2005). Minas Gerais mantém a liderança de maior estado produtor de leite, com crescimento médio de 61% no período estudado. Segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, o estado participa com aproximadamente 29% da produção brasileira de leite e possui 230 mil produtores na atividade. Minas Gerais detém relativamente às demais unidades da Federação, a maior produção de leite e o maior número de empresas de laticínios do país.

Os produtores de menor porte em Minas, como em todo país, compõem a massa majoritária de produtores, correspondendo a 280 mil dos 350 mil produtores de leite. Estes apresentam baixas médias de produção (4,10 litros/dia/vaca), sendo adeptos da produção extensiva à base de pasto, com baixo custo e capital investido

principalmente na terra. No próximo capítulo vamos buscar compreender o município de Leopoldina, na Zona da Mata Mineira. Este destaca com forte tradição leiteira e será base para nosso estudo que será apresentado no capítulo III.

Segundo Fonseca e Santos (2007) há uma correlação muito forte entre produção leiteira e a pequena propriedade familiar, comprovada pelo fato de que 55% do leite produzido no país são oriundos da Agricultura familiar. Esses dados mostram que a agricultura familiar é parte ativa da cadeia produtiva do leite, mesmo com um volume individual de produção, em sua maioria abaixo de 100 litros/dia. Para se manterem na atividade leiteira os agricultores familiares tem adotado tecnologias como o tanque de expansão coletivo. Melo (2003) estudando as comunidades rurais da zona da mata mineira constatou que os produtores organizados em associações de produtores de leite têm melhorado o seu desempenho produtivo, integrando-se à economia de mercado. O mesmo autor se refere à necessidade dos produtores familiares se profissionalizarem e se modernizarem.

CAPÍTULO 2

A SUCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR: FATORES INTERVENIENTES

Não existe de fato uma única forma de sucessão. Há muitas possibilidades e configurações, em virtude do momento que ela ocorre, da geração, da cultura familiar e das pessoas envolvidas. Uma primeira perspectiva teórica que mapeamos nos estudos sobre sucessão em unidades produtivas familiares procurava ressaltar os fatores culturais que influenciariam a sucessão na agricultura familiar, chamando a atenção para a existência de tradições familiares que seguiriam certos padrões na definição do sucessor. Seyfert (1985) e Woortmann (1995) apontaram, no sul do Brasil, a prevalência da instituição do minorato, como uma destas estratégias sucessória. Nela o filho mais novo seria o escolhido para ser o sucessor. Abramovay et al. (1998a) também se referiram ao minorato, evidenciando a transmissão de patrimônio que privilegiava o filho mais novo que se comprometia a cuidar dos pais na velhice, destacando que haveria uma compensação para os que não herdavam a terra: um enxoval e uma máquina de costura para as filhas, algumas cabeças de gado ou o financiamento de estudos para os filhos (CARNEIRO, 2001).

Ao discutir estas estratégias sucessórias que determinariam a divisão ou não da terra, Seyferth (1985) apontou que na herança com divisão da terra, ao herdeiro que ficasse com a maior parcela da unidade de produção, caberia o cuidado dos pais na velhice, destacando que, mesmo com a divisão das terras, a casa e as benfeitorias não eram divididas. Já dentro de um sistema mais equitativo de divisão, mediante o qual todos os herdeiros receberiam sua parte, tal procedimento tornaria a condição de agricultores familiares inviável, sendo colocado em prática estratégias de venda facilitada entre irmãos ou mesmo doação.

Esta estratégia sucessória de divisão dos bens poderia ser efetivada através do sistema de doação usufruto, simplificando a transmissão da unidade de produção e

evitando conflitos familiares (SEYFERTH, 1985). Assim, o pai definiria tanto a sucessão quanto a herança, controlando os acertos feitos internamente pelos herdeiros. A presença paterna se constituiria desta forma em uma garantia de continuidade da unidade produtiva familiar. Essa tradição poderia, contudo, em tempos de democratização dos direitos individuais, fazer emergir inúmeras tensões familiares. Carneiro (2001) mostrou que, quando a propriedade familiar era transferida a apenas um dos filhos, instalava-se a possibilidade de ocorrerem conflitos entre herdeiros e não herdeiros da terra, pelo fato de as compensações previstas para os não herdeiros poderem ser vistas por estes como insuficientes, ou mesmo, os encargos atribuídos ao herdeiro (como o cuidado dos pais idosos) poderem ser considerados como excessivos; fatores que acabariam motivando, por parte dos descontentes, o recurso à legislação e ao direito nela previsto de divisão igualitária dos bens. Dentro das estratégias sucessórias, os casamentos também seriam usados pelas famílias como estratégias de reprodução. Moura (1978) e Woortmann (1995) ao examinarem a relação de parentesco na unidade de produção familiar mostraram várias situações em que arranjos de casamento seriam usados como estratégias para assegurar a reprodução social. Na mesma perspectiva, Martins (1990) se referiu aos casamentos intrafamiliares.

Um quarto fator cultural destacado na literatura como influenciando a definição do sucessor na agricultura familiar diz respeito à diferença de gênero quanto à propriedade de terra. Segundo Deere e Léon (2003) na América Latina quatro fatores definiriam o sucessor nas unidades produtivas familiares: 1) a preferência dada aos homens na herança; 2) o privilégio masculino no casamento; 3) o viés masculino tanto nos programas comunitários, como em programas estatais de distribuição de terras; e 4) o viés de gênero no mercado fundiário" (DEERE E LÉON, 2003, p.102).

Moura (1978) também apontou a construção de padrões diversos de sucessão para homens e mulheres. Neste sentido, Carneiro (2001) afirmou que para compreender as regras de transmissão do patrimônio entre agricultores familiares seria necessário reconhecer os distintos papéis reservados para homens e mulheres na dinâmica de reprodução social.

> As lógicas de transmissão da propriedade pelo sistema de herança se articulam com os sistemas de reprodução social aos quais essas lógicas estão referidas, e sofrem influências dos valores da sociedade

> abrangente. Provocam-se assim crises e mudanças também nas relações intrafamiliares, sobretudo no que se refere à desigualdade dos direitos entre homens e mulheres. (CARNEIRO, 2001, p.25).

Seyferth (1985) apontou que a estratégia mais simples constitui em excluir as mulheres de herança (assim como de sucessão). Segundo Brumer (2004a) o processo de socialização não ocorreria de forma igual entre os filhos. Pois, os homens estariam envolvidos em atividades semelhantes aos pais, na esfera tida como a produtiva e as mulheres com as mães, na esfera doméstica, o que legitimaria a perspectiva do homem como sucessor e herdeiro em potencial. A desigualdade de tratamento entre filhos e filhas levaria a migração das moças para o meio urbano.

Percebe-se assim, que o destino das filhas seguiria uma lógica distinta daquele previsto para os filhos. Como o trabalho feminino seria visto como ajuda ele estaria desvinculado do trabalho com a terra. Como mostrou Margarida Moura, como elas 'não trabalham a terra', não têm o direito de herdá-la (MOURA, 1978). Para Brumer (2007) seria importante de se considerar na sucessão em unidades de base o fato de que a juventude vivenciaria na família o peso da hierarquia entre as gerações e uma forte subordinação de gênero, com uma carga, que tenderia a ser mais forte do que a dos jovens urbanos, cujas famílias estariam, tendencialmente, mais expostas aos valores modernos, em contraposição aos da tradição.

Woortmann, (1995), Carneiro (1998), Mello et al. (2003), também, destacaram que o grande conflito da juventude na sucessão da agricultura familiar consistiria em negar sua reprodução como indivíduo em favor da instituição família. Neste caso, os projetos individuais dos filhos e filhas se colocariam em oposição aos projetos coletivos da família. O jovem do meio rural não se sentiria mais devedor em relação a sua família, não vendo mais a necessidade de obedecer aos desígnios do pai. O que as pesquisas vêm constatando é que ele sai do campo em busca de seus projetos pessoais, em busca de realização financeira, oportunidades de trabalho, educação, lazer. O desejo de obter sua autonomia financeira se constituiria como o principal motivo que leva os jovens a buscarem trabalho fora do estabelecimento familiar rompendo com os projetos sucessórios da família. (CARNEIRO, 1998, p18).

Para além da influência dos fatores culturais no processo sucessório, uma segunda

perspectiva de análise que mapeamos no âmbito dos estudos sobre a temática da sucessão na agricultura familiar, se voltava mais para o evidenciamento da influência advinda das condições econômicas e sociais mais amplas sobre os projetos familiares e individuais. Para Brumer (2007) as dificuldades relativas à sucessão no meio rural deveriam ser vistas sob a influência dos atrativos da sociedade urbano-industrial sobre o jovem rural, não desconsiderando, de forma nenhuma que estes atrativos se colocariam em confronto com os valores tradicionais, ainda presentes no meio rural levando a saída do jovem. A autora salienta a importância de "estudos que analisem o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais, as oportunidades de lazer e acesso as atividades agrícolas e não agrícolas, para jovens de ambos os sexos" (IBID, p.41).

Carneiro (1999, p. 11) destacou um outro fator importante de ser considerado ao analisar os fatores que incidem sobre a sucessão no meio rural . Segundo a autora, a vida do jovem rural tem passado cada vez mais a se realizar fora do grupo doméstico, o que tem permitido a ele ampliar o seu "campo de possibilidade" em termos da construção do seu projeto de vida. A opção por migrar para o meio urbano é influenciada, assim, pelas alternativas de emprego com possibilidade de melhor remuneração em relação ao trabalho no campo, que poderiam aumentar o seu acesso a bens de consumo. Os jovens rurais também desejariam ter acesso à internet, às opções de lazer, a cultura e ao esporte, que deveriam estar disponíveis em seu local de vivência. Segundo Weisheimer (2005),

> '(...) a intensificação da comunicação entre universos culturais distintos e as fronteiras que distinguem rurais e urbanos tornam-se cada vez mais imprecisas nos projetos dos jovens. ...as identidades locais não são mais sustentadas na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade, e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identifica como rurbanização.' (IBID., p.61)

Imersos neste universo simbólico, os jovens estariam vivenciando uma crise de valores, oriundos da sociedade urbana e industrial, que priorizaria os projetos individuais e o salário em detrimento dos valores da sociedade rural que preconizariam os compromissos com a família. A vida moderna estaria, assim, influenciando na saída do jovem do campo, dentro do movimento de intensificação cada vez maior das relações de troca com o mundo urbano.

Para além das duas perspectivas teóricas anteriormente detalhadas, as quais

apontaram para a influência dos fatores culturais e para aqueles relativos à atratividade do meio urbano sobre a sucessão na agricultura familiar, mapeamos uma outra corrente de estudos que se deteve mais sobre a influência de fatores estruturais, como a concentração da terra, da renda e o envelhecimento da população rural como sendo alguns dos fatores que poderiam influenciar a ruptura do formato singular de organização do trabalho na agricultura familiar. “Tais fatores afetariam a passagem da unidade produtiva de geração para geração” (CARNEIRO, 1998, p.120).

É sobre a terra que os agricultores familiares realizam seu trabalho, garantem sua sobrevivência e efetivam a reprodução das gerações anteriores. Wanderley (1995) destacou que o acesso a terra é o eixo central das estratégias sucessórias dos agricultores familiares. Martins (1990) salientou que a terra para os camponeses seria quase sempre limitada e sua taxa de exploração seria progressiva havendo um decrescente rendimento o que dificulta a reprodução. Segundo ele, a concentração fundiária, concretizada através da conversão de áreas agrícolas em pastagens e a transformação da terra em reserva de valor, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, se constituiriam em fatores de expulsão da população do campo.

Considerando ainda a questão fundiária, relativa à concentração ou distribuição da terra, que poderia influir sobre a possibilidade de reprodução das unidades produtivas familiares e, consequentemente, no seu processo sucessório, Veiga (2000) chamou a atenção para o fato de que, quando a estrutura agrária estava baseada em estabelecimentos de agricultura familiar, a queda da ocupação primária decorrente da elevação da produtividade pelo uso de tecnologia, tenderia a ser compensada pelo aumento de iniciativas locais do setor secundário e, principalmente, terciário e os filhos dos agricultores, ao invés de intensificarem a migração rural-urbana, passariam a exercer papel fundamental para a dinâmica econômica da região, pois estes poderiam estar residindo no rural e ocupando postos de trabalho de trabalho próximos à unidade familiar, não cortando vinculo familiar.

Assim, as estratégias sucessórias seriam elaboradas para viabilizar social e economicamente a unidade de produção familiar. Sobre a ligação estabelecida pela família com sua propriedade, Almeida (1986) se referiu à reprodução da agricultura

familiar assumir simultaneamente uma dinâmica interna e externa ao grupo doméstico. O autor citou uma série de ações que seriam tomadas na unidade de exploração familiar para se proteger das forças externas (exploração e restrição fundiária), tais como variar a intensidade do trabalho, o ciclo e a divisão das tarefas, recrutando/expulsando membros na qualidade de parentes ou empregados.

Um quarto fator mapeado na literatura como afetando a sucessão na agricultura familiar dizia respeito, a conjuntura atual da pecuária leiteira brasileira.

A implantação da Instrução Normativa nº51/2002,[7] publicada pela Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA/DAS), em substituição a legislação em vigor desde 1953, que buscou atender às exigências do Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (PNMQL), estabeleceu normas para o resfriamento do leite nas unidades e para a coleta a granel, pelos laticínio, o que, de forma geral, tem contribuído para a melhoria da qualidade do produto comercializado no país.

Num primeiro momento após a implantação, estas exigências da qualidade na pecuária leiteira, segundo Mingatto (2005), estariam se colocando como um fator de diferenciação entre os pecuaristas que permaneceriam no mercado e os que migrariam para a informalidade. Salientam Martins (2003) e Ferreira & Ortega (2004) que a necessidade de se tornar mais competitivo e melhorar a qualidade da matéria-prima levaria o produtor a ter necessidade de realizar adaptações, em nível de propriedade como: animais controlados, ordenha mecânica e refrigeração do leite logo após o término das ordenhas. Dentro destas condições os laticínios passariam a diferenciar o preço de compra do leite pela qualidade e pelo volume de entrega. Aqueles produtores que, por deficiência no manejo do rebanho e/ou falta de capital para adquirir os equipamentos necessários não conseguissem ter acesso a esta tecnologia estariam fora ou na clandestinidade (ALVES, 2000, p. 32- 33). Ou seja, as exigências tecnológicas para a realização de uma atividade, ao mesmo tempo em que poderiam excluir um segmento dentre os produtores e diminuir o número de unidades produtivas leiteiras, afetando, portanto, a possibilidade de sucessão na mesma, também poderia significar um estímulo para aqueles que permanecem, à

[7] A Instrução Normativa nº51 de 1999, em vigor desde 1º de Julho de 2005 para os estados da região sudeste, centro-oeste e sul, altera os critérios para produção, coleta e transporte de leite no território nacional.

medida que estariam auferindo maiores lucros na atividade e tendo menor esforço físico na realização da mesma. A redução do número de fornecedores apresenta-se segundo Paulillo e Figueiredo (2005) como característica marcante desse processo de granelização da coleta de leite.

Em contrapartida, observou-se uma articulação entidades como a Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais (FAEMG), a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), sindicatos e, em alguns casos, as indústrias, cooperativas e laticínios locais, no sentido de incentivarem e apoiarem a adoção e ampliação do uso de tecnologias como o tanque de expansão coletivo como fator de mitigação dos efeitos de aumento da informalidade na produção de leite e exclusão anunciada. Neste contexto, o efeito multiplicador potencial de ações coletivas dos tanques de resfriamento comunitário, nas unidades de produção de leite de base familiar foi apontado por Melo (2003) e segundo dados divulgados pelo IBGE, a participação da produção de leite aumentou de 61,7% no ano de 2004, para 68,4% em 2007 no Brasil. No estado de Minas Gerais a ampliação foi de 62,9% em 2004 para 69,1% em 2007. O aumento da concentração na produção de leite e da redução das unidades de produção de leite no Brasil foi confirmado por meio de comparação de dados do Censo Agropecuário de 1996 com 2006, houve redução de 25% do número de produtores de leite neste período (ZOCCAL, 2008).

Neste contexto, as causas da concentração e exclusão dos produtores de leite e que podem afetar o processo de sucessão se apresentam mais amplas e complexas e estão associadas com a natureza do mercado. A partir da década de 90, os produtores brasileiros foram impulsionados a se tornarem mais eficientes e competitivos com fim do tabelamento do preço do leite pago ao produtor, a abertura comercial para os países do Cone Sul, estabilização da economia devido à implementação do Plano Real e a ampliação da participação do leite longa vida, o que nacionalizou o mercado de lácteos e elevou a concorrência interna. Neste contexto, as margens de lucro por unidade de leite produzido reduziram o que tornou uma exigência para continuar na atividade, aumentar a produção por unidade produtiva de leite para a manutenção do lucro total (Gomes & Leite, 2002; Gomes, 2001a). O problema é que a ampliação da produção por unidade não é conseguido pela maioria, pois o acesso aos fatores essenciais para o desenvolvimento da

agricultura familiar (crédito e conhecimento/informação) é restrito. Portanto, a baixa rentabilidade e margem líquida total média das unidades de produção de leite anunciadas no Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais (2005) pode apresentar-se como importante fator de restrição à sucessão em contrapartida ao rendimentos mensais e quinzenais que são apontados pelo documento como principal razão para os entrevistados produzirem leite.

CAPÍTULO 3

A ATIVIDADE LEITEIRA E O PROCESSO SUCESSÓRIO NAS UNIDADES PRODUTIVAS FAMILIARES EM LEOPOLDINA

Salientamos neste capítulo as especificidades da atividade leiteira para o processo sucessório em unidades produtivas familiares. Contextualizamos, ainda, a pecuária leiteira em Minas Gerais, em seguida na Zona da Mata e, por fim, em Leopoldina, local onde vivem os produtores de leite de base familiar, objeto deste estudo. Destacamos, também, a socialização para o trabalho na atividade leiteira, o perfil das famílias pesquisadas, o patrimônio fundiário, o nível tecnológico e a gestão das unidades familiares, bem como apresentamos a caracterização zootécnica das unidades familiares e a infra-estrutura de armazenamento, como os tanques comunitários. Na última parte, buscamos conhecer a opinião dos entrevistados sobre a situação atual da atividade leiteira e perspectiva futura na visão do gestor da atividade.

3.1 A atividade leiteira em Minas Gerais e na Zona da Mata Mineira

Minas Gerais é líder em produção e rebanho leiteiro. Em 2007, produziu 7,3 bilhões de litros de leite, 32% a mais do que em 1998 consolidando-se como o maior produtor de leite do Brasil. Ocupa, também, a posição de estado com o maior rebanho de vacas em lactação, aproximadamente cinco milhões, em 2007, segundo dados do IBGE. O estado está dividido em doze mesorregiões, sendo o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba a região que mais cresceu sua produção em valores absolutos: 475 milhões de litros de leite.

A mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais ocupa a terceira posição no *ranking* de produtividade e quantidade de vacas em lactação. Entre as microrregiões da Zona da Mata, Juiz de Fora é a mais produtiva, com aproximadamente 200 milhões de litros anuais. A segunda microrregião da Zona da Mata mais produtiva é a de Cataguases, com cerca de 155 milhões de litros. As principais características

desta mesorregião para a pecuária leiteira são: a temperatura amena, o relevo montanhoso, o regime hídrico caracterizado por seis meses com chuvas (novembro a abril) e outros seis meses secos (maio a outubro).

A pecuária leiteira é uma das mais importantes fontes de renda da região. O PIB agropecuário da microrregião é de 31.083 mil reais, o da indústria 55.154 mil reais e o de serviços, 263.717 mil reais. Dos 1.233 estabelecimentos agropecuários que trabalham com bovinos, 702 unidades produzem leite de 13.578 vacas ordenhadas, por ano, em estabelecimentos agropecuários com produção anual de 28.179 mil litros. Esses números colocam a referida microrregião como a segunda, em termos de quantidade de rebanho, entre as microrregiões da Zona da Mata e com o melhor índice de produtividade média por animal/ano, 1.828 litros. A microrregião de Cataguases é composta por 14 municípios, com destaque para o município de Leopoldina com a maior produção de leite. Em 2007, este município produziu 47,72 milhões de litros de leite, correspondendo a aproximadamente 30,9% da quantidade produzida em toda a microrregião (Tabela 1).

Tabela 1 – Produção dos Municípios da microrregião de Cataguases/MG – 2007

Microregiões	Quantidade produzida de leite (litros)	%
Leopoldina - MG	47724	30,9
Palma - MG	14472	9,4
Recreio - MG	13797	8,9
Laranjal - MG	13615	8,8
Além Paraíba - MG	12593	8,2
Cataguases - MG	12032	7,8
Argirita - MG	8851	5,7
Volta Grande - MG	7659	5,0
Santo Antônio do Aventureiro - MG	6000	3,9
Pirapetinga - MG	5614	3,6
Estrela Dalva - MG	5162	3,3
Santana de Cataguases - MG	3207	2,1
Itamarati de Minas - MG	2239	1,5
Dona Eusébia - MG	1436	0,9
TOTAL	154401	100,0

Fonte: Dados coletados no IBGE,2009.

3.1.1 Perfil das famílias produtoras de leite em Leopoldina

Estudos anteriores, como os de Tollini (1963); Gomes (1976); Casali (1981); Carneiro (1995) e Medeiros (2001) vêm revelando a expressiva vocação leiteira de Leopoldina nas últimas cinco décadas. Segundo Medeiros (2001), 71% dos seus produtores de leite estavam no estrato de produção de até 200 litros/dia. A Tabela 02 seguinte mostra que este percentual foi ainda maior entre os produtores entrevistados nesta pesquisa, visto que esta considerou a produção familiar.

Tabela 2 – Dados numéricos e percentual de unidades de produção com sucessores e sem sucessores, segundo estrato de produção diária de leite

	Abaixo de 50 L/Dia	***Entre 50 e 100 L/Dia***	***Entre 101 e 200l/Dia***	**Acima de 200l/Dia**
Unidades Pesquisadas Com Sucessor	11	10	15	6
Unidades Pesquisadas Sem Sucessor	5	5	5	3
Total de Unidades de Produção Leiteira Pesquisadas	16	15	17	9
Percentual Total de Produtores	**28%**	**26%**	**30%**	**16%**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Das 57 unidades de produção leiteira em que os gestores foram entrevistados, verificou-se que em 32% delas não havia sucessor. Desses, em 19% os filhos haviam se estabelecido na cidade; em 9% o gestor era solteiro ou casal sem filhos e em 4% o casal possuía filhos deficientes mentais. De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, o número de estabelecimentos agropecuários em Leopoldina é de 1.341 unidades, com 1.418 proprietários sendo, 1.255 masculinos e 163 femininos. Quanto à faixa etária verificou-se que os gestores apresentavam, no momento da pesquisa, em média 56 anos, corroborando com os dados do Diagnóstico da Pecuária Leiteira em Minas Gerais (2006), em que a média era de 52 anos. Esta população sofre o mesmo processo de envelhecimento demográfico observado no meio rural de outras regiões do mundo.

Os atuais gestores das unidades familiares tornaram-se os sucessores, em média, aos 29 anos, coincidindo com a época em que constituíram suas famílias. Quanto ao

estado civil dos gestores das unidades leiteiras familiares**,** 93% eram casados e 100% dos entrevistados do sexo masculino e, em média, com mais de 20 anos de experiência na gestão da propriedade leiteira, o que, também, está de acordo com o encontrado no Diagnóstico da Pecuária Leiteira em Minas Gerais (2006). A maioria dos produtores, 86%, teve contato com a atividade leiteira na infância. Assim, o tempo médio de trabalho na pecuária leiteira é bem elevado. Esta tenra e prolongada socialização na atividade leiteira se traduz em experiência acumulada contribuindo para diminuir a ocorrência de falências entre os produtores de leite (DIAGNÓSTICO, 2006: 40). O agricultor familiar que deseja que os filhos continuem na atividade possibilita-lhes conhecer a atividade a fundo, num processo de socialização para o trabalho. No dia-a-dia da propriedade, esses têm contato com tarefas aparentemente insignificantes, mas que podem fazer muita diferença na condução da atividade leiteira. A Tabela 03, a seguir, ilustra a tenra socialização que os gestores tiveram com a atividade leiteira.

Tabela 3 - Idade de início na atividade leiteira dos produtores de Leopoldina/MG, divididos em categorias definidas pela produção diária de leite nas propriedades.

Idade de início da atividade leiteira	***Estratos de produção (litros/dia)***				***Média***
	Abaixo de 50	50 a 100	100 a 200	Acima de 200	
Infância	81%	87%	94%	78%	86%
Jovem	6%	0%	6%	11%	5%
Adulto	13%	13%	0%	11%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os dados apresentados na Tabela 03 corroboram com Brandão (1982) que assinalou ser comum entre os agricultores familiares o filho ajudar aos pais nos trabalhos de casa e nas atividades agropecuárias desde muito cedo. Tavares dos Santos (1978) detectou, em seu estudo na Serra Gaúcha, a participação do trabalho infantil tanto nas atividades da roça voltadas para o auto-consumo quanto na produção voltada para o mercado. No que diz respeito à atividade leiteira, o contato com o curral próximo a casa, a atração que os animais exercem sobre o universo infantil e a utilidade da mão de obra dos filhos criam o ambiente propício para estimular o gosto pela atividade leiteira. A criança vivencia o “prazer da lida diária” através de momentos de intensa afetividade familiar. Enquanto aprende uma profissão vai se formando como potencial sucessor. Tal como afirmou Woortmann

(1995), mostrando que há uma socialização diferenciada dos filhos, incutem-se em cada um características correspondentes ao papel que deverá lhe caber futuramente, ou seja, o herdeiro é construído. O depoimento de um entrevistado, exposto a seguir, ilustra esta situação:

> Desde que me entendo por gente estive no curral apartando bezerros, observando como meu pai trabalhava. Eu era muito pequeno, chupava bico (...) meu pai sempre me pedia pra ajudar em alguma coisa (...) lembro de quanto era pesada uma lata de leite vazia (...) mas, eu adorava ficar no curral no meio das criações. (Entrevistado no. 52)

A questão da distância das escolas, somente na cidade, a falta de condições de acesso a elas e também a proximidade cotidiana com as atividades na propriedade foram as justificativas que mais sobressaíram entre os entrevistados para que eles não tivessem investido nos estudos. É importante salientar que, com a idade média de 56 anos, os entrevistados tinham entre 7 e 15 anos por volta de 1965-1970, quando estavam em idade de concluir o antigo 1º grau. Essa relação fica evidenciada nos dados da Tabela 04. Estes dados mostram o nível de escolaridade dos entrevistados e a relação entre os estratos de maior produção com o nível de escolaridade dos entrevistados.

Tabela 4 - Escolaridade dos produtores de Leopoldina, MG, divididos em quatro categorias definidas pela produção diária de leite nas propriedades.

Escolaridade	***Estratos de produção (litros/dia)***				***Média***
	Abaixo de 50	50 a 100	100 a 200	Acima de 200	
Analfabeto	19%	7%	0%	0%	7%
Fundamental I	75%	73%	65%	11%	61%
Fundamental II	6%	7%	6%	33%	11%
Médio	0%	13%		44%	18%
Superior	0%	0%		11%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Podemos observar na Tabela 4 que há uma co-relação entre o estrato de produção de leite em que o produtor está enquadrado e a sua escolaridade. Nos estratos de menor produtividade encontram-se os maiores percentuais de baixa escolaridade e de analfabetismo, já nos estratos de maior escolaridade os índices de maior escolaridade. Podemos perceber ainda que, entre os atuais gestores, a grande maioria, 61%, têm apenas o Fundamental I, o que pode ser tomado como um indício de que os indivíduos que se tornaram sucessores nas propriedades de seus pais

não investiram nos estudos. Somente dois produtores apresentaram nível superior, um completo em Zootecnia pela UFV e outro incompleto em Administração e eles pertencem às categorias que produzem acima de 100 litros diários. O relato deste último revela a expectativa do seu pai quanto a sucessão:

> O primeiro dia que vi meu pai chorar foi quando larguei os estudos e vim pra roça. Hoje compreendo que se eu tivesse isso (produção de leite) como hobby seria muito melhor. (Entrevistado no. 42)

Este depoimento corrobora com as considerações de Lamarche (1992) quando este afirma que os projetos acalentados pelos agricultores para os seus filhos traduzem a avaliação que fazem do contexto social mais amplo, assim como a sua visão das perspectivas do estabelecimento agrícola e do futuro da coletividade onde moram. Uma influência advinda da sociedade mais ampla está relacionada ao incentivo à escolarização do jovem do meio rural, por parte do Estado, a partir da década de 1980. Mandar os filhos para a escola passou a ser um dever dos pais e uma aposta de melhor remuneração para os filhos (TEDESCO, 2001).

Ainda considerando o contexto familiar, a média de filhos por entrevistados é de três filhos, seguindo uma tendência nacional de diminuição do número de filhos das famílias no meio urbano e rural, também apontada pelo Diagnóstico da Pecuária Leiteira de Minas Gerais (2006). O tamanho das famílias, assim como a sua estrutura física e a sua capacidade financeira são apontados por Lamarche (1992) como uma influência nas estratégias familiares de encaminhamento dos filhos. Portanto, a ação conjunta desses fatores pode ser determinante nas estratégias sucessórias na unidade produtiva familiar, definindo o(s) filho(s) que deve(m) sair para que outro(s) se torne(m) sucessores na atividade leiteira e na propriedade. Vejamos, inicialmente, um panorama da composição da renda dos agricultores familiares pesquisados e o que ela pode significar dentro do contexto sucessório.

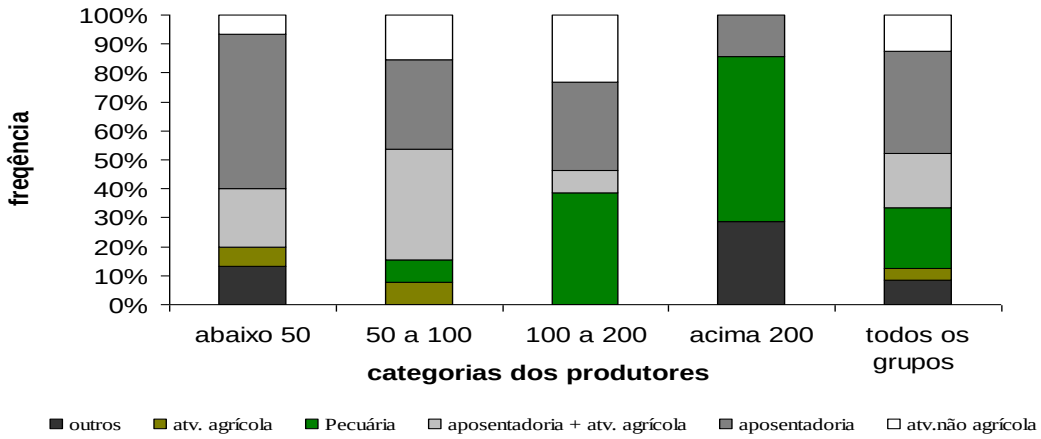

Figura 16 - Composição complementar da renda dos produtores.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Podemos observar na Figura 16 que a atividade leiteira só adquire expressividade em termos da composição da renda familiar nos estratos superiores a 100 l/dia. Já nos estratos com menor produtividade, a aposentadoria assume a posição de destaque. Tal fato pode ir em direção ao que apontaram os maiores índices de permanência de filhos nas propriedades pertencentes ao estrato mais produtivo, como mostra a Tabela 5, a seguir. Quanto ao número de filhos vivendo no campo, observou-se nesta pesquisa que o número é menor que na cidade, confirmando a tendência de maior migração campo-cidade, marcante desde a década de 1970.

Tabela 5 - Local de residência dos filhos da amostragem dos produtores leiteiros de Leopoldina/MG.

Estratos de produção (litros/dia)	**Zona rural**		**Zona urbana**		**Total**
	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas	
Abaixo de 50	22%	20%	35%	24%	100%
50 a 100	11%	0%	39%	50%	100%
100 a 200	14%	22%	30%	35%	100%
Acima de 200	24%	38%	29%	10%	100%
Média	**17%**	**18%**	**34%**	**31%**	**100%**

Fonte: Dados coletados neste estudo

Observa-se que o número de filhos e filhas vivendo na cidade é significativamente maior que na zona rural, independente do sexo (Tabela 5). Os estratos em que a presença de filhos na cidade era maior foram justamente aqueles em que o nível de produtividade era menor. Inversamente, o estrato em que a presença de filhos no meio rural era maior correspondia ao de maior produtividade, como pode ser visto na

Tabela 6. No que diz respeito ao envolvimento na atividade leiteira, observou-se que as mulheres apareciam em todos os estratos e de maneira mais significativa nos estratos de maior produção. A presença dos filhos era mais significativa do que da esposa em todos os estratos. Observa-se, na Tabela 6 também, a presença significativa de mão de obra contratada nos estratos acima de 50 litros/dia.

Tabela 6 - Envolvimento Familiar na produção leiteira da amostragem dos produtores de Leopoldina-MG.

Produtores	**Esposa x ordenha**		**Filhos x ordenha**		**Ordenha contratada**	
	Sim (%)	Não (%)	Sim (%)	Não (%)	Sim (%)	Não (%)
Abaixo de 50	11,11	88,89	22,22	77,78	0,00	100,00
50 a 100	11,11	88,89	22,22	77,78	55,56	44,44
100 a 200	33,33	66,67	33,33	66,67	44,44	55,56
Acima de 200	33,33	66,67	55,56	44,44	66,67	33,33
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os estratos que apresentam o maior envolvimento da família na atividade leiteira são aqueles com a maior produtividade, sendo muito expressivo entre eles, do mesmo modo, a contratação de mão-de-obra externa à propriedade. Tem-se com estes dados indícios de que a renda auferida na propriedade pode se constituir em um fator de incentivo à permanência na propriedade. Adentrando o destino das receitas provenientes da atividade leiteira, observou-se a centralidade do pai nas decisões acerca da aplicação da renda.

3.2 Estrutura do Patrimônio Fundiário nas unidades familiares produtoras de leite em Leopoldina

A terra é o principal ativo para a agricultura familiar e sua transferência refere-se a uma questão atinente a pais e filhos, podendo envolver estratégias como a doação, o arrendamento, a venda ou acordos velados no interior da família. Constataram-se, ao longo da presente pesquisa, cinco formas de obtenção da terra:

Herança Pais-Filho	**Herança Pais-Filha**	**Herança Pais-Filho associada à compra de parentes**	**Compra de terceiros**	**Arrendamento e doação**

O que se verifica em Leopoldina é que, após a morte do patriarca, a partilha da terra é resolvida através de um “acerto" que privilegia a manutenção do patrimônio da família com um único sucessor. Dessa maneira, o princípio da herança indivisa tende a permanecer no campo e se expressa em cada região do país de acordo com a conjuntura histórica e econômica apresentada. A estratégia sucessória consiste em privilegiar a instituição “patrimônio familiar” em detrimento dos valores individuais. Neste sentido, notamos que as terras herdadas pela mulher são minoria, correspondendo a 13% das terras herdadas, demonstrando o quão pronunciado é o costume em detrimento do que garante a lei.

Mesmo havendo descontentamento entre os filhos no momento da herança e a exclusão feminina do processo sucessório, acaba por prevalecer o respeito ao patriarca representante das tradições. O mesmo é notado no estudo realizado por Woortmann (1995) sobre a herança feminina e suas implicações. A autora verificou que quando as mulheres recebem terras, recebem menor quantidade em relação aos irmãos e acabam vendendo ao sucessor a sua parte. Quanto a forma de obtenção da propriedade, na Figura 17 a seguir, aparecem “outros” referindo-se às terras adquiridas por meio de arrendamento, o que representa 12% das terras dos produtores de 100 a 200 litros, além da doação que representa 2% das terras totais dos produtores acima de 200 litros/dia.

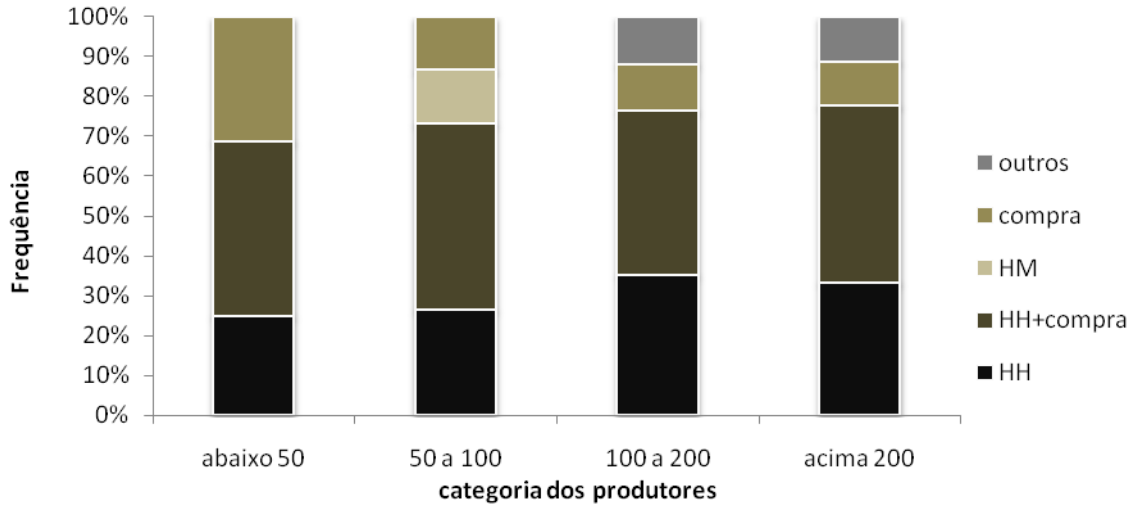

Figura 17 - Forma de obtenção das terras por parte dos produtores divididos em categorias de acordo com a produção leiteira diária.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Sobre a transmissão de patrimônio, Seyferth (1985) considera que, independente da

forma: herança, doação ou inventário, irá prevalecer, o arranjo costumeiro. Em Leopoldina a tradição no processo sucessório se mostra presente através da herança do homem e da exclusão velada das mulheres, visto que esse tipo de herança aparece apenas entre os produtores do menor estrato de produção. A terra se constitui em um valor primordial para a agricultura familiar, em função de ser o meio de produção por excelência na agricultura, mas a importância da sua extensão pode ser relativa, dependendo da atividade em questão. Em Leopoldina verificou-se um padrão de proporcionalidade entre a área utilizada com atividade leiteira e área total da propriedade.

Observa-se que a categoria dos produtores acima de 200 litros/dia apresenta as maiores propriedades. A atividade leiteira praticada em Leopoldina utiliza a terra de forma extensiva, o que exige área maior para pastagens, sendo menor a necessidade de oferta de volumoso. Essa estratégia de produção de baixo custo foi verificada em todas as unidades pesquisadas, grandes e pequenas. Assim, embora a tecnologia pudesse ser um fator que minimizasse a necessidade de terras extensas para a prática da criação de gado leiteiro, a falta dela acaba apontando para o fato de que as propriedades maiores podem contar com uma área maior de pastagem do que as menores.

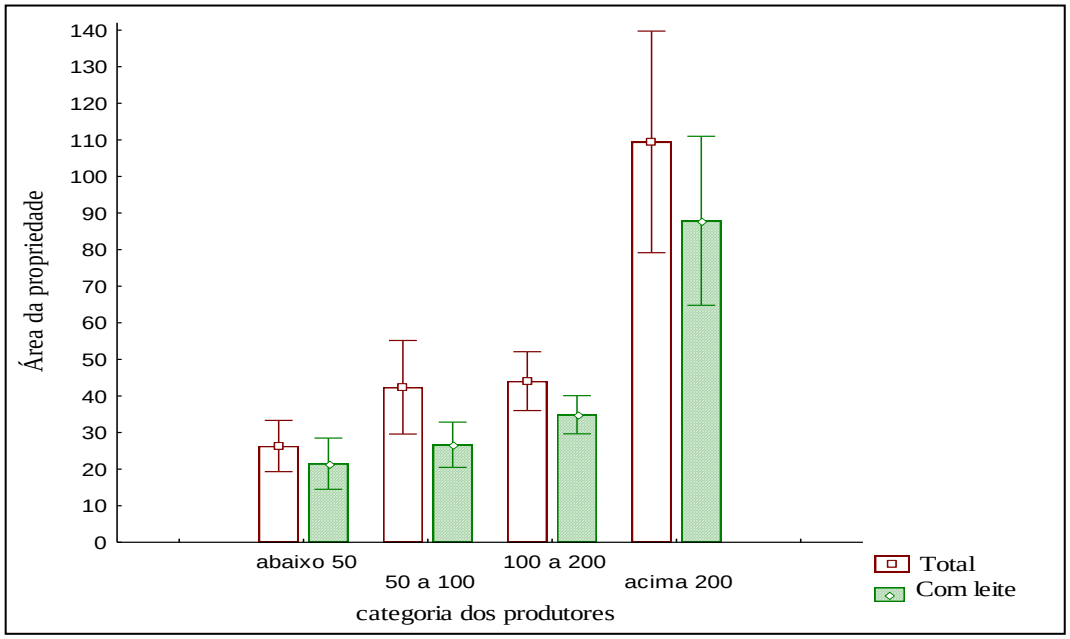

Figura 18 - Área da propriedade total e área destinada a atividade leiteira de cada categoria de produtor
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A Figura 18 reforça a afirmação anterior mostrando que, mesmo que a parcela da propriedade destinada à atividade leiteira em todos os estratos não apresente diferenças em termos de proporção, ou seja, produtores de diferentes estratos destinem o mesmo percentual de área para a atividade leiteira, aqueles com maior área estarão produzindo mais leite, em virtude de terem como alimentar um rebanho maior do que os de menor área. Desta forma, a extensão da terra nesta região, continua sim, a ser um fator de rentabilidade para o produtor.

3.3 A atividade leiteira, o nível e gestão da propriedade como fatores intervenientes no processo sucessório na atividade leiteira.

A fim de traçarmos um retrato mais detalhado do padrão tecnológico da atividade leiteira na região investigada e podermos ter indícios mais decisivos acerca da influência ou não da extensão da terra para fazer um sucessor integrado à dinâmica do mercado, analisar-se-á, a seguir, o padrão zootécnico do rebanho. Os gestores entrevistados mencionaram que as suas vacas eram meio sangue, mistura de holandês com zebu.

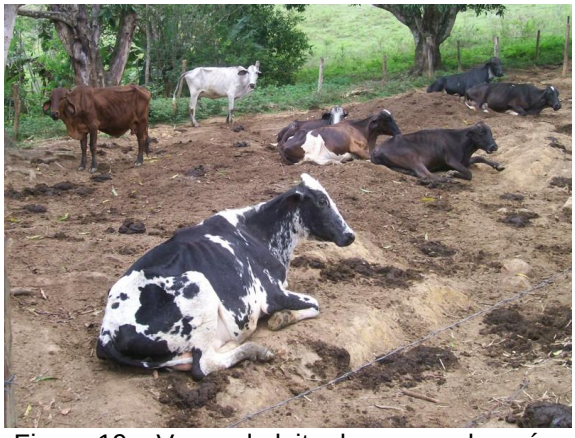

Figura 19 – Vacas de leite descansando após a ordenha.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 20 – Vacas de leite indo para o pasto após a ordenha.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

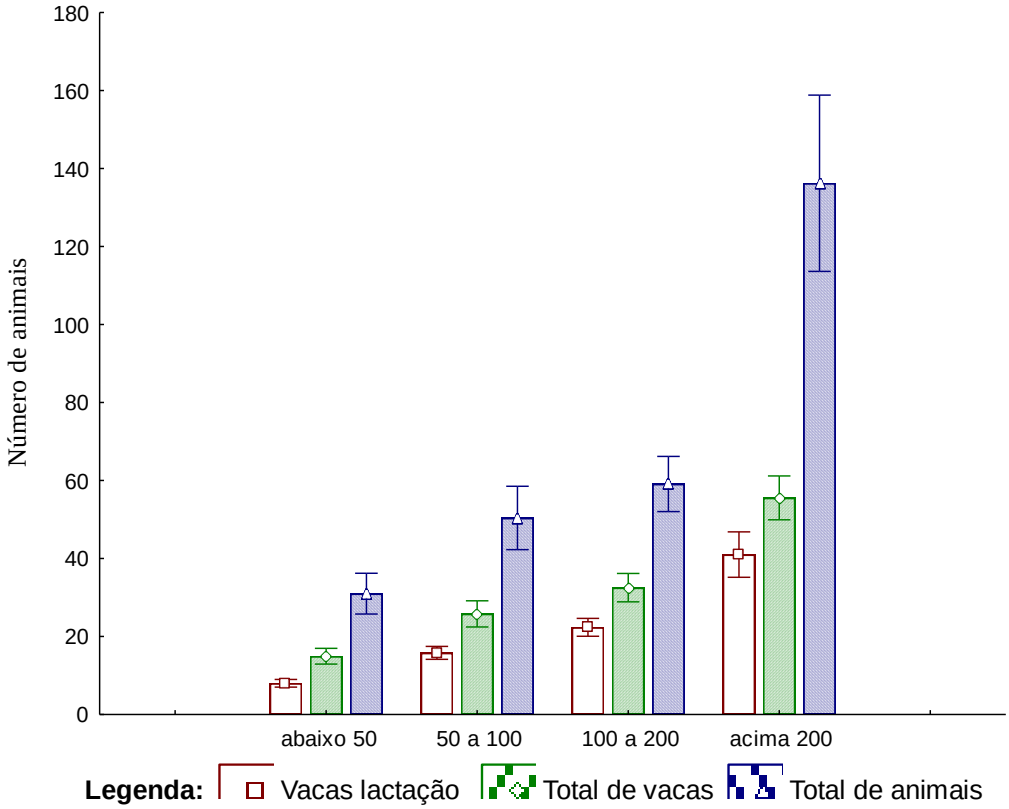

Figura 19 – Animais nos diversos estratos de produção
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os produtores com produção abaixo de 50 litros/dia apresentam o menor número de animais quando comparados aos outros estratos, mas este número não diminuiu ao longo do tempo, pelo contrário, até aumentou entre os estratos de 50 a 100 litros/dia e de 100 a 200 litros/dia, em cerca de 50% (Figura 24). Quanto ao modo de cobertura das vacas, 92,98% dos produtores afirmaram utilizar a monta natural. Apenas 7% (quatro produtores, dois da categoria 50 a 100 litros/dia e outros dois da categoria de 100 a 200 litros/dia) utilizam a inseminação artificial.

Figura 20 – Reprodutor de unidade pesquisada
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quando questionados sobre a alimentação dos animais, cerca de 50% dos entrevistados afirmaram não realizar suplementação alimentar do rebanho durante a estação chuvosa, sendo esta realizada pela maioria dos produtores, cerca de 85%, apenas na seca. Somente 11% dos produtores do estrato de 100 a 200 litros/dia e 44% dos que se encontram acima de 200 litros/dia melhoram esta suplementação adicionando sorgo e uréia. Isto demonstra ser baixo o investimento na atividade leiteira.

Figura 21 - Campineira numa unidade pesquisada (esquerda) e Gestor alimentando o gado no momento em que a pesquisadora chega à propriedade.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quanto aos bezerros, todos os produtores entrevistados afirmaram utilizar de aleitamento natural, colocando-o ao pé da vaca, o que diminui a produtividade.

Figura 22 - Sucessor e os bezerros após a ordenha.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

No tocante ao tipo de ordenha, 82% dos produtores entrevistados utilizam ordenha manual, de menor custo. Apenas 44% dos produtores acima de 200 litros/dia utilizam ordenha mecânica, com as teteiras ligadas diretamente ao latão de leite, como mostra a Figura 25 abaixo e mais adiante a Figura 28.

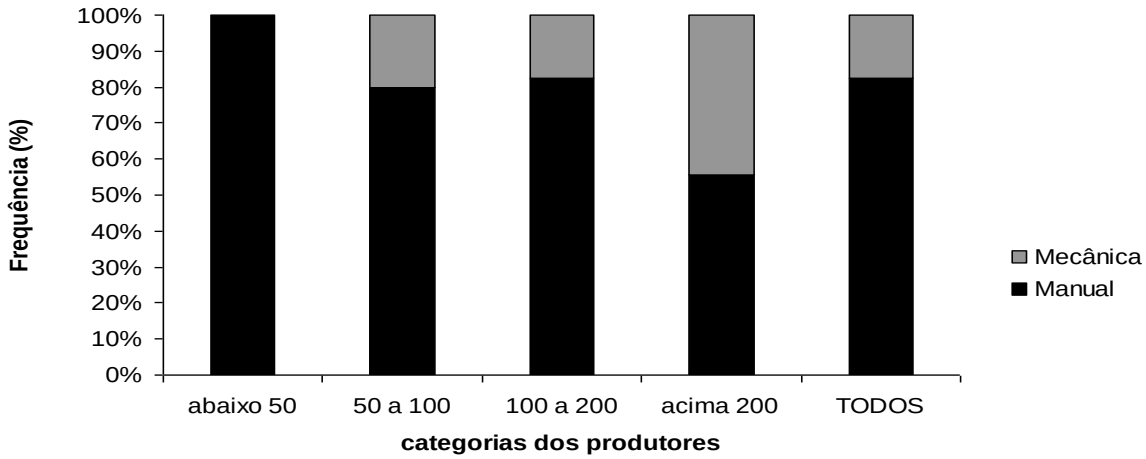

Figura 23 – Percentual dos produtores de leite que utilizam tipos diferentes de ordenha.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 24 – Sucessores ordenhando.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Não se encontrou em nenhuma das 57 unidades familiares visitadas a sala de ordenha.

Figura 25 - Local de ordenha no distrito de Piacatuba.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009

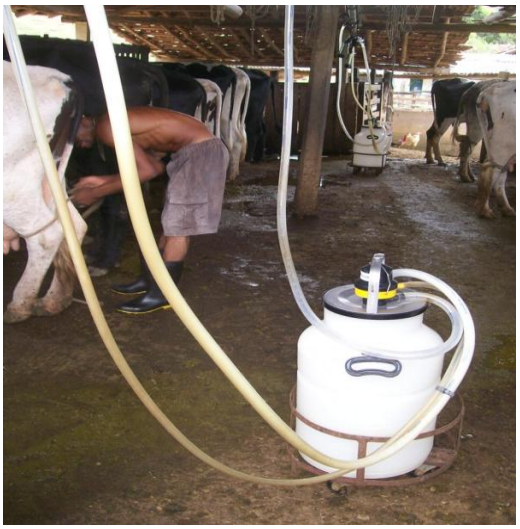

Figura 26- Funcionário ordenhando no distrito de Tebas
Fonte: Dados da pesquisa. 2009

Em 67% das unidades familiares pesquisadas em Leopoldina, o local da ordenha apresenta piso de concreto. Contudo, ainda era grande o número de locais de ordenha sem piso de concreto. Esta realidade pode ser verificada em todos os estratos.

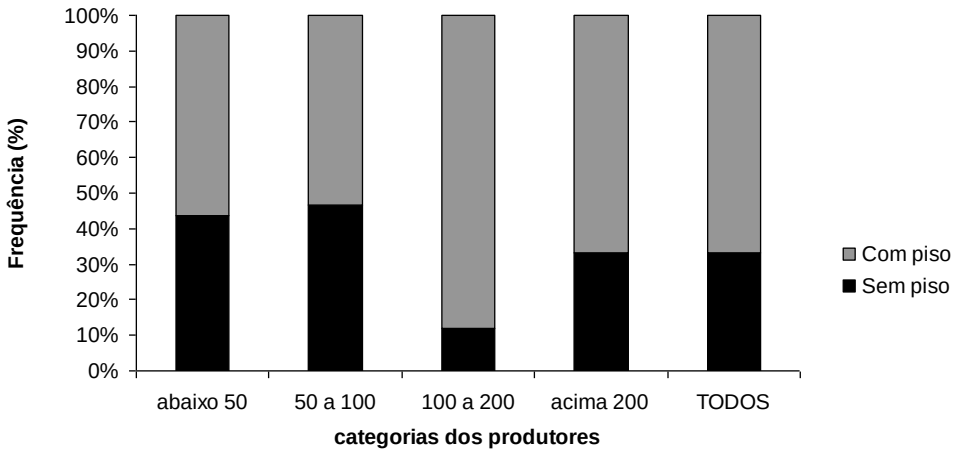

Figura 27 – Situação dos locais de ordenha
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 28 – Sucessor ordenhando em piso de pedra
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quanto ao número de ordenhas, 70% produtores que tiram abaixo de 50 litros/dia realizam apenas uma ordenha diária, o que se constitui em um indício de manejo pouco desenvolvido. Quando questionados sobre a razão para ordenhar apenas uma vez, a justificativa é a baixa produtividade dos animais e a necessidade de exercer outra atividade para complementar a renda, como ilustra a fala que se segue:

> (...) sabe, eu tiro leite porque gosto e dá uma rendinha que ajuda nas despesas. Já demos muito duro nesta vida, mas eu e minha mulher já estamos aposentados, aí você sabe né ... a gente não quer parar por que gosta da lida dos animais e gosta daqui.

Para aqueles que produzem mais leite, o número de ordenhas diárias é geralmente dois. Nessas unidades, com média de ordenha maior, as marcas da prosperidade se mostram com a chegada de novos animais na propriedade.

Figura 29 - Chegada de novas vacas na propriedade, acompanhada pelo produtor e sua esposa.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A preocupação em produzir leite com qualidade pode, também, ser tomada como um indicador do nível tecnológico do produtor. Produzir leite com qualidade se constituiu em objetivo presente em 69% dos produtores abaixo de 50litros/dia e em 89% dos pertencentes ao estrato acima de 200 litros/dia. As justificativas para a preocupação com a qualidade do produto variaram em torno dos seguintes argumentos: ser o leite um produto para alimentar as pessoas; estar a sua produção ligada ao aprendizado passado de geração para geração, sendo a qualidade um fator relevante entre os mais velhos e, por fim, pelo preço pago ao leite produzido na propriedade ter maior qualidade: 30% dos que tiram de 100 a 200 litros/dia atrelam qualidade a rentabilidade como mostra mais adiante na Figura 32.

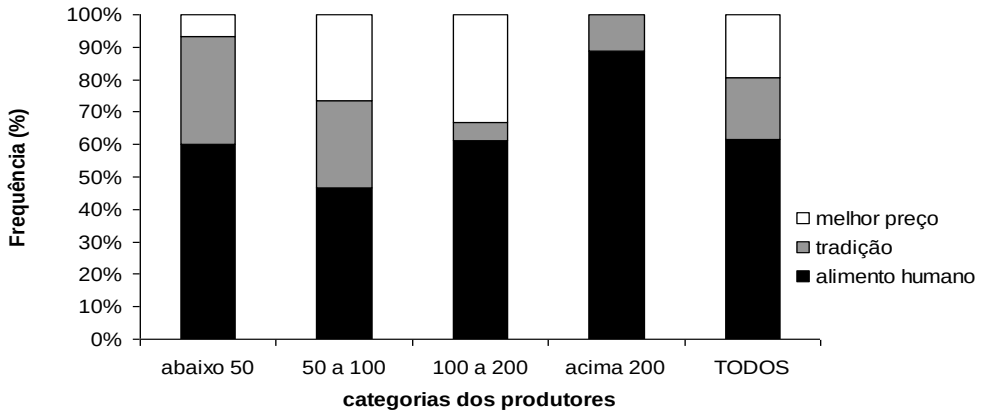

Figura 30 – Justificativa dos gestores das unidades para a qualidade do leite comercializado
Fonte: Dados coletados neste estudo, 2009.

Outro indicador de desenvolvimento tecnológico é a utilização, por parte do produtor, de resfriamento do leite na propriedade ou em tanques comunitários. De acordo com os regulamentos técnicos estabelecidos pela Instrução Normativa nº 51 (IN 51) publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o objetivo da coleta de leite cru refrigerado e de seu transporte a granel é fixar as condições para a conservação de sua qualidade até a recepção em estabelecimento industrial submetido à inspeção sanitária oficial (Brasil, 2002: 22). Esse procedimento, quando bem operacionalizado, torna-se uma ferramenta que agrega valor ao setor leiteiro.

Entre os entrevistados, 94% buscaram algum tipo de adequação em relação à IN 51. Apenas na categoria de produtores que tiram menos de 50 litros/dia, 18% dos produtores entrevistados disseram não ter alterado nada na sua rotina diária de

produção do leite para atender a IN 51. Em todas as demais categorias houve alteração na produção e/ou estocagem do leite como mostra mais adiante na Figura 33.

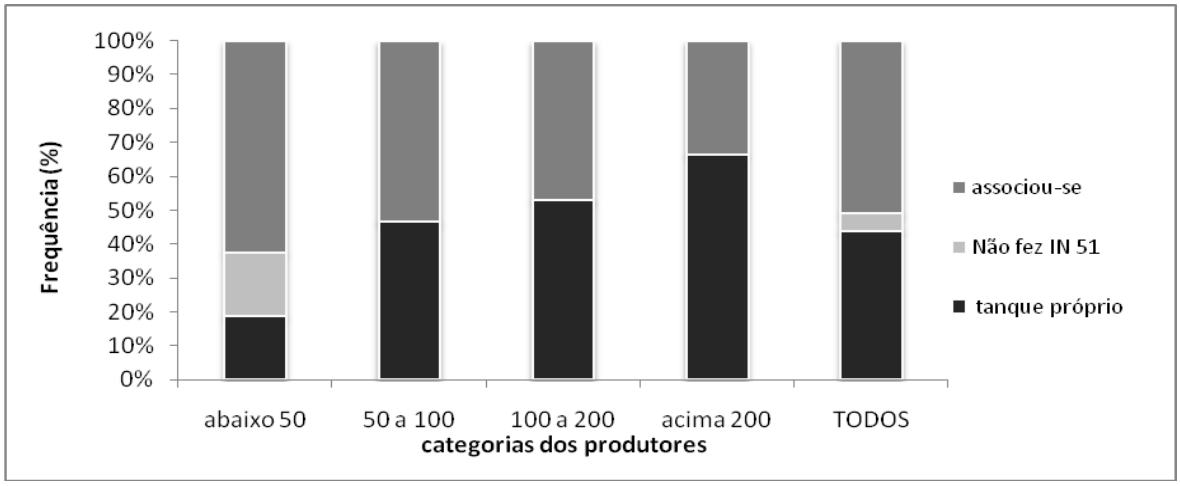

Figura 31 – Alternativas dos gestores das unidades para atender as exigências da IN 51.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os entrevistados se referiram à exigência de estocagem do produto por parte dos laticínios, como fator promotor da associação entre eles para a compra de um tanque de resfriamento coletivo. A possibilidade de ter um tanque de resfriamento próprio, exclusivo, pareceu-nos se constituir em um fator de diferenciação interna entre eles, em virtude do orgulho dos entrevistados que o possuíam ser mostrado como uma característica que os peculiarizavam em relação aos demais. Alguns escolheram fazer a entrevista próximo ao tanque ou faziam questão de que ele fosse fotografado (Figuras 34 e 35).

Figura 32 - Tanque próprio
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 33 - Tanque próprio
Fonte: Dados da pesquisa, 2009

Nessa pesquisa foram visitados três tipos de organização em torno dos tanques de resfriamento. O primeiro tipo se referiu aos tanques de resfriamento que foram instalados pela Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina (Lac), estrategicamente colocados em locais para atender a um número maior de pequenos cooperados. Um segundo tipo encontrado foram os tanques de Associações de produtores. O terceiro tipo foi o tanque comunitário. Quando questionados sobre qual tanque utilizavam, a categoria dos que utilizam o tanque da Lac aparece apenas no menor estrato, até 50 litros/dia. Para as categorias de maior produção os tanques pertencem a associações como mostra mais adiante na Figura 36.[8]

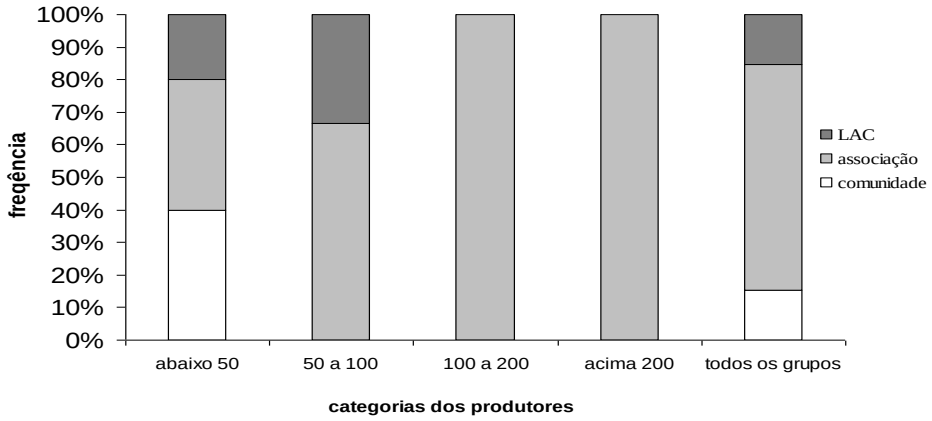

Figura 34– Tipos de tanques de resfriamento de leite no município de Leopoldina
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Esses dados podem indicar um nível de articulação entre os produtores dos maiores estratos, que utilizam tanques de associação, nas quais a sua prática de utilização dos tanques é regida por regras que normatizam inclusive o tipo de manejo adequado na ordenha.

[8] Dada a organização dos produtores de leite em associações ou cooperativas, faz-se necessário uma diferenciação entre estas duas formas organizativas. Neste sentido, ressalta-se que a "diferença essencial está na natureza dos dois processos. Enquanto as associações são organizações que tem por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe, filantrópicas; as cooperativas têm finalidade essencialmente econômica. Seu principal objetivo é o de viabilizar o negócio produtivo de seus associados junto ao mercado." (Revista das ONGs, disponível em <http://www.revistadasongs.com.br/como_montar_ong.php?ed=1>). Entretanto, a natureza social de ambas conduz a organização de pessoas em torno de um objetivo comum, visando a melhoria das condições de vida de seus associados, diferenciando-se essencialmente pelo caráter econômico específico às cooperativas.

Figura 35 - Tanque da Associação dos Produtores de Leite de Tebas.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 36 - Tanque comunitário de São Lourenço, distrito de Abaíba e seu responsável.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 37 - Local onde fica o tanque comunitário dos Valverde, comunidade de Tebas.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Figura 38 - Tanques da Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Familiares da Comunidade de Ribeiro Junqueira
Fonte: Dados da pesquisa, 2009

A comercialização coletiva do leite por um grupo de produtores tem sido uma estratégia vantajosa para os pequenos produtores, que dependem do tanque de expansão como instrumento básico. Estudos demonstram as experiências de pequenos e médios produtores de leite que buscam, por meio de organizações associativas democráticas, desenvolverem alternativas visando melhorar, individual e coletivamente a sua produção, compartilhando os benefícios do desenvolvimento comunitário. Nessa perspectiva, Alencar (1997: 07) acrescenta que esses grupos "são constituídos para aumentar o poder de pressão, barganha, reivindicação ou negociação dos seus membros frente a outros grupos de interesse". Os produtores de leite familiares de Leopoldina têm se unido em grupos na sua comunidade ou

buscado apoio em associações e cooperativas para estocagem do leite e comercialização em conjunto.

Todos os indicadores tecnológicos e de organização coletiva apresentados até o momento se relacionam com a coleta de dados relativa à verificação de duas hipóteses formuladas nesta pesquisa: a primeira, afirma que a tecnificação exigida para o exercício da atividade leiteira de caráter comercial é um fator favorável à sucessão em unidades produtivas familiares, em virtude de propiciar o aumento da renda conjugado a uma menor exigência de mão-de-obra; a segunda, que o grau de ações coletivas das famílias, por exemplo, através da utilização de tanques de resfriamento de leite comunitários ou de associações, pode se constituir em um fator favorável à sucessão nas unidades de produção familiares por melhorar o rendimento financeiro das unidades familiares produtivas de leite.

Por fim, um aspecto importante a ser analisado em relação às duas hipóteses supracitadas diz respeito à eficiência administrativa da unidade produtiva familiar. Neste sentido, os controles zootécnicos e financeiros são dois parâmetros utilizados para avaliar a eficiência da administração de uma unidade produtiva, visto que registros apropriados podem fornecer formas de intervenção e gestão da propriedade mais racionalizada. Portanto, a caracterização de uma gestão eficiente dentro da área de administração rural considera como indicadores não somente a utilização de tecnologia mais adequada para a produção, mas igualmente a implantação de uma gestão financeira e administrativa fundamentada em índices zootécnicos.

Nesta perspectiva, Camargo & Ribeiro (2005) afirmaram que para ter informações que sirvam de subsídios para a avaliação permanente das atividades desenvolvidas na propriedade leiteira é fundamental a adoção de uma escrituração tanto zootécnica quanto econômica da atividade. Nos seus estudos, os autores observaram que muitas propriedades leiteiras chegam a implantar sistemas bem sucedidos de coleta de dados, no entanto, não utilizam as informações geradas da maneira mais apropriada, deixando de analisá-las para a tomada de decisões. Nas unidades familiares pesquisadas, nenhum produtor entrevistado declarou elaborar planilha de custo. Somente um entrevistado se referiu à escrituração de dados zootécnicos, mas quando a pesquisadora solicitou se podia ver, disse que não

estava na propriedade, pois havia levado para a mãe, que mora na sede do município, ver.

Cerca de 90% desses produtores também declararam que não recebem assistência técnica. Relataram não procurar a assistência técnica e não serem procurados por técnicos para acompanharem a sua atividade. Alguns se referiram aos dias de campo da EMATER, entretanto disseram serem os momentos coletivos muito espaçados e que pouco influenciam na sua prática. Mesmo entre os produtores do estrato acima de 200 litros/dia, a assistência técnica se mostrou restrita. Assim, os conhecimentos tecnológicos e administrativos sobre rodízio de pastagens, acompanhamento zootécnico do rebanho, planilha de custos não se fazem presentes na prática dos produtores de leite em Leopoldina.

Após a apresentação da atividade leiteira praticada pelos produtores de Leopoldina, podemos afirmar que o nível tecnológico da mesma era baixo e bastante dependente da extensão da terra, da disponibilidade de mão de obra e da natureza, sobretudo pela dependência da mesma em relação às chuvas para oferta de capim e cana-de-açúcar ao gado. Caso a primeira hipótese que formulamos - de que a tecnificação exigida para o exercício da atividade leiteira de caráter comercial seria um fator favorável à sucessão em unidades produtivas familiares, em virtude de propiciar o aumento da renda conjugado com uma menor exigência de mão-de-obra – seja verdadeira, poderemos esperar que haverão propriedades sem sucessores na pesquisa ora realizada.

A veracidade da segunda hipótese, segundo a qual o grau de ação coletiva das famílias pode se constituir em um fator favorável à sucessão nas unidades de produção familiares, pelo fato da organização produtiva coletiva incidir sobre o rendimento financeiro das unidades familiares produtivas de leite e gerar um cenário mais promissor para o futuro sucessor. Vejamos através das perspectivas que os atuais gestores expressaram em relação ao futuro de sua propriedade, de que forma as duas hipóteses até agora consideradas podem ser analisadas.

3.4 Opinião sobre a atividade leiteira e perspectiva futura da atividade

Questionou-se o produtor de leite familiar sobre a forma como ele percebia a atividade leiteira na atualidade e o que justificava esta sua percepção.

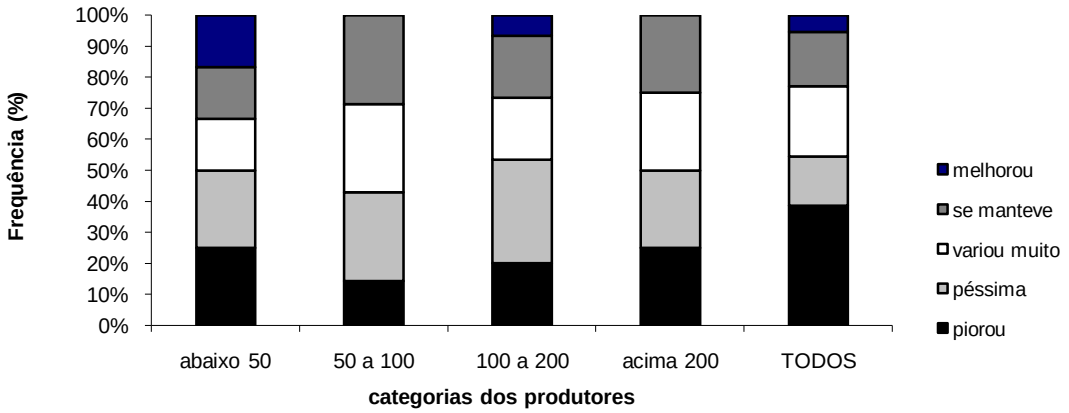

Figura 39 – Forma como os produtores percebem a atividade leiteira
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os dados da Figura 41 mostram que há uma expressividade em todos os estratos quanto à avaliação negativa da atividade leiteira na atualidade. A percepção mais positiva, que não é expressiva, aparece com maior destaque entre os produtores do estrato menos produtivo, que é também o que faz menores investimentos tecnológicos na atividade. O preço do leite e a falta de mão de obra foram as principais justificativas para essa piora da situação (Figura 42).

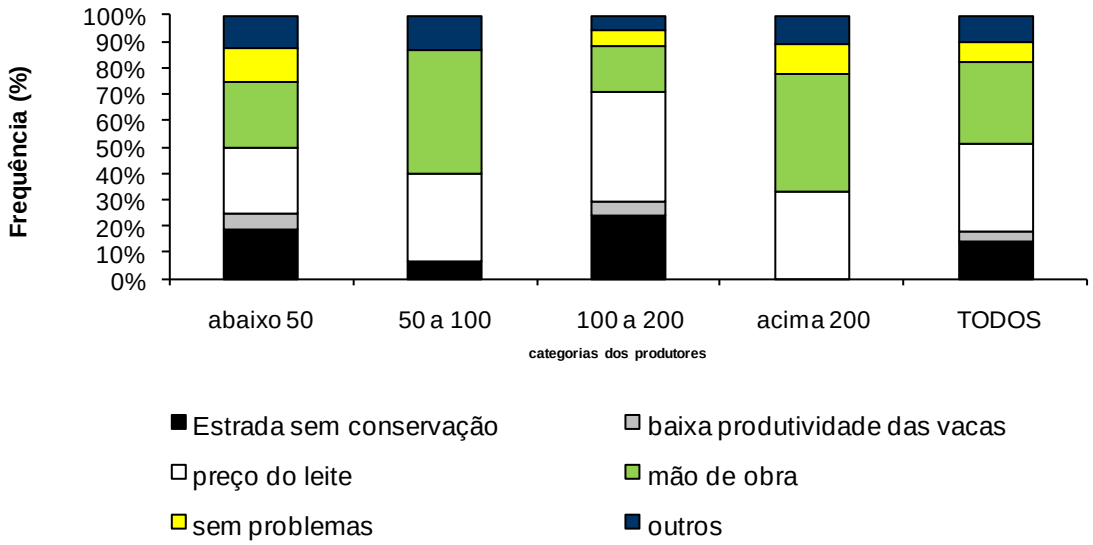

Figura 40– Justificativas dos produtores de leite para a situação da atividade leiteira
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quando se questionou os produtores familiares sobre a razão de se produzir leite, a razão apontada foi a renda mensal, seguida da possibilidade de combinar esta atividade com outra (Figura 43).

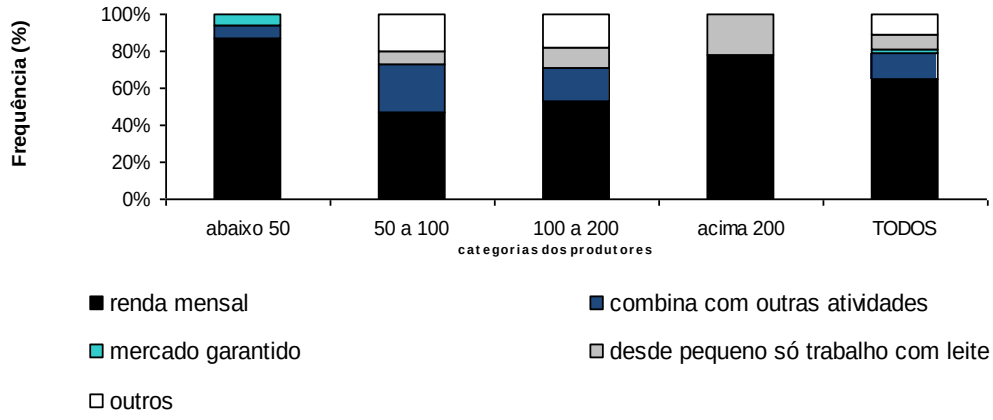

Figura 41 - Razões para os gestores das unidades explorarem a atividade leiteira
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Dentro da categoria “outros” consideraram-se respostas que se referiam à possibilidade de empregar a família, ter um mercado garantido, só saber fazer isso, e falta de oportunidade. Quanto ao futuro da atividade leiteira em suas propriedades (Figura 44), cerca de 84% dos entrevistados gostariam de mantê-la ou aumentá-la, mesmo que o preço e outras condições não sejam favoráveis.

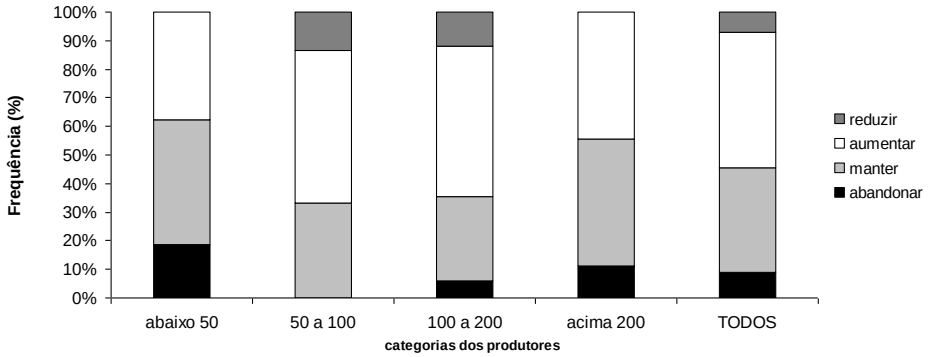

Figura 42 – Percepção futura dos gestores das unidades para a atividade leiteira em suas propriedades.
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Tabela 7 - Percepção futura dos gestores das unidades para a atividade leiteira em suas propriedades.

Alternativa de produção	Estratos de produção (litros/dia)				Média
	Abaixo de 50	50 a 100	100 a 200	Acima 200	
abandonar	19%	0%	6%	11%	9%
manter	44%	33%	29%	44%	37%
aumentar	38%	53%	53%	44%	47%
reduzir	0%	13%	12%	0%	7%
Total	**16**	**15**	**17**	**9**	**57**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A perspectiva de manter ou aumentar a atividade leiteira, independente do preço pago ao produtor, parece apontar para esta atividade incorporar o próprio sentido do que é ser produtor rural. Muito mais que uma remuneração, a atividade leiteira traduz um modo de vida, um modo de ser no mundo, passado de pai para filho. Assim, bem remunerado ou não, é através desta atividade que o patrimônio familiar vai sendo perpetuado de geração em geração. Desta forma, embora o desenvolvimento tecnológico possa servir de motivação para a continuidade da atividade leiteira e o seu pouco desenvolvimento possa refletir em termos de uma retração nesta disposição, há que se considerar por outro lado, o peso da tradição de ser produtor rural como incidindo no processo sucessório.

CAPÍTULO 4

A GERAÇÃO DOS SUCESSORES: ESCOLHAS E EXCLUSÕES VELADAS

Neste capítulo apresentamos a análise do quadro sucessório nas unidades produtoras de leite de caráter familiar em Leopoldina e região, com base em dados coletados a partir dos questionários aplicados aos jovens rurais, durante um encontro realizado pela EMATER, acrescidos dos dados coletados junto aos filhos de produtores que se encontravam nas propriedades no momento das visitas. As informações levantadas apontam indícios da consolidação da sucessão em bases masculinas.

Quando observamos a participação de jovens no *Projeto Transformar*, promovido pela EMATER para qualificar profissionalmente este segmento da população rural, percebemos que era muito mais expressiva a presença de rapazes do que de moças: 43 rapazes contra apenas 18 moças. Este fato pode ser visto como um dos indicativos de masculinização da sucessão na agricultura familiar, em função de que a própria instituição em seu contato cotidiano com os produtores tem a percepção dos jovens que permanecerão. Estas considerações alinham-se às pesquisas de Camarano e Abramovay (1999), que já chamavam a atenção para o fato do meio rural estar cada vez mais masculino e as famílias possuírem filhos na fase adulta vivendo com os pais, como pode ser visto na Figura 45.

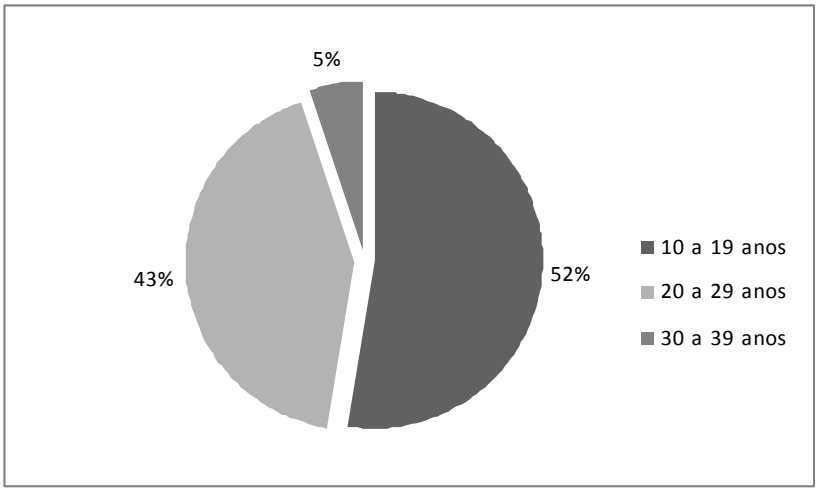

Figura 43– Faixa etária dos possíveis sucessores
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Podemos observar, ainda, a concepção de jovem vigente na cultura local. Quando nos detemos no fato de que o evento promovido pela EMATER-MG era para jovens rurais, percebemos que a idade não era o fator a definir quem era jovem, visto a expressividade de indivíduos entre 20 e 39 anos. Outros trabalhos, como o de Costa (2010) em Santa Catarina, chama a atenção para a condição do casamento como fator determinante para o indivíduo não ser mais considerado jovem. Neste sentido, ao observar o estado civil dos entrevistados, este fato confirma-se: 92% dos participantes eram solteiros. Buscando-se obter mais informações acerca do perfil dos possíveis sucessores, levantamos dados relativos à escolaridade e identificamos níveis escolares semelhantes aos dos habitantes da cidade (Figura 46).

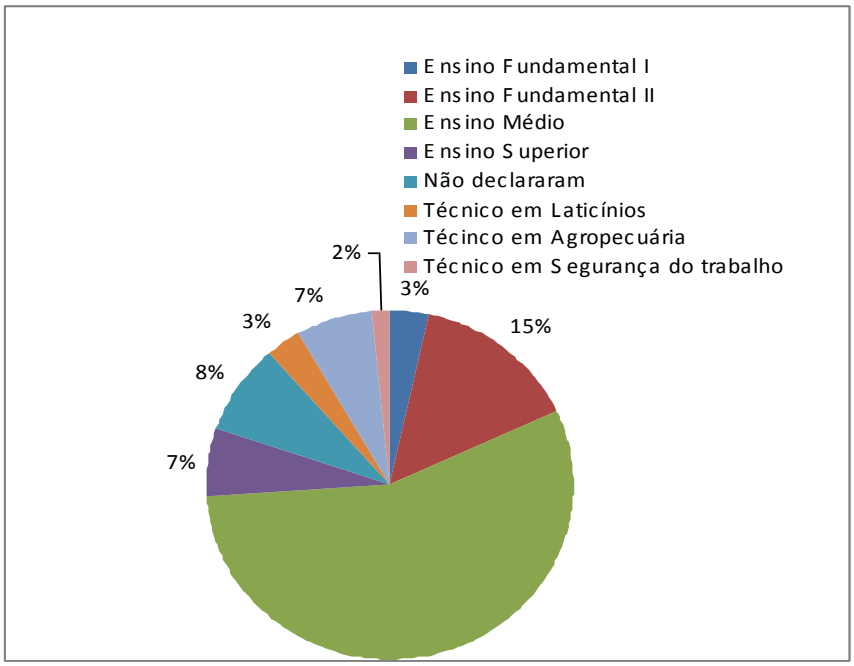

Figura 44 – Escolaridade dos possíveis sucessores
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

A maioria, 50 dentre os 61 entrevistados, haviam concluído o ensino médio e/ou curso técnico e apenas quatro possuíam ensino superior. Assim, podemos inferir que esses possíveis sucessores têm nível educacional que os possibilita fazer escolhas entre o rural e o urbano. Quando questionados sobre a pretensão de continuar os estudos, 54% afirmaram que pretendem continuar e 46% que não. Dos que desejavam continuar os estudos, havia uma leve margem de vantagem para os cursos ligados ao campo: Zootecnia, Veterinária, Agronomia e Técnico Agrícola. A

Figura 47 mostra uma parcela significativa de jovens que ainda não conseguiram decidir sobre o curso que pretendem fazer – classificados como não definidos, – o que pode significar, também, o desinteresse em continuar a estudar.

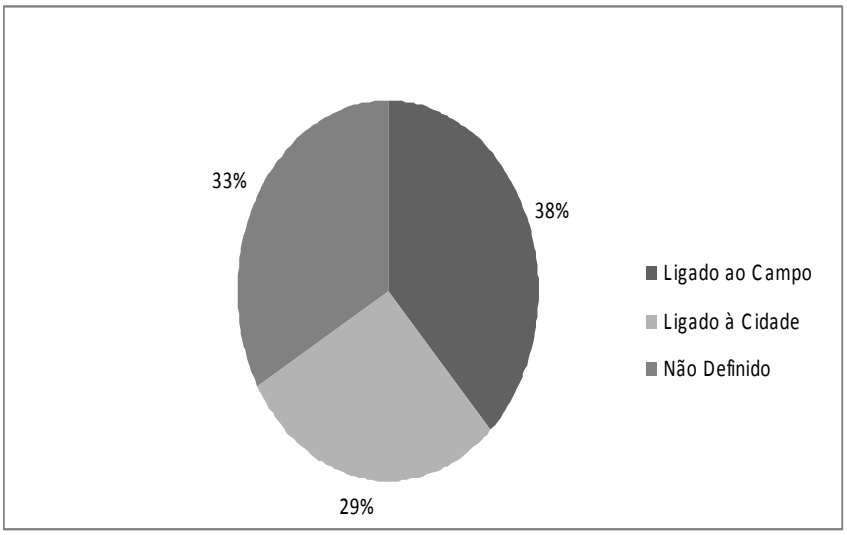

Figura 45 – Cursos pretendidos pelos possíveis sucessores.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Para Lamarche (1993), a escolarização dos filhos constituiu-se em uma estratégia com dupla finalidade: a) quando pequeno reflete a prioridade de auxílio na propriedade, dispensando a contratação de mão-de-obra; b) quando maior, como uma forma de melhorar a condição dos jovens nas propriedades - ou pelo menos garantir a eles um futuro melhor no espaço urbano. Assim, o grau de escolaridade mais alto já seria um indicador para os não sucessores. De acordo com o autor supracitado, algumas das estratégias de reprodução da agricultura familiar, ligadas diretamente à família, dizem respeito à herança, ao trabalho e à escolarização dos filhos. Nesta perspectiva, questionamos os jovens presentes no Encontro da EMATER, sobre qual seria a sua pretensão para o futuro. Conforme pode ser observado na Figura 51, mais de 50% dos jovens pretendia morar e trabalhar no campo. De todas as possibilidades apresentadas na Figura 48, apenas 23% não tinha nenhuma pretensão futura ligada ao meio rural.

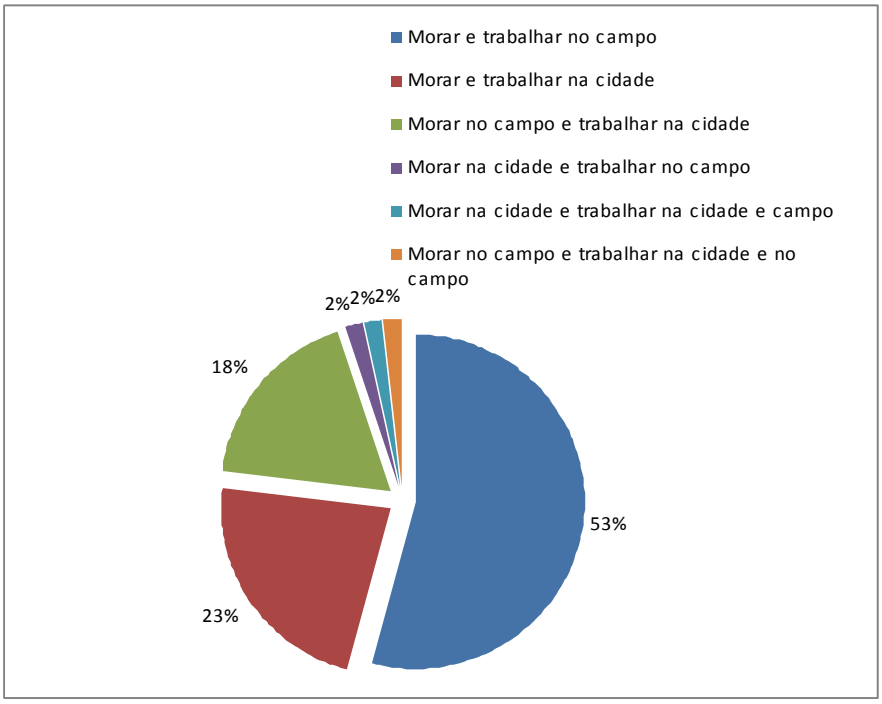

Figura 46 – Pretensão dos possíveis sucessores quanto ao seu futuro.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Um dado interessante a ser observado na Figura 48, é a percepção dos jovens quanto à possibilidade de integração entre campo e cidade. Para 24% dos jovens, a dinâmica campo-cidade se mostra como uma alternativa possível seja combinando a moradia rural com o trabalho urbano ou vice-versa. Tal proximidade campo-cidade pode influenciar novas possibilidades sucessórias no meio rural. Dentro desta dinâmica, o trabalho na unidade familiar produtiva se torna uma referência muito importante para os filhos de produtores rurais, ainda que eles exerçam atividades fora da propriedade familiar. Tavares dos Santos (1978) afirma que na unidade de produção familiar, quem move o processo de trabalho é a força de trabalho familiar.

Esta força é estabelecida no âmbito da produção por meio da divisão do trabalho entre os membros da família e com a ausência de salários. Por considerar a força de trabalho familiar como uma característica básica e fundamental, buscou-se trazer as percepções dos possíveis sucessores sobre o trabalho e a renda na atividade leiteira. Dentro desta perspectiva de trabalho familiar na atividade leiteira, constatou-se que 82,25% dos entrevistados afirmaram trabalhar na unidade produtiva familiar. Pode-se inferir, considerando os aspectos de escolarização e de trabalho, que os

filhos e filhas dos produtores familiares de leite em idade escolar estão frequentando a escola.

Assim, a dupla jornada estudo-trabalho, constitui-se em uma estratégia que não está exclusivamente voltada para fora da propriedade familiar. A proximidade campo-cidade tem se manifestado como um projeto de vida que pode conciliar a interação entre estes dois espaços na vida dos jovens, entrelaçando trabalho e moradia, de forma flexível. Talvez o mais importante seja perceber que o processo de socialização realizado através do trabalho familiar na unidade produtiva liga os filhos à propriedade desde a infância, podendo contar com a sua contribuição, mesmo que intermitente durante toda a vida. Tanto os filhos que vão sair como os que vão ficar e se tornar sucessores começaram a trabalhar desde cedo, como mostra a Figura 49.

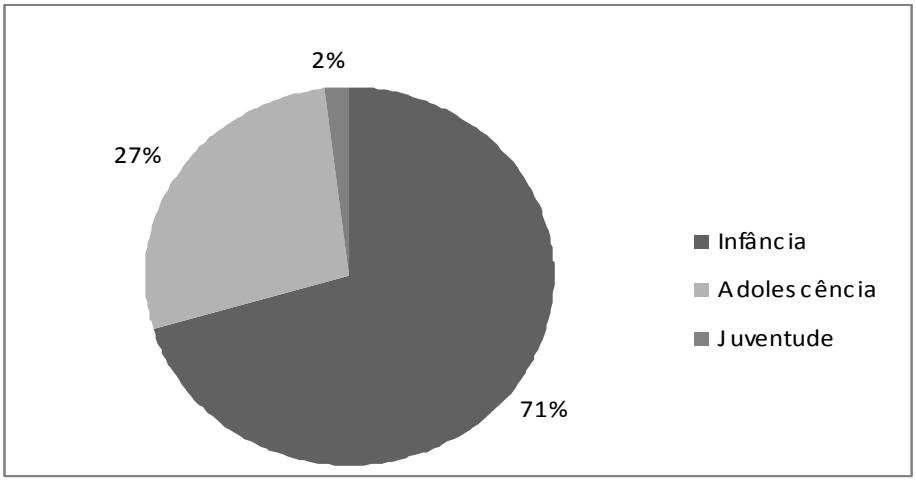

Figura 47 – Etapas da vida em que os possíveis sucessores começaram a trabalhar
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Assim, os filhos e filhas aprendem o ofício ajudando os pais nas unidades de produção familiar, apenas 8% dos entrevistados trabalham exclusivamente na cidade. Neste sentido, compreende-se a influência significativa da socialização para o trabalho nas atividades diárias da unidade de produção familiar, como ilustra a Figura 50 a seguir.

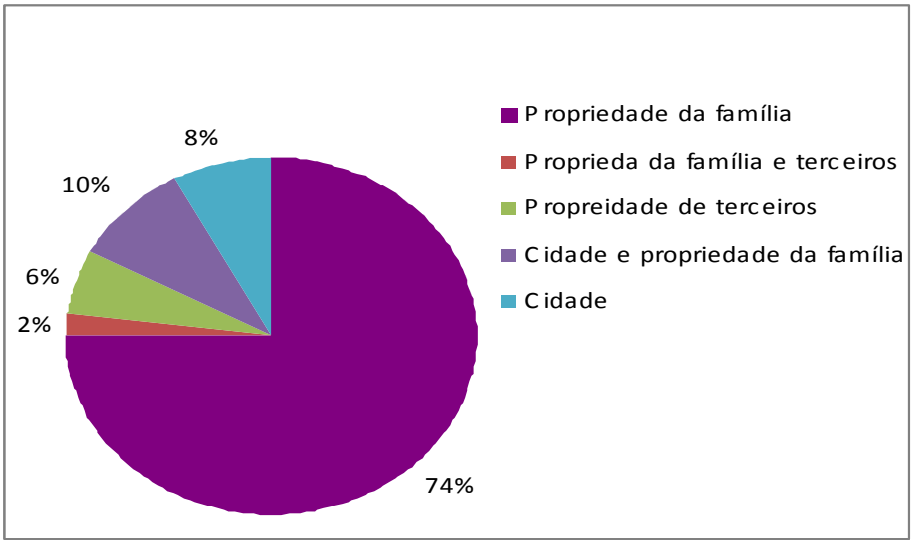

Figura 48 – Locais onde trabalham os possíveis sucessores
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

4.1 Percepção dos filhos de produtores acerca da atividade leiteira

Quando consideradas as perspectivas de futuro, 53% dos entrevistados disseram que pretendiam trabalhar no campo, 18% se referiram ao trabalho no campo e na cidade, enquanto 23% pretendiam trabalhar apenas na cidade. Estudos sobre sucessão demonstraram que a percepção dos agricultores sobre a ocupação agrícola influencia o processo sucessório. Foi o que afirmou Champagne (1986a), referindo-se ao fato de a influência da família ir além dos bens materiais, transmitindo aos filhos a sua visão de mundo, a sua concepção de trabalho e a sua "moral" menos ou mais pessimista em relação ao futuro.

Dessa forma, questionou-se os filhos e filhas de produtores de leite familiares de Leopoldina e região sobre sua opinião acerca da atividade leiteira, para compreender como eles a percebiam. A opinião dos entrevistados sobre a atividade leiteira foi bastante diversificada, no entanto, podemos perceber certa tendência de acordo com a Figura 51 e o Quadro 01.

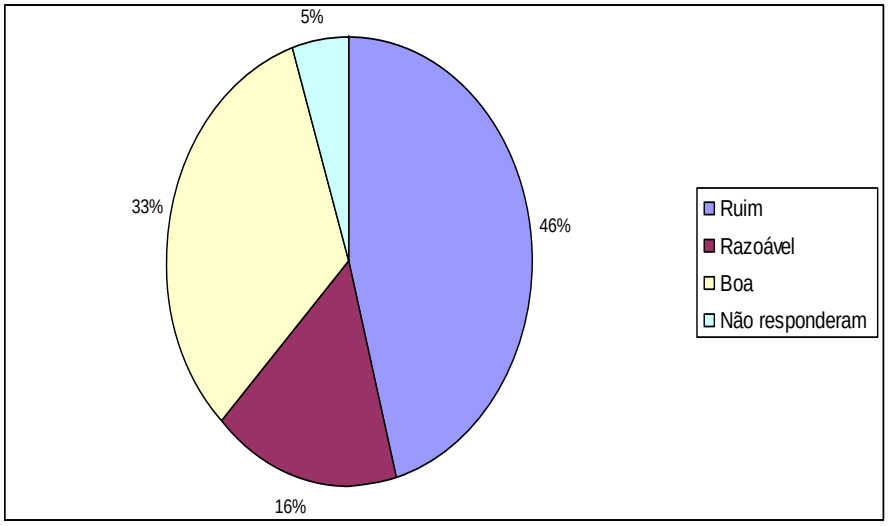

Figura 49 - Opiniões dos possíveis sucessores sobre a atividade leiteira na região de Leopoldina
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Quadro 1 – Perspectivas dos entrevistados em relação à atividade leiteira.

PERSPECTIVA	FRASES
Ruim	*"A atividade leiteira é muito fraca. Não tem incentivo e valorização do produtor, com isso há perda dos valores entre pais e filhos que vão se distanciando." (Entrevistado no. 39)* *"Sacrificada. Hoje não é um bom negócio. Leite ajuda a fazer as despesas. É ruim, pois, a cooperativa compra leite de fora do município, deveria nos ajudar." (Entrevistado no. 12)* *"Muito fraca, não tem incentivo, não tem assistência técnica, não tem nada." (Entrevistado no. 10)*
Razoável	*"A rentabilidade da atividade leiteira é baixa, mas é o que temos. Se paramos não temos outra renda." (Entrevistado no. 27)*
Boa	*"A atividade leiteira é importante para nossa região. Ele move a renda na nossa região. O que traz dinheiro para movimentar a cidade e a LAC." (Entrevistado no. 3)*

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Percebemos, através dos dados anteriormente apresentados, que a atividade leiteira na região de Leopoldina não suscita um cenário promissor em termos das percepções dos filhos de produtores de leite. Paira certo conformismo e aceitação da situação mais do que entusiasmo. Neste contexto, buscou-se compreender como esses possíveis sucessores na atividade leiteira percebiam a profissão de seus pais: 70,49% disseram que a profissão era desvalorizada, enquanto 29,51% apontavam

em direção oposta, dizendo que a profissão do pai era valorizada. Quando perguntados se percebiam lucro satisfatório com a produção de leite 72,13% disseram que não, pelo contrário, percebiam prejuízo e necessidade de venda de animais para cobrir as despesas.

Quanto à perspectiva de sucesso econômico da família na atividade leiteira, 55,74% associaram o sucesso à superação das dificuldades, ressaltando a maneira como o pai começou naquela unidade produtiva e o que ele foi capaz de construir tendo a atividade leiteira como a principal fonte de renda; 44,26% afirmaram não observar sucesso e relataram as queixas que ouviam dos pais sobre a atividade. Os aspectos positivos da atividade leiteira relatados se relacionavam de forma mais expressiva com a questão do pagamento mensal.

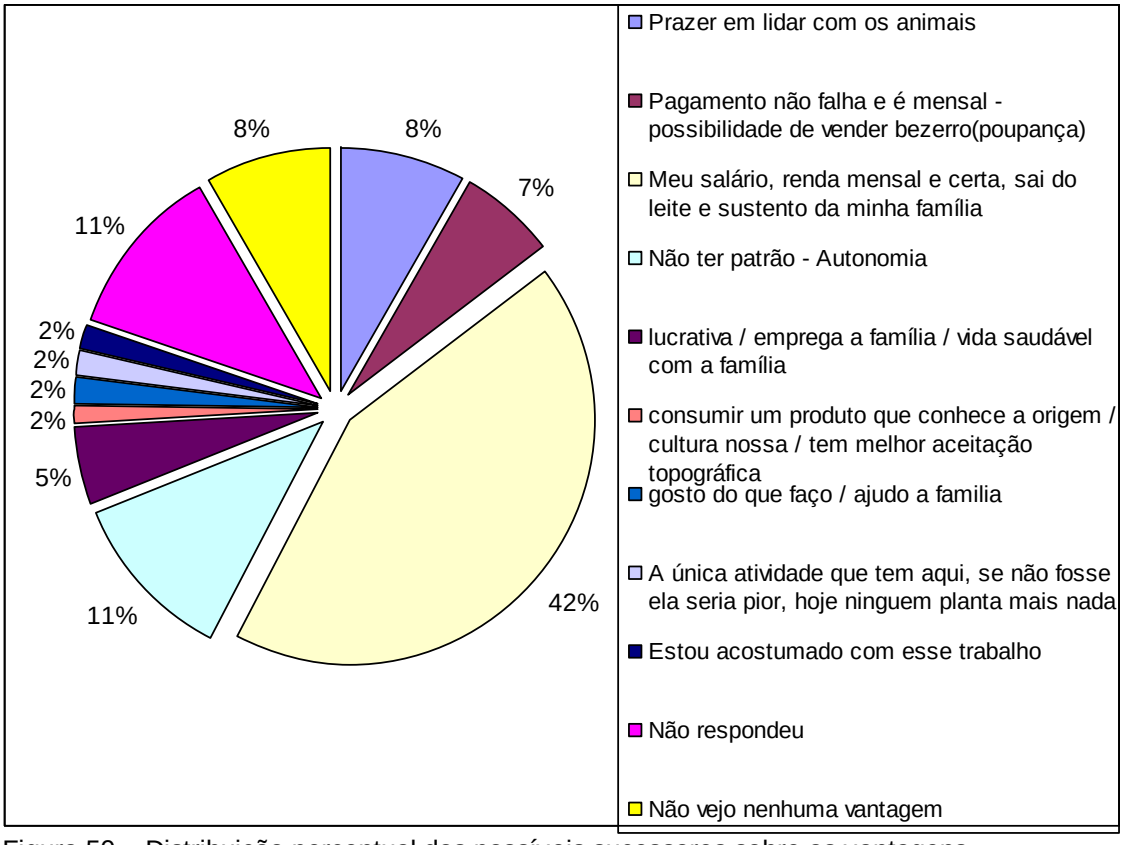

Figura 50 – Distribuição percentual dos possíveis sucessores sobre as vantagens da atividade leiteira.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

No que tange às desvantagens da atividade leiteira, destacaram-se a baixa lucratividade e a necessidade de compromisso diário e de trabalho pesado para o desempenho da atividade, como mostra a Figura 53.

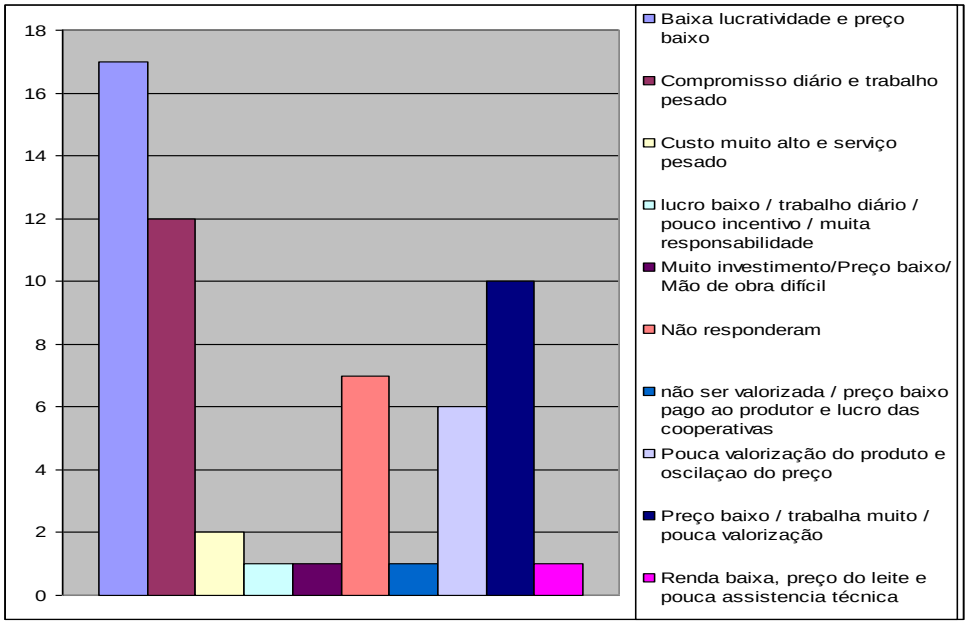

Figura 51 - Desvantagens da atividade leiteira segundo os filhos de produtores.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Essa tendência corrobora com os estudos de Champagne (1986b), no qual o autor afirma que os filhos de agricultores familiares reproduzem o julgamento sobre a condição expressa em sua própria família. No caso em questão, esta avaliação da atividade leiteira reflete mais a aceitação sobre a situação do que o entusiasmo em relação a ela. Quando observamos a Figura 54, percebemos que apesar de 38% dos produtores pretenderem manter a produção atual, 30% aumentá-la e 16% buscarem acesso a novas tecnologias, este envolvimento com a atividade leiteira não pode ser visto como indicação de julgamento positivo da mesma, mas antes, como uma forma de lutar e reagir face às circunstâncias adversas.

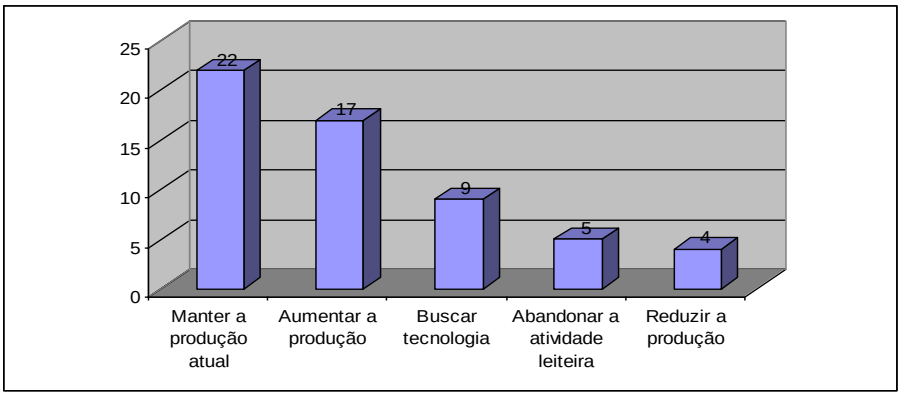

Figura 52– Projetos dos produtores familiares de leite de Leopoldina.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Os dados indicam que embora os projetos futuros para a propriedade passem pelo investimento na atividade leiteira, mesmo ela não tendo sido vista como uma atividade promissora pelos entrevistados, ela permite-lhes, ao menos, manter o seu modo de vida, a sua identidade de produtor rural e a sua condição de vida. Percebemos, assim, que a perspectiva sucessória tem uma forte influência da tradição e do modo de vida herdado, visto que os fatores considerados desfavoráveis à atividade leiteira, como o excesso de trabalho e a baixa rentabilidade, poderiam ser considerados como desestimuladores de sua continuidade. Corrobora com esta perspectiva da força da tradição para a continuidade da atividade, a perspectiva de cautela manifestada por 47% produtores em relação à atividade leiteira, cujo interesse está focado na mudança de atividade, como mostra a Figura 55.

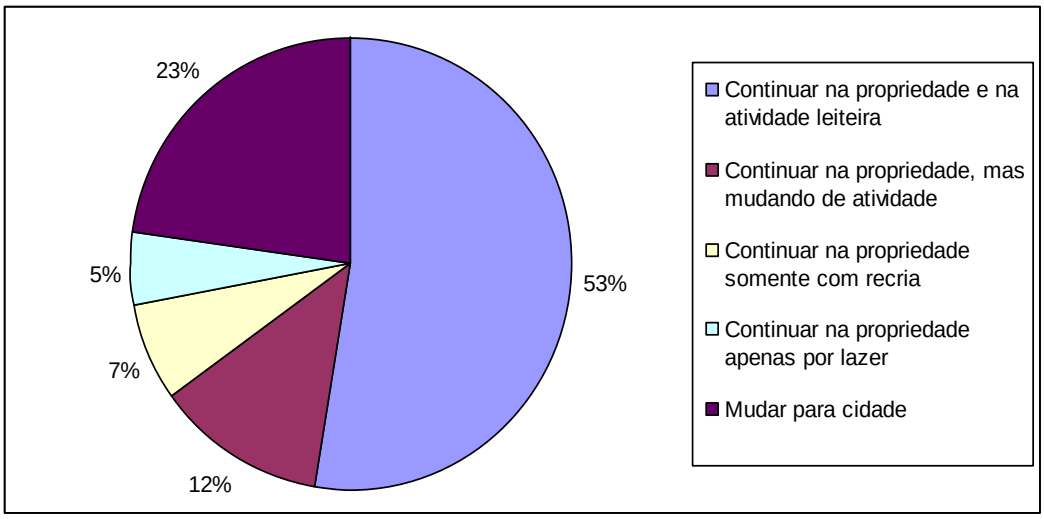

Figura 53 – Opiniões dos produtores sobre futuro da propriedade.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Das 18 unidades sem sucessor, a força da tradição continua a ser percebida, pois 7 desses gestores pretendem continuar na propriedade. Dos gestores entrevistados, onze se referiram ao interesse de mudar para a cidade. Ampliando-se o questionamento acerca de qual atividade os filhos e filhas de produtores familiares de leite pretendiam desenvolver observou-se que as atividades tradicionais foram as mais citadas, sendo a agroindústria, que agrega valor ao produto e exige maior organização produtiva da atividade, pouco citada (Figura 56).

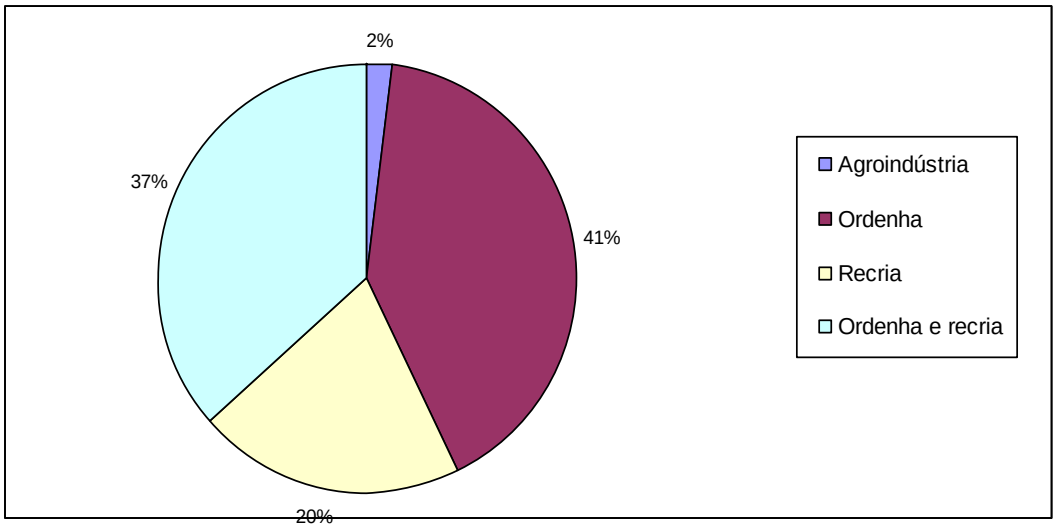

Figura 54– Pretensão dos possíveis sucessores quanto à atividade a realizar no futuro.
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2009)

Os dados apresentados na Figura 56 demonstram certa tendência de crescimento da atividade de recria face à produção exclusiva de leite, o que pode indicar uma forma dos produtores rurais buscarem potencializar as suas possibilidades de ganho limitado, face ao baixo desenvolvimento tecnológico que possuem na realização da atividade leiteira.

4.2 Fatores intervenientes no processo sucessório

4.2.1 Tecnologia, gestão, assistência técnica e renda

O uso de uma tecnologia inadequada é fator determinante das baixas produtividade e rentabilidade, podendo levar à desistência da atividade. O baixo nível tecnológico das fazendas, a baixa capacitação técnica dos produtores, o baixo conhecimento gerencial e a assistência técnica veterinária e agronômica deficiente podem ajudar a explicar esta tendência de crescimento da atividade de recria entre os produtores de leite. Esta seria uma forma de aumentar as suas possibilidades de ganho econômico e, assim, as suas possibilidades de reprodução social.

Neste sentido, questionou-se os filhos de produtores acerca da influência da tecnificação da atividade leiteira sobre o estímulo para continuar na atividade. A

maioria deles, 79%, afirmou que a tecnificação estimularia a continuidade na atividade leiteira porque diminuiria a necessidade de mão-de-obra contratada e os próprios familiares poderiam executar a tarefa diariamente, mesmo se a produção leiteira aumentasse.

Com referência à renda do leite ser considerada um fator estimulante para a continuidade na atividade, 68,85% afirmaram não ser nada estimulante contra 31,15% que a consideravam positiva, índice abaixo ao encontrado pelo Diagnóstico da Pecuária Leiteira de Minas Gerais (2006). Este estudo apontou a renda mensal do leite como razão para 56% dos entrevistados produzirem leite. Várias pesquisas têm apontado que é com o recurso mensal do leite que os produtores familiares custeiam as despesas diárias da unidade de produção e da família, daí grande parte da avaliação positiva do rendimento dele advindo. Inclusive, para os filhos de sucessores, o recebimento mensal se constituía em um fator motivador para 77% demonstrarem possibilidade em se manter com tal atividade. Além da renda mensal, as bezerrinhas foram relatadas como representando uma forma de poupança até o período da sua própria recria. Assim, a atividade leiteira traria uma segurança tanto para a satisfação das necessidades cotidianas quanto futuras.

4.3 A influência das ações coletivas sobre o processo sucessório

No estudo realizado por Melo (2003) sobre a experiência associativa para aquisição e uso de tanques de expansão e resfriamento de leite nas cidades mineiras de Juiz de Fora, Bom Sucesso, Coqueiral e Boa Esperança, o autor concluiu que o maior desafio e conquista era a organização dos produtores, que culminou na formação das associações cuja estrutura e funcionamento viabilizaram atingir objetivos de ordem social e econômica. Nesta perspectiva, buscou-se, nesta pesquisa, analisar se as ações coletivas associadas à utilização de tanques de resfriamento de leite comunitários pelas unidades de produção de leite de base familiar afetavam a viabilidade da atividade leiteira e, por conseguinte, o processo sucessório. Dos 61 filhos de produtores entrevistados, 42, ou seja, 59%, entregavam o leite para tanques de resfriamento coletivo. O teor organizativo e associativo da entrega de

leite em tanques de resfriamento foi reconhecido por 74% dos filhos de produtores, como mostra a Figura 57.

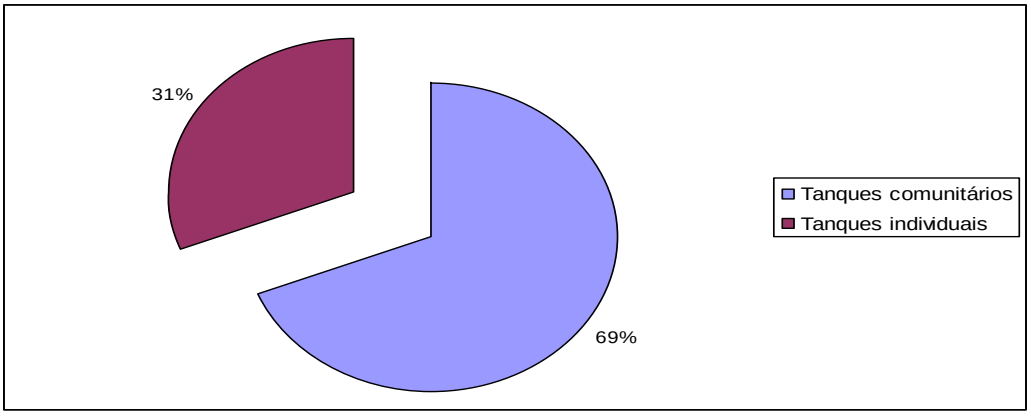

Figura 55 – Forma de entrega do leite.
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2009)

Os filhos de produtores relataram, em sua maioria, aspectos positivos ligados às ações coletivas, como a negociação do preço do leite e as reuniões para discutir e buscar soluções coletivas. Tais pontos foram vistos como conquistas advindas deste processo de organização coletiva que melhorou a capacidade de negociação dos produtores junto aos laticínios.

4.4 Fatores intergeracionais na definição do processo sucessório.

Para melhor compreender os fatores intervenientes no processo sucessório no meio rural os jovens foram questionados sobre como percebiam a visão dos pais com relação ao trabalho que desempenhavam na propriedade. A maioria, 90%, se ressentia pelo fato dos pais encararem o trabalho dos filhos como ajuda ou obrigação. Este fato repercutia na forma como os filhos tinham o seu trabalho recompensado: 34% se referiram ao recebimento de um salário fixo ou que ficavam com parte do pagamento de leite recebido por mês, mas uma grande parcela, 64%, disseram que os pais lhe davam dinheiro apenas quando necessário, sendo preciso pedir-lhes e, de certa maneira, justificar o pedido para obter algum tipo de ganho financeiro.

Segundo Champanhe (1986a), a recusa dos filhos em suceder os pais na atividade é, em primeiro lugar, uma recusa do modo de vida dos pais. Logo, a crise de reprodução é uma crise de identidade social. Dessa forma, buscou-se evidenciar quais motivos seriam apresentados pelos possíveis sucessores para deixarem o meio rural. De acordo com o evidenciado na Figura 58, dos motivos assinalados, 29,51% se referem à baixa rentabilidade da atividade leiteira, 21,31% a melhores condições de trabalho e 24,59% a continuar os estudos,. Salienta-se que os dois primeiros motivos apresentados perfazem um total de 50,82% e se referem diretamente à maneira como a atividade leiteira é conduzida na região, vista como uma influência para a migração rural urbana, evidenciando uma possível recusa ao modo de produção dos pais.

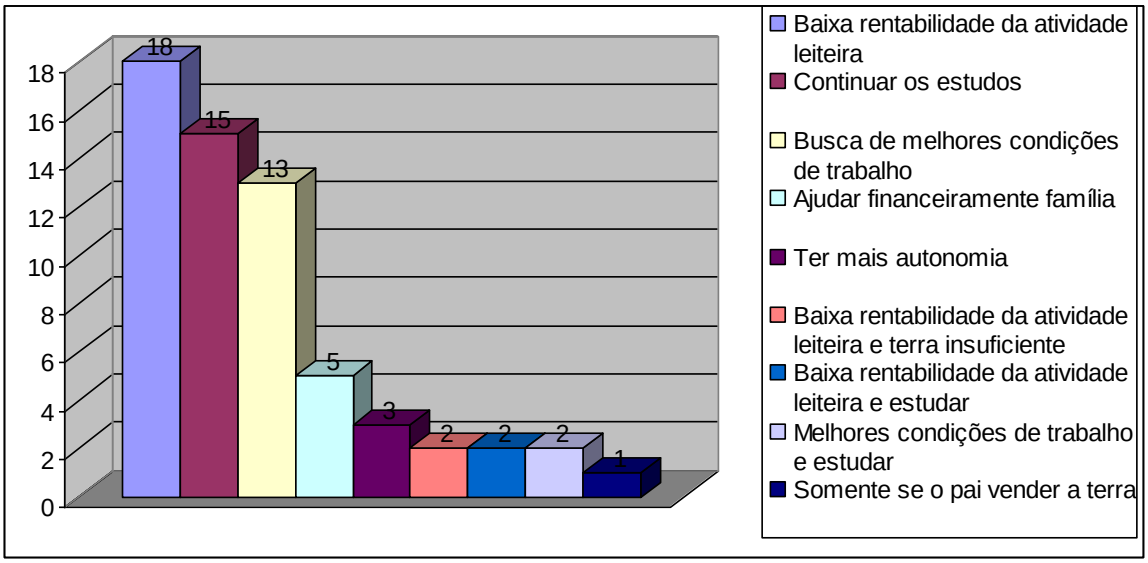

Figura 56 – Motivos apontados pelos possíveis sucessores para deixarem o meio rural
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

A liberdade de escolha entre o rural e o urbano também se evidenciou a partir do questionamento aos possíveis sucessores sobre como eles acreditavam que os pais lidariam com a possível saída deles do rural. Tal como no estudo de Costa (2010) sobre a sucessão na agricultura familiar no Oeste de Santa Catarina, percebemos através dos dados levantados que o projeto de sair não representa uma decisão isolada dos filhos, mas antes conta com a sua não interferência, a sua aceitação e o seu apoio. Este é um indício que fortalece a hipótese defendida por Costa (2010), segundo a qual para que um sucessor se estabeleça é necessário que os outros filhos saiam. Para compensar a saída dos que não serão sucessores, se constroem,

de forma compartilhada entre pais e filhos, os projetos dos mesmos fora das unidades produtivas familiares.

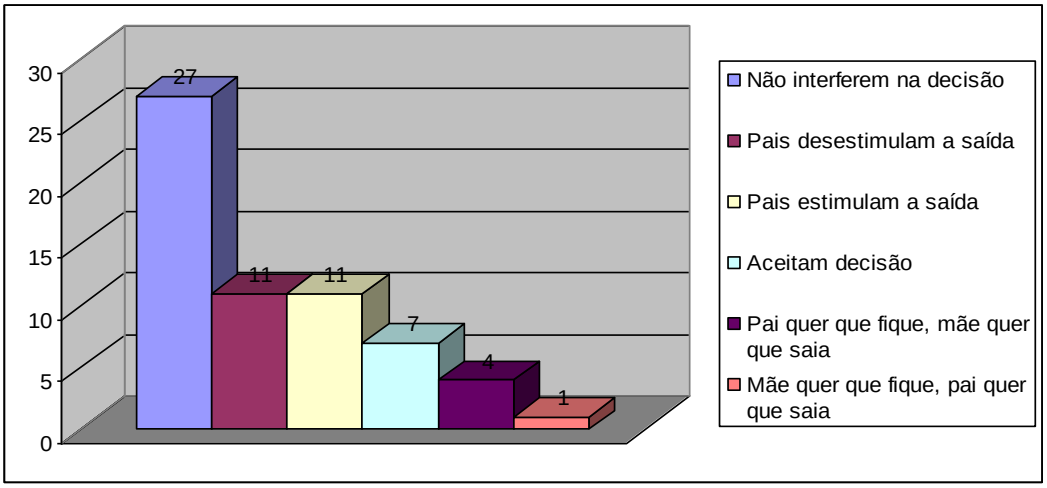

Figura 57 – Percepção dos jovens quanto a reação dos pais em face de um projeto de vida fora do meio rural.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Portanto, com relação ao estudo das estratégias de reprodução dos agricultores, é necessário compreender se as condições e possibilidades de ação as quais estes produtores se defrontam têm influenciado a maneira como estimulam seus filhos a sair ou ficar. Nesse sentido, buscou-se estabelecer uma relação entre o que pensam os possíveis sucessores e seus pais. Questionou-se ao gestor da unidade de produção leiteira familiar, quanto ao tipo de estímulo dado a seus filhos: 38% os estimulavam a deixarem o campo e 16% afirmaram serem indiferentes, pois essa decisão era dos filhos. No entanto, se somarmos os números dos produtores familiares que de maneiras diversas estimulavam a continuidade de seus filhos no meio rural, contamos, de acordo com a Figura 60, com 26 respostas, que representam 46% das intenções dos produtores familiares de leite.

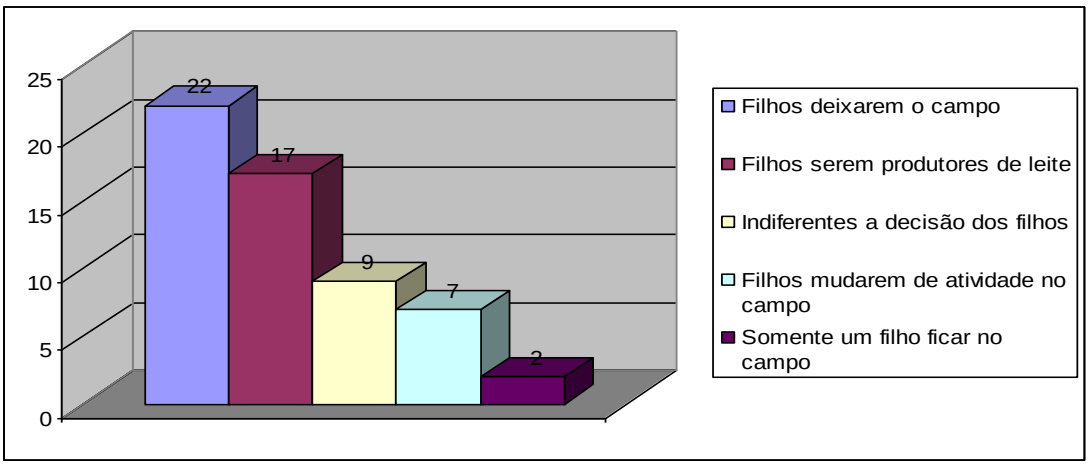

Figura 58 – Maneira como os produtores familiares de leite estimulavam os filhos em relação ao futuro.
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2009)

Ao questionar-se os possíveis sucessores se os pais conversavam sobre o futuro da propriedade, 82% declararam que eles discutiam em casa sobre o futuro da propriedade sem, no entanto, tratar explicitamente sobre quem seria o sucessor e quando a transferência deveria se efetivar. Talvez pelo fato da sucessão envolver a morte do patriarca ou a passagem da gestão e do poder deste para o filho, tal processo não aconteça de forma clara. É preciso considerar que a relação entre diferentes gerações, que é também uma relação entre “transmissores” e “herdeiros”, coloca em evidência um dos grandes problemas do homem: a perenidade e a finitude da vida. A saída do comando da unidade de produção pode representar uma “morte simbólica” para o agricultor familiar. Portanto, o processo de sucessão está ligado à idéia de fim natural ou simbólico e início de uma nova maneira de pensar e agir. O sucessor é formado, portanto, para conduzir ou conviver com as transformações necessárias na condução do patrimônio familiar.

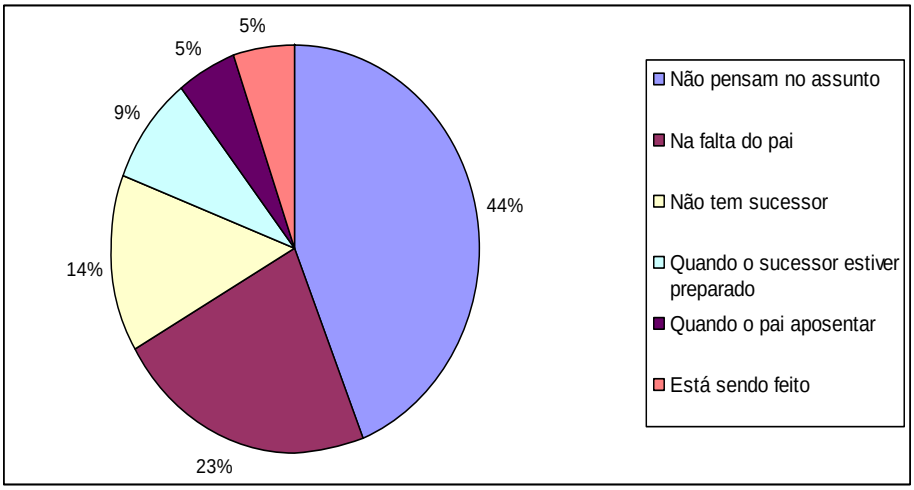

Figura 59 – Opinião quanto ao momento de transferir a propriedade para um sucessor na ótica dos gestores.
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2009)

A indefinição quanto ao filho escolhido para suceder o pai na propriedade aponta para uma tendência de manifestação de um padrão tradicionalmente implementado, quando se assume que o filho mais velho ou o mais novo será o sucessor, mas reforça a tendência de uma transferência de gestão do patrimônio familiar que se dá de forma velada, quando se afirma, por exemplo, que o sucessor será aquele que tiver maior afinidade, como pode ser visto na Figura 62, a seguir.

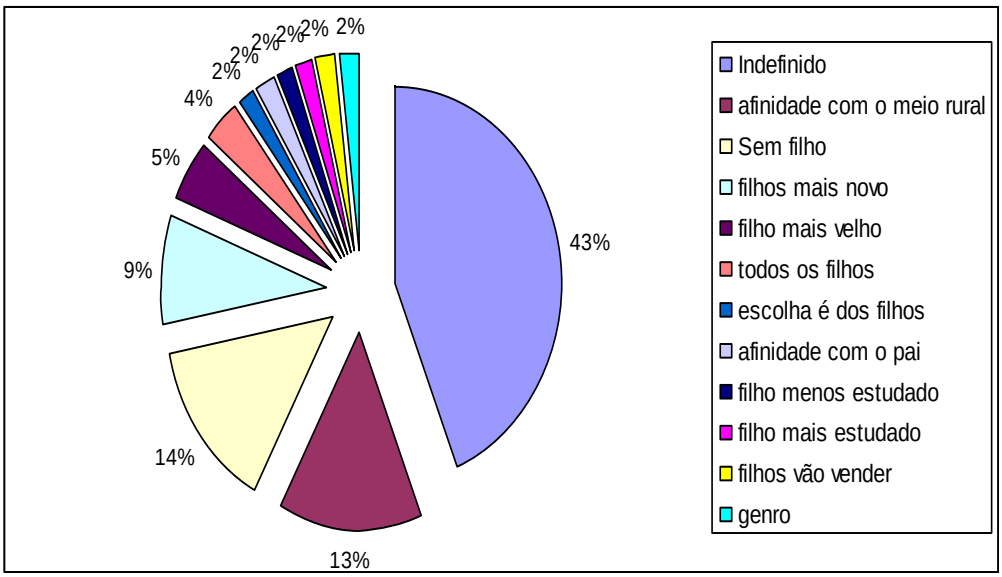

Figura 60 – Distribuição percentual do gestor da unidade de produção leiteira familiar sobre quem ele acredita ser o sucessor
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2009)

A situação velada no processo sucessório pode ser observada, ainda, na Figura 63 ao perceber-se que, para mais da metade dos gestores, não se deve escolher o

sucessor. Para 91,8% dos entrevistados todos os herdeiros receberão partes iguais. Assim, parece ficar claro que o fato de ter direito à herança se constitui em um fato independente de se tornar sucessor. A preservação do patrimônio familiar parece configurar-se através dos costumes e não da lei[9].

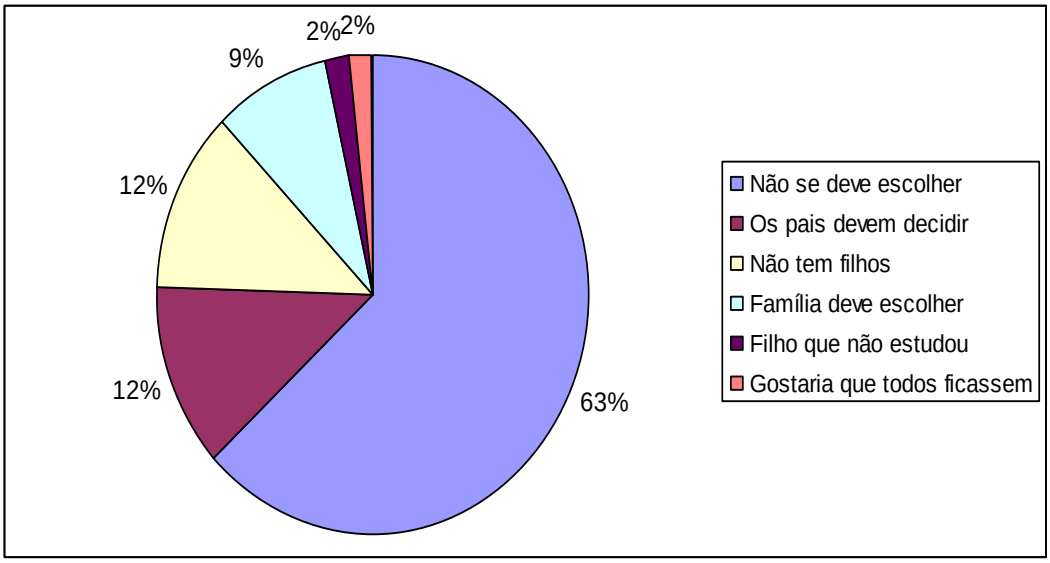

Figura 61 – Opinião dos gestores sobre a escolha sucessor.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Na opinião da maioria dos filhos de produtores entrevistados, a afinidade com o meio rural era o aspecto principal na definição do pai quanto ao filho que ficaria na unidade produtiva familiar. Ou seja, a definição por afinidade aponta para um critério subjetivo, muitas vezes construído com base nos costumes e que se estabelece por meio de comunicação por afinidade estreita entre o patriarca e o filho "próximo". Neste sentido, segundo os entrevistados o melhor seria se o gestor fosse passando a responsabilidade aos poucos para o sucessor e fosse acompanhando o processo, como um conselheiro. A elaboração conjunta de um planejamento entre o possível sucessor e o atual gestor, resguardaria a unidade de produção familiar de rupturas bruscas.

[9] Art. 1784 do Código Civil: "Aberta a sucessão, o domínio e a posse da herança transmitem-se, desde logo aos herdeiros legítimos e testamentários".

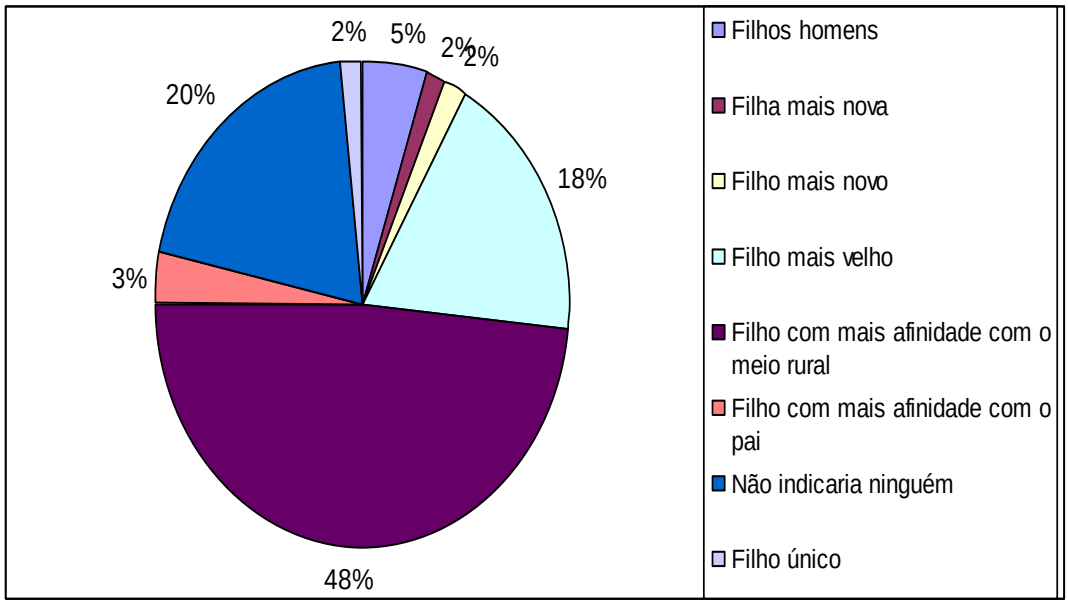

Figura 64 – Opinião dos filhos quanto a definição do pai sobre os possíveis sucessores.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Observamos que em momento algum a filha mais nova foi considerada como sucessora na propriedade: 54% disseram que não havia possibilidade das filhas lhe sucederem, 33% responderam que elas não demonstravam interesse e por isto não se tornavam sucessoras e apenas 13% se referiram ao preceito constitucional de que a terra é para os filhos e filhas. A falta de autonomia e igualdade de oportunidades têm sido apontadas por outros pesquisadores como resultando em um processo de masculização do campo (CARNEIRO e CASTRO, 2007).

4.5 Atratividade da vida urbana como um fator interveniente no processo sucessório

Quanto à atração que a vida na cidade exerce sobre os possíveis sucessores verificou-se que está vinculada ao interesse em dar continuidade aos estudos, o que não determina a migração para o urbano. Reportando às Figuras 48 e 49, apresentadas no início do capítulo, podemos perceber que esses possíveis sucessores estão no ensino médio e há um interesse por cursos ligados ao meio rural.

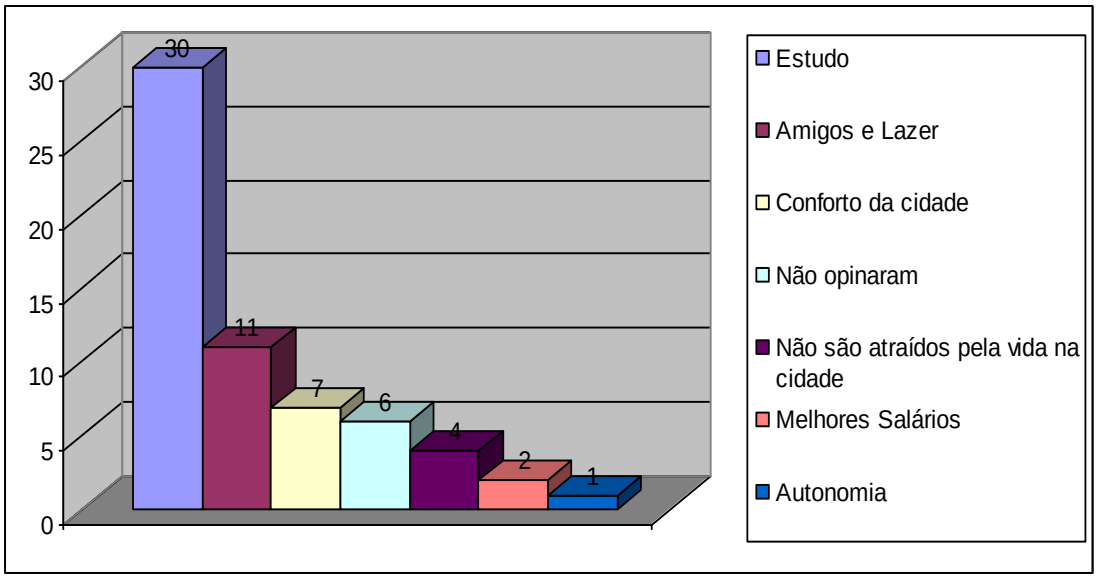

Figura 62 – Fator de atração dos possíveis sucessores pela vida na cidade.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2009.

Concluindo este capítulo, podemos afirmar que, se por um lado os gestores e seus filhos destacaram fatores negativos influenciando o processo sucessório nas unidades produtivas familiares, tais como a centralidade da autoridade paterna, o baixo nível tecnológico e administrativo das unidades produtivas de leite, o trabalho árduo e contínuo que a atividade exigia, por outro lado, os fatores positivos como a proximidade campo-cidade e a possibilidade de acesso ao melhor dos dois mundos, a renda mensal e a possibilidade de poupança através dos bezerros se mostraram como fatores contribuintes para a sustentabilidade do modo de vida do produtor rural. Todavia, as duas coisas não se mostraram necessariamente ligadas, ser produtor de leite é “uma” forma de ser produtor rural, não “a única”. A tendência crescente da atividade de recria ilustra isto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi compreender os fatores que influenciam o processo sucessório nas unidades familiares produtoras de leite no município de Leopoldina-MG. Com relação às características do grupo familiar, a pesquisa evidenciou, sobre os gestores das unidades familiares, que esses tinham em média 56 anos e tornaram-se donos da propriedade por volta dos 29 anos, época em que constituíram família. Os gestores possuíam menor escolaridade que os filhos. Os filhos e filhas possuíam escolaridade em nível médio. As esposas, assim como os filhos, se envolvem mais com a produção leiteira nos estratos de maior produção. A presença dos filhos é mais significativa do que a da esposa em todos os estratos. O número de filhos vivendo no campo é menor que na cidade, confirmando a tendência de maior migração campo-cidade, principalmente nos estratos de menor produção. No tocante a composição da renda dos agricultores familiares pesquisados, a pesquisa evidenciou a importância da aposentadoria seguida pela pecuária leiteira.

A atividade leiteira praticada em Leopoldina utiliza a terra de forma extensiva, o que a torna um valor central e a herança uma estratégia de preservação do patrimônio familiar com um ou dois filhos como gestores. A tecnologia utilizada na produção leiteira é baixa, com animais meio sangue holandês com zebu, utilização de monta natural como método de reprodução, baixa oferta de volumoso e sem suplementação alimentar. Complementa o baixo nível tecnológico a utilização de aleitamento natural para o bezerro, a ordenha manual e uma única vez ao dia. A alteração tecnológica mais significativa na produção se deu por força da Instrução Normativa 51, que aumentou as exigências em torno da qualidade do leite. A eficiência da administração da unidade produtiva é baixa e o controle zootécnico inexistente. Para completar o quadro de uma atividade exercida em moldes distantes da concepção de negócio, a assistência técnica também é pouco abrangente, atingindo menos de 10% dos produtores.

Os gestores têm uma avaliação negativa da atividade leiteira, mas a maioria dos entrevistados manifestou a disposição em mantê-la ou aumentá-la, em função da sua geração de renda mensal e da possibilidade de poupança para o futuro através

das bezerras. No tocante ao significado da propriedade e da atividade leiteira para os possíveis sucessores, observou-se que a condição de produtor rural não está indissoluvelmente ligada à atividade leiteira, em virtude da mudança de atividade ter sido contemplada como uma estratégia para driblar as dificuldades de reprodução da unidade produtiva familiar.

Fica confirmada, na pesquisa, a hipótese apresentada de que os fatores culturais relacionados à cultura camponesa, como a forte hierarquia intergeracional, caracterizada pela centralidade do pai, bem como pela submissão da mulher, especialmente da jovem, podem ser considerados como fatores que incidem sobre o processo sucessório. Quanto a segunda hipótese apresentada no trabalho que se refere à consideração da tecnificação como um fator favorável à sucessão em unidades produtivas familiares, vimos que o baixo nível não se constituiu em um fator restritivo à reprodução do modo de vida do agricultor familiar. Se a atividade em si apresenta limitações começa-se a procurar novas estratégias produtivas que permitam manter a condição de agricultor familiar. Já no que diz respeito à atividade leiteira, por esta ter uma geração de renda de frequência quinzenal ou mensal, propicia um contexto favorável à sucessão na agricultura, confirmando a terceira hipótese levantada.

No tocante a última hipótese, a de que as ações coletivas das famílias a partir da utilização dos tanques de resfriamento coletivo nas comunidades constituíam-se em um fator favorável à sucessão nas unidades de produção familiar, esta não pôde ser comprovada nem negada a partir dos dados obtidos na pesquisa, em virtude de tais ações coletivas ainda serem muito incipientes. No que diz respeito a uma possível especificidade da atividade leiteira, a pesquisa demonstrou que a renda mensal e a possibilidade de poupança em longo prazo, através da criação das bezerras, se constitui em uma segurança para o agricultor familiar e como uma possibilidade de sustento para a sua família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Brasília: NEAD, 2000. 122 p.

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998. 101 p.

ALENCAR, E. **Associativismo rural e participação**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1997. 99 p.

ALMEIDA, M. W. B. de. **Redescobrindo a Família Rural**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Campinas, v.1, p.66-83, jun.1986.

ALVES, A. A. **As transformações recentes na economia leiteira: impactos e perspectivas no plano da mesorregiões mineiras.** 153 f. Uberlândia/MG, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico), Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, 2000.

BIANCHINI, V. **Políticas Públicas para Jovens do Campo**. Revista Marco Social – Juventude e Desenvolvimento Rural. Instituto Souza Cruz. Rio de Janeiro Vol. 06 nº 01/2004. p.22 a 25.

BLASENHEIM, P. **Uma história regional**: a zona da mata mineira (1870-1906). Centro de Estudos Mineiros. Seminário de Estudos Mineiros, UFMG/PROED, 1982.

BRANDÃO, C. R. Parentes e Parceiros. In: Almeida, M. S. K. de. **Colcha de Retalhos, estudo sobre a família no Brasil.** Editora Brasiliense: São Paulo, 1982.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 51 – Regulamentos Técnicos de Produção, Identidade e Qualidade do Leite tipo A, do Leite tipo B, do Leite tipo C, do Leite Pasteurizado e do Leite Cru Refrigerado e o Regulamento Técnico da Coleta de Leite Cru Refrigerado e seu Transporte a Granel, em conformidade com os Anexos. **Diário Oficial da União,** Brasília, n. 183 – Seção I, 18 set. 2002. p. 13-22.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E.G. **Juventude Rural e perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21-34

BRUMER, A. Gênero e Agricultura: A Situação da Mulher na Agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, jan-abr, 2004.

BRUMER, A. **Terra e produção: estratégias desenvolvidas por pequenos produtores modernizados face aos limites da escassez de terra.** *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*, Porto Alegre, v-25, p 58- 1995.

CALEGAR, G. Em busca da competitividade na atividade leiteira. **Boletim do Leite**. n. 48, 1998, p. 1-4.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
CAMARGO, A.C; RIBEIRO, W.M. Projeto Agricultura Familiar Gado de Leite. **Manejo de Bovinos Leiteiros**. Embrapa Pecuária Sudeste. 2005. 1 CD-ROM

CAMPOS, A. A.; LUBECK, G. M.; SOUZA, R. P.; LESAMA, M. F. **Estudo sobre os sistemas produtivos, cooperativados e agroindústrias do leite desenvolvido pela agricultura familiar no estado do Rio Grande do Sul.** 2002. (Relatório de pesquisa).

CARNEIRO, A. V. **Evolução dos sistemas de produção de leite na Zona da Mata - MG, no período de 1974-1994**. Viçosa: UFV, 1995. 109 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, 1995.

CARNEIRO, M. J. **Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica** SCHNEIDER, Sérgio (org.) A Diversidade na Agricultura Familiar. Porto Alegre Ed.UFRGS, 2006.

_____. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. *Estudos Feministas*, ano 9, 1/2001.

_____. **Em que consiste o familiar na agricultura familiar?** In: OFICINA DE ATUALIZAÇÃO TEMÁTICA: ocupações rurais não-agrícolas, Londrina, 2000.
Carneiro (1999)
_____. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais.** Teixeira da Silva, F.C., R. Santos, L.F.C. Costa (orgs) Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Ed. Campus/Pronex, 1999.

CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. C. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASALI, A.S.D. **Análise da estacionalidade da produção de leite na Zona da Mata - MG, ano agrícola 1977/78**. Viçosa: UFV, 1981. 73 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural), Universidade Federal de Viçosa, 1981.

CHAMPAGNE, P. La reproduction de l´identité. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales,** Paris, n. 65, p. 41-64, nov. 1986a.

CHAMPAGNE, P. Elargissement de l´espace social et crise de l´identité paysanne. **Cahiers d´Economie et Sociologie Rurales**, Paris, n.3, p.73-89, dez. 1986b.
BRASIL. **Novo Código Civil**. Lei nº 10.403 de 10 de janeiro de 2002. Aprova o novo código civil brasileiro. Brasília, DF, 2002.

CORONA, H. M. P.; POSSAMAI, E. Agroindústrias familiares de leite: uma estratégia de desenvolvimento da agricultura familiar da microrregião de Pato Branco/PR. **Cadernos de Economia**. Chapecó, Argos, ano 7, n. 12, 2003, p. 7-38.

COSTA, Adriana Maria da Silva . **Fatores econômicos e culturais da sucessão na agricultura familiar:** um estudo sobre o oeste catarinense. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. UFV, Viçosa, 2010.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. Diferença de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina. **Sociologias**, ano 5, nº 10, 2003, p. 100-152.

DIAGNÓSTICO DA PECUÁRIA LEITEIRA DO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 2005**. Relatório de pesquisa.** Belo Horizonte: FAEMG, 2006.156 p.

DÜRR, J. W. Programa nacional de melhoria da qualidade do leite: uma oportunidade única. In: DÜRR, J. W.; CARVALHO, M. P. de; SANTOS, M. V. (Org.). **O compromisso com a qualidade do leite no Brasil**. 1. ed. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 38-56.

FELLET, V. K. Breve Histórico da Pecuária Leiteira Nacional. **Boletim do Leite**, n. 85, p. 1- 2, 2001.

FERREIRA, R. G.; ORTEGA, A. C. **Progresso técnico e agricultura familiar** – impactos sobre a ocupação e a migração rural-urbana nas microrregiões de patos de minas e patrocínio. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A034.PDF. Acesso em 19 maio 2009.

FONSECA, L. F. L. da; SANTOS, M. V. dos. A nova geografia do leite no Brasil In: CARVALHO, M. P. de; SANTOS, M. V. dos (orgs.). **O Brasil e a nova era do mercado de leite**: Compreender para competir. Piracicaba: AgriPoint, 2007. p. 33-46.

FORTES, M. **O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico.** In: Série Textos de Aula. Antropologia 6. Universidade de Brasília. 1974.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional.” In: GIDDENS, Antony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. *Modernização Reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna.* FEU : São Paulo, 1995.

GOMES, A. T.; LEITE, J. L. B. Relacionamento produtor/indústria em bases contratuais. In: SIMPÓSIO MINAS LEITE: Aspectos técnicos, econômicos e sociais da atividade leiteira, 4., 2002, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Juiz de Fora:Embrapa Gado de Leite: Emater-MG: Epamig-CT/ILCT, 2002. p. 29-43.

GOMES, S. T. Diagnóstico e perspectivas da produção de leite no Brasil. In: VILELA, D.; BRESSAN, M.; CUNHA, A. S. (Ed.) **Cadeia de lácteos no Brasil**: restrições ao

seu desenvolvimento. Brasília: MCT/CNPq, Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001a. p. 21-37.

GOMES, S. T. **Sistemas de produção da pecuária de leite em três microrregiões do Estado de Minas Gerais**. Viçosa: UFV, 1976. 128 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, 1976.

GUANZIROLI, C. E.; CARAM, S. E. C. S. (coord.). **Novo retrato da agricultura familiar:** o Brasil redescoberto. Brasília, INCRA/FAO, 2000, 74 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1. Acesso em: 02 set. 2009.

KAGEYAMA, A. As múltiplas fontes de renda das famílias agrícolas brasileiras. **Agricultura em São Paulo**. São Paulo, IEA, v.48, n.2, 2001, p.57-69.

LAMARCHE, H. (Coord). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Trad. Fréderic Brazin. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LAMARCHE, H. (coord.). **A agricultura familiar**: comparação internacional. V. I.Uma realidade multiforme. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. 336p.

_____. **A agricultura familiar**: comparação internacional. V. II. Do mito à realidade. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

LAMAS, F. G. Povoamento e colonização da Mata Mineira no século XVIII. (1988) Disponível em: www.historica.arquivo.sp.gov.br. Acesso em 12 nov. 2009.

MAMIGONIAN, A.; FREITAS, C. V. de. Introdução ao estudo da economia leiteira paulista. **Boletim do Departamento de Geografia**. n.7. FFCL. Presidente Prudente, 1976, p.17-51.

MARTINS, J. de S. **A Sociedade Vista do Abismo**: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2003. 2. ed. 228p.

_____. **Impasses sociais e políticos em relação a reforma agrária e a agricultura familiar no Brasil.** 2001. Disponível em: <http://www.nead.org.br>. Acesso em 06 maio 2009.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil.** 4ª ed. Petrópolis: VOZES, 1990. 132p.

MARTINS, P. C. Oportunidades e desafios para a cadeia produtiva de leite. In: ZOCCAL, R. *et al*. **A inserção do Brasil no mercado internacional de lácteos**. 1. ed. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2005. Cap. 1, p. 11-30.

MEDEIROS, M. R. de **Comparação de sistemas de produção de leite em Leopoldina-MG nos anos 1961 e 1994**. Viçosa: UFV, 2001. 62 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, 2001

MELO, A. D. S. de. **Experiência associativa para aquisição e uso de tanques de expansão e resfriamento de leite** Lavras: UFLA, 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Lavras, 2003.

MELLO, Márcio Antonio de; ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton Luiz; DORIGON, Clovis; FERRARI, Dilvan Luiz; TESTA, Vilson Marcos. **Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura**. 2003. Disponível em: http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos_cientificos/2003/sucessaohereditaria.pdf. Acesso em 05 fev. 2009.

MIGUEL, F. L. P. As estratégias da multinacional Parmalat no Brasil uma análise de seus efeitos sobre o setor leiteiro. In: 34. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 1996, Sergipe. **Anais...** Brasília: SOBER, 1996. v. II, p.882-901.

MINGATTO, F. Os novos caminhos para o leite brasileiro. Infozoo. v. 1, n. 1, jan./fev.2005. Disponível em: <http://www.dracena.unesp.br/infozoo/1/n1-parte2.pdf> . Acessado em: 19 jul. 2008.

MOURA, M. M. **Os herdeiros da Terra**: parentesco e herança numa área rural. São Paulo: Editora Hucitec, 1978. 100 p.

PAULILLO, L. F.; FIGUEIREDO, J. de C. Gênese, modernização e reestruturação do complexo agroindustrial lácteo brasileiro. **Organ. rurais agroind.**, Lavras, v. 7, n. 2, 2005, p. 173-187.

PERACI. A., S. A importância da produção de leite para a agricultura familiar. (2007). Disponível em: http://www.saniquimica.com.br/acervo_detalhe.asp?id=42. Acesso em 11 dez. 2009.

PRADO Jr., C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil.** 37ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RUBEZ, J. **O leite nos últimos 10 anos**. Disponível em: http://www.leitebrasil.org.br/artigos/jrubez_093.htm, 2003. Acesso em 05 jan. 2010.

SANTIAGO, M. H. F. S.; FIÚZA, A. L. de C.; FERREIRA, M. A. M.; SILVA, A. de A. P.; SANTIAGO, A. M. F. **Impactos socioeconômicos resultantes do fenômeno de migração rural no estado de Minas Gerais**, 2009.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S.; NIEDERLE, P. A. Agricultura Familiar e Teorias Social: a diversidade das formas familiares na agricultura. In: FALEIRO, F.G. e FARIAS NETO, A.L. (ed.) **SAVANAS: desafios e estratégias para o equilíbrio entre**

sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, DF, Embrapa Cerrados, 2008, p. 989-1014.

SEYFERTH, G. Herança e estrutura familiar camponesa. Rio de Janeiro: in: **Boletim do Museu Nacional,** Rio de Janeiro, n.52, p.1-27, maio 1985.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Colonos do Vinho. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês no capital**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

TEDESCO, J.C. **Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural**. Passo Fundo: EDIUPF, 2001.

TEIXEIRA, S. R. Leite a granel: custos, vantagens e obrigações. **Revista Brasileira de Agropecuária**. São Paulo: Editora Escala, ano I, n.8.p.41-48.2001.

TOLLINI, H. **Produtividade marginal e uso dos recursos, análise da função de produção de leite em Leopoldina, MG, ano agrícola 1961-1962**. Viçosa: UFV, 1963. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal de Viçosa, 1963.

VALVERDE, O. Estudo Regional da Zona da Mata Mineira. **Revista Brasileira de Geografia**, ano XX, vol 1, 1958. Dados atualizados.

VEIGA, José Eli da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Ed. Universidade/UFRGS: Porto Alegre, 2000.

VILELA, D.; BRESSAN, M.; GOMES, S. T.; *et al*. **O agronegocio do leite e políticas públicas para o seu desenvolvimento sustentáve**l. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2002.

WANDERLEY, Maria N. Prefácio. In: CARNEIRO, Maria J. e MALUF, Renato. (Org.) **Para além da produção:** multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 9-16.

_____. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos(org.). A**gricultura familiar:** realidades e perspectivas. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1999.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel **A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção.** Reforma Agrária, Campinas, v. 25, n. 2/3, p. 37-57, 1995.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais:** Mapa de estudos recentes. Brasília: MDA/NEAD, 2005. 73 p.

WERKEMA, M.C. **Avaliação da qualidade de medidas.** Belo Horizonte: FCO, 1996.

Wilkinson, J. **Competitividade na Indústria de Laticínios**. Campinas, mimeo,1993.

WILKINSON, J. Mercosul e produção familiar: abordagem teórica e estratégias alternativas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 8, p. 25-50, abr. 1997.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, Parentes e Compadres.** São Paulo: Hucitec/Editora da Unb, 1995.

ZOCCAL, R. **Leite: sobe a produção e cai o número de produtores.** Embrapa 2008. Disponível em <www.cnpgl.embrapa.br/nova/sala/noticias/jornaldoleite> Acesso em 05 jul. 2008.
ZOCCAL, R.; GOMES, A. T. Zoneamento da produção de leite. In: ZOCCAL, R. et al. **A inserção do Brasil no mercado internacional de lácteos.** 1. ed. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2005. Cap. 13, p. 163-180.

ZOCCAL, R.; SOUZA, A. D.; GOMES, A. T. **Produção de leite na agricultura familiar**. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2005. 20p. (Embrapa Gado de Leite. Boletim de Pesquisa, 17).

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
PROGRAMA DE MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

Data da entrevista ____/___/2009
Responsável: Maria Helena Furtado Santiago

1. Nome do entrevistado_____ Sexo: ( ) M ( ) F Estado civil: _____ Idade:___ anos

2. Cidade _____ Distrito ou Comunidade: _____
Tamanho da propriedade _____ alqueires (Se não souber, responda mais ou menos)

3. Atividades do PAI ( ) produtor de leite ( ) Horticultor ( ) Cafeicultor ( ) Outras _____

4. Você acha que a profissão dos seus pais é valorizada? **Sim ( ) Não ( )**

5. Sua posição na família ( ) mais novo ( ) mais velho ( ) do meio ( ) único filho(a)

6. Estuda? ( ) sim ( ) não Que ano está cursando ou parou? _____

7. Pretende continuar? **Sim ( ) Não ( )** Que curso pretende estudar? _____

8. Onde você reside? ( ) na cidade ( ) no campo

9. Onde você estuda? ( ) na cidade ( ) no campo

10. No futuro, onde pretende morar e trabalhar? ( ) na cidade ( ) no campo - morar e trabalhar ( ) morar- no campo e trabalhar- na cidade

11. Você trabalha? **( ) sim ( ) não**

12. Se você respondeu **SIM**, onde você trabalha?
( ) na cidade ( ) na sua propriedade rural ( ) na propriedade de terceiros

13. Com quantos anos começou a trabalhar? _____anos

14. No futuro, em que pretende trabalhar? _____

15. O que te motivou a escolher esta profissão? _____

16. Pretende ter alguma atividade ligada ao leite?
( ) não
( ) sim O quê? ( ) Tirar leite ( ) Recriar fêmeas ( )Outra _____

17. Como seu trabalho é visto pelos seus pais: ( ) Ajuda para a família ( ) Obrigação sua

18. Como é sua renda? ( )Ganha dinheiro quando sai ou precisa comprar alguma coisa ( )Tenho salário fixo por mês

19. Como você utiliza o dinheiro que ganha?
a) na propriedade da família para manter ou aumentar a produção
b) nas despesas do dia a dia de toda família (pai/mãe/irmãos)
c) nas despesas do dia a dia de sua família (esposa/marido/filhos)
d) fica para você que investe em bens pessoais (roupa, celular, moto, etc)
e) fica para você que põe na poupança
f) fica para você que compra bezerras

20. Para você, o que é necessário para melhorar as condições de vida das pessoas que vivem no rural?

21. Na sua casa, como as decisões são tomadas?
( ) Somente o pai ( ) Casal ( ) Toda família (pai/mãe/irmãos) ( ) Casal. filhos e filhas que estão na propriedade

22. Você concorda com esta forma de tomar decisões? **Sim ( ) Não ( )**

23. Que motivos levaram /levariam você sair do meio rural?
( ) Baixa rentabilidade na atividade leiteira ( ) Buscar melhor condição de trabalho ( ) Estudar
( ) Ter mais autonomia nas decisões, sem imposição dos pais
( ) Terra insuficiente para sustentar toda família
( )Por não concordar com as idéias dos pais referente a seu futuro, ou da propriedade
( ) ajudar a família financeiramente

24. Seus pais, o que pensam da sua possível saída do meio rural?
( ) Pais mandariam você sair ( ) Pais mandariam você ficar
( ) Aceitam sua decisão, mais não mandariam em você
( ) O pai quer que você fique e a mãe quer que você saia
( ) A mãe quer que você fique e o pai quer que você saia
( ) Não interferem na decisão dos filhos

25. Seus pais conversam com você sobre o futuro da propriedade (o que precisa ser melhorado)? **Sim ( ) Não ( )**

26. O que você acha da atividade leiteira em sua região?

27. Para você, quais as vantagens e desvantagens da atividade leiteira:

VANTAGENS	DESVANTAGENS

28. Caso pudesse escolher, você deseja assumir a propriedade de seu pai?
Sim ( ) Não ( )

29. Se SIM, Você pretende continuar trabalhando na atividade leiteira?
Sim ( ) Não ( )

30. Como você se prepara para continuar na propriedade?
( ) Acompanhando as atividades do dia a dia na propriedade
( ) Pretendo estudar um curso técnico ligado ao meio rural
( ) Pretendo estudar curso superior na área das ciências agrárias
( ) outra _____

31. Em que condições você ficaria com a propriedade da família?
( ) Ficaria, nas mesmas condições de meus pais
( ) Gostaria de modificar. O quê?_____

32. Como você acha que será a divisão de herança?
( ) todos os herdeiros, receberão partes iguais
( ) apenas os homens receberão parte da herança. As mulheres não herdarão
( ) somente os filhos que demonstram interesse pela propriedade herdarão as terras
( ) Não haverá herança. Meus pais vão vender.
( ) outra _____

33. Qual o momento você acha mais adequado para assumir a propriedade de seus pais?
( ) Na falta do pai ( )Quando o casal estiver aposentado ( ) Quando você estiver formado
( ) O pai deve ir passando aos poucos e acompanhando o filho (tirando dúvidas)

34. Você percebe na sua família, interesse em lhe entregar a propriedade?
Sim ( ) Não ( )

35. Na sua opinião, quem seu pai indicaria para assumir a propriedade?
( ) o mais velho sexo masculino ( ) o mais novo do sexo masculino
( ) o mais velho sexo feminino ( ) o mais novo do sexo feminino
( ) o mais estudado ( ) o menos estudado
( ) o que tem mais afinidade com meio rural ( ) o que tem maior afinidade com os pais
( ) acredito que ele não indicaria ninguém

36. Você se sente atraído pela 'vida da cidade'?
Sim ( ) Não ( )

37. O que lhe atrai na cidade?
( ) Lazer
( ) Acesso a internet
( ) Amigos(as)
( ) Relacionamento afetivo
( ) Possibilidade de continuar os estudos
( ) Modo de vida das pessoas na cidade é bem diferente das pessoas que vivem no rural
( )Vida agitada da cidade

38. O que a propriedade de sua família representa para você?
_____

39. Você acha que a tecnificação da atividade leiteira é um fator estimulante para continuar na atividade? **Sim ( ) Não ( )**

40. Para você a renda que a atividade leiteira propicia é um fator estimulante para continuar na atividade? **Sim ( ) Não ( )**

41. Você acredita que receber mensal o leite é um fator motivador para continuar na atividade leiteira? **Sim ( ) Não ( )**

42. Sua família participa de tanques de resfriamento comunitários? **Sim ( ) Não ( )**

43. Se você respondeu **SIM**, observa ações coletivas (compra de insumos em conjunto, negociação preço do leite, diminuição custos de transporte do leite, por exemplo) após sua família aderir ao tanque comunitário? **Sim ( ) Não ( )**

44. O que você pensa sobre isso? _____

43. Na sua opinião é possível viver somente da atividade leiteira (ordenha e recria)?
Sim ( ) Não ( )

44. Você observa sucesso econômico da sua família na atividade leiteira(ordenha e recria)? **Sim ( ) Não ( )**

45. Na sua opinião seus pais têm um lucro satisfatório na produção de leite**? Sim ( ) Não ( )**

46. Quando falamos de modernidade no campo, o que você pensa?_____

47. Quais os seus projetos (sonhos, ideais, perspectivas, planos, expectativas) para o futuro?-
_____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
PROGRAMA DE MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

Questionário nº _____
Data da entrevista _____/Set/2009
Leopoldina-MG
Distrito _____
Comunidade _____
Responsável: Maria Helena Furtado Santiago

A) Dados do Produtor

Responsável pela propriedade	Idade	Sexo		Estado Civil	Escolaridade				Idade que começou a lidar com ativ. leiteira	Idade que se tornou proprietário
		F	M		Analfabeto	Ens.Funda-mental	Médio	Superior		
apelido:										

B) Dados da composição Familiar

C) Ocupação dos membros da família

Dependentes	Idade	Escolaridade	Residência		Estudante (citar curso)	Trabalha na cidade (citar a ocupação)	Trabalha na propriedade		Há alguém trabalhando em outra propriedade ?	
			Rural	Urbana			O que faz?	Recebe salário?	O que faz?	salário

Se houver alguém trabalhando na cidade ou em outra propriedade, identificar:

Parentesco com o proprietário	Local de residência		Distância da propriedade	Qual a principal razão que levou a trabalhar 'fora'?	Fornecem algum tipo de ajuda nas atividades dentro da propriedade (financeira ou em termos de trabalho)
	Na propriedade	Na cidade			

1. A renda obtida do trabalho não agrícola dos membros da família é investida:

a) na propriedade para manter ou aumentar a produção
b) nas despesas do dia a dia de toda família
c) em ambas
d) fica para quem trabalha fora e este investe em bens pessoais (roupa, celular, moto, etc)
e) fica para quem trabalha fora e este guarda (poupa)

2. Marque o que compõe a renda da família e circule a principal.

a _____ vem da atividade leiteira
b_____ vem de outras culturas. Citar: _____
c_____ vem do trabalho não agrícola na propriedade. Citar: _____
d_____ vem do trabalho em outras propriedades (p/ terceiros).
e_____ vem de arrendamento
f_____ vem do trabalho na cidade.
g_____ vem de aposentadorias/ pensão
h_____ vem de outras rendas (aluguéis, etc)

3. Área total da propriedade: _____ ha
Área ocupada com atividade leiteira:_____ ha

Possui ou arrenda outra área em atividade decorrente da atividade leiteira ?
( ) não ( ) sim, área (ha): _____

4. Como obteve as terras?

( ) herança ( ) compra de parentes ( ) compra de terceiros ( ) através de doação ( ) outra _____

Se for por herança, quem foram os herdeiros:
( ) o marido herdou de sua família ( ) a esposa herdou de sua família ( ) ambos herdaram partes que compõem a propriedade

5. Benfeitorias
___ Casas de moradia ___ barracão ou galpão ___ Curral ___ estábulo ___ Depósito/tulha ___paiol ___Silo p/ silagem ___ poço semi-artesiano

Distribuição e tomada de decisão	Quem participa nas decisões sobre a propriedade					
	Somente o pai	Casal	Casal, filhos e filhas que estão na propriedade	Casal e filhos	Toda família	Outro
Sobre a produção de leite						
Distribuição dos serviços						
Para quem vender o leite						
Para quem e quando vender animais						
Gastos da Família						
Onde investir						

6. Considerando sua experiência na atividade leiteira o Sr.:
(a) Estimula todos os filhos a serem produtores de leite
(b) Estimula todos os filhos a trabalharem na propriedade, mesmo que não seja na pecuária leiteira
(c) Estimula um só filho a ser produtor de leite
(d) Não influencia os filhos nem a favor, nem contra
(e) Estimula os filhos a deixarem o campo
(f) outro _____
Por que pensa assim?
_____
_____
_____

7. Quem o Sr. acredita que ficará na propriedade?
(a) Já foi definido
(b) Não sabe quem ficará, mas um ficará
(c) Não sabe se alguém ficará na propriedade

(d) Ninguém demonstra interesse em ficar.
(e) A propriedade deverá ser vendida
(f) Os filhos são muito jovens para fazer a escolha
(g) Outra _____

8. Como o Sr. acredita que deve ser escolhido o sucessor?
(a) A escolha deverá ser feita pelos pais
(b) Somente os homens deveriam participar da escolha
(c) Todos os membros da família deverão participar da escolha
(d) Não se deve escolher
(e) Outra _____

9. Quem o Sr. acredita ser o sucessor?
(a) O filho mais velho
(b) O filho mais novo
(c) O filho mais estudado
(d) O filho menos estudado.
(e) O filho que mais gostar da propriedade
(f) Os filho que tem mais afinidade com o pai
(g) Não tem critério definido
(h) Outra _____

10. Em que momento o Sr. acredita que deve ser feita a a transferência do controle da propriedade:
(a) Quando os pais tiverem uma renda garantida (aposentadoria, aluguel, etc)
(b) Quando o sucessor estiver preparado
(c) Não será feita enquanto o pai estiver em condições de dirigir a propriedade
(d) Não pensaram ainda
(e) Outra _____

11. Há a possibilidade de alguma das filhas o suceder na propriedade?
(a) Sim, pois existe terra para todos os filhos
(b) Sim, desde que apresentem interesse.
(c) Nenhuma filha será sucessora
(d) Depende do relacionamento do genro com o sogro e a sogra

12. Quais são as suas expectativas em relação à propriedade?

_____

PRODUÇÃO DE LEITE:

1. Composição do rebanho: Nº médio de **vacas em lactação** no ano (cab) _____
Nº médio **total de vacas no ano** (cab) _____
Nº total médio de **animais do rebanho** no ano (cab) _____

2. Esse número de cabeças, nos últimos anos:
( ) Tem aumentado
( ) Tem se mantido
( ) Tem diminuído

3. Número de pessoas envolvidas na atividade leiteira

Ordenha das vacas		**Trato dos animais**		**Manejo dos bezerros**		**Outras (especificar)**		
Familiar	Contratada	Familiar	Contratada	Familiar	Contratada	Familiar	Contratada	

4. Sistema de Ordenha
Tipo de ordenha: (a) manual (b) mecânica

5.Presença do bezerro:
(a) com bezerro ao pé da vaca (b) sem bezerro

6. No caso de mecânica, qual o tipo de equipamento?
(a) balde ao pé (b) canalizada

7. Local de ordenha
( ) curral ( )estábulo: sem piso de concreto ( ) com piso de concreto ( ) sala de ordenha

8. N.º de ordenhas/dia
(a) Uma (b) Duas (c) Duas na maior parte do ano e Três esporadicamente

9. Preocupa-se com a qualidade do leite: (a) Sim. (b) Não.
Por quê?

_____

10. Sistema de Acasalamento
(a) monta natural (b) monta controlada (c) inseminação artificial

11. Sistema de Aleitamento
(a) natural (b) artificial

12. Recebe asssistência técnica?
a) EMATER (pública) b) LAC (cooperativa) c) Particular d) Loja de produtos veterinários e)Outra
_____

13. O Sr. faz planilha de custo do leite que produz? (a) Sim (b) Não

14. O Sr. acredita que a renda obtida pela venda do leite atualmente, é suficiente para pagar os custos da produção?
(a) Sim (b) Não

15. OSr. conhece a nova legislação para produção de leite com qualidade (IN 51)?
(a) Sim. Como ou por quem obteve a informação? _____ (b) Já ouvi falar (c) Não

16. O que o senhor <u>já fez</u> para atender a nova legislação (IN 51)?
(a) Associei-me a outros produtores(as)
(b) Passei a processar o leite na propriedade e vender derivados (queijos,doces)
(c) Adquirir meu próprio tanque de resfriamento
(d) Outro. Qual?
_____

17. O Sr. usa suplementação com volumosos nas águas
(a) Não usa (b) cana de açúcar (c) capineira (d) silagem de milho (e) silagem de capim (f) outras
_____

18. O Sr. usa Suplementação com volumosos na seca
(a) Não usa (b) cana de açúcar (c) capineira (d) silagem de milho (e) silagem de capim (f) outras
_____

19. O Sr. usa ração concentrada para vacas em lactação

	nas águas	na seca
(a) sim		
(b) não		

20. Opção genética das vacas
(a) Sem padrão definido (b) Meio sangue HZ (c) Mestiço HZ (+ para europeu) (d) Mestiço HZ (+ para zebu) (e) Europeu puro (f) Zebu puro

21. Tem resfriador de leite ?
(a) Sim. Qual a capacidade: _____litros (b) Não.

22. Se sim, marcar: particular - comunitário

23. Se comunitário – Para o Sr. observa quais vantagens no tanque comunitário? ( ) Preço melhor para o leite ( ) Outra
_____
_____

24. Já teve alguma experiência anterior com trabalho de parceria com outros produtores?
( ) Sim ( ) Não

25. Se SIM, como foi a essa experiência?
( ) Muito ruim ( ) Ruim ( ) Razoável ( ) Boa ( ) Muito boa

26. Já participou de alguma associação comunitária?
( ) Sim ( ) Não

27. Se SIM,, como foi a essa experiência?
( ) Muito ruim ( ) Ruim ( ) Razoável ( ) Boa ( ) Muito boa

28. Como se deu o processo de aquisição do tanque comunitário? _____
_____

29. E a sua utilização pela produtores, como está organizada?_____
_____

30. Como está sendo sua experiência com esta Associação de produtores em torno do tanque comunitário?
( ) Muito ruim ( ) Ruim ( ) Razoável ( ) Boa ( ) Muito boa

31. Para o Sr. houve algum benefício na utilização do tanque comunitário?
_____

32. Na sua opinião, o tanque comunitário:
( ) aproximou mais os produtores
( ) gerou discordâncias e disputas

33. Para o Sr. o tanque comunitário interferiu em alguma das ações listadas abaixo?

AÇÕES	SIM	NÃO	EM PARTE
Troca de experiências entre os produtores			
Ampliação do acesso à conhecimentos como divulgação de cursos e revistas especializadas			
Acesso a novas tecnologias e equipamentos			
Melhoria da qualidade do leite que o Sr. produz			
Poder de barganha no preço do leite			
Poder de barganha na compra de insumos			
Redução do custo de transporte			
Possibilita o uso de trator ou implementos com custo reduzido			
Fortalece amizade entre os associados			
Fortalecimento da atividade pecuária na região			

34. Como o Sr. tem observado a atividade leiteira atualmente?
( ) melhorou
( ) piorou
( ) continua na mesma
( ) está péssima
( ) varia muito durante o ano

35. Qual o principal motivo desta situação para o Sr.?

_____

38. Qual o principal problema enfrentado pelo Sr. com a atividade leiteira?_____

39. Quais as razões que o Sr. atribui para produzir leite?
(a) É um negócio lucrativo;
(b) Tem renda mensal ou quinzenal;
(c) Combina com outras explorações da propriedade;
(d) Tem mercado garantido;
(e) Não sabe fazer outra coisa;
(f) Emprega a família.

40. Qual das opções abaixo contribuíram para mantê-lo na atividade leiteira?
( ) Modernização tecnológica, seguindo as recomendações dos técnicos
( ) Modernização tecnológica, muitas vezes após outros produtores adotarem as técnicas.
( ) Diversificação e/ou mudança de culturas/criações da propriedade em épocas difíceis.
( ) Persistência nas atividades mesmo nas épocas críticas.
( ) Ter trabalhado basicamente com a família
( ) Ajuda de parentes, vizinhos, e o fato tê-los ajudado também.
( ) Ter buscado formas associativas de comercializar, comprar e/ou produzir.
( ) Mudança individual na forma de comercializar os produtos, diferenciando-se dos outros produtores.
( ) Sempre ter mantido rendas não-agrícolas para completar orçamento e/ou investir na unidade familiar
( ) Quando se tornou mais difícil a situação, a família buscou obter rendas fora da atividade agropecuária.
( ) Outra:_____

41.Caso haja uma piora de renda na pecuária leiteira, o Sr. pensa em fazer o quê?
(a)Continuar a fazer o mesmo e esperar que a crise passe
(b) buscar aperfeiçoamentos tecnológicos para melhorar a produção na propriedade
(c) deixar de trabalhar com o leite e buscar outra atividade agrícola
(d) procurar emprego em alguma atividade não-agrícola, sem vender a terra;
(e)Vender as terras

42. Para o futuro, o que o Sr. pretende fazer em relação a atividade leiteira?
(a) Aumentar a produção de leite
(b) Reduzir a produção de leite
(c) Manter a produção de leite
(d) Melhorar a tecnologia e aumentar a produção
(e) Abandonar a atividade
Por quê?
_____

43. Como o Sr vê em termos de futuro a atividade leiteira para sua família?
(a) Vamos continuar na propriedade mexendo com leite
(b) Continuar na propriedade, mas mudar de atividade
(c) Mudar para a cidade
(d) outra